

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Câmpus de Franca

DENIR ALVES DE SOUZA

**VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA:
UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NOS ESPAÇOS E
POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS**

**BLACK VOICES IN FRANCAN CULTURE: A LOOK AT THE PARTICIPATION OF
BLACK PEOPLE IN CULTURAL SPACES AND PUBLIC POLICIES**

FRANCA-SP
2025



DENIR ALVES DE SOUZA

**VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA:
UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NOS ESPAÇOS E
POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS**

**Dissertação apresentada à
Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais de Franca, para
obtenção do título de Mestre em
Planejamento e Análise de Políticas
Públicas.**

**Área de Concentração: Instituições,
Cidadania e Políticas Sociais**

**Orientador: Prof. Dr. Jonas Rafael dos
Santos**

FRANCA-SP

2025

S729v

Souza, Denir Alves

Vozes Negras na cultura francana: Um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais / Denir Alves Souza. -- Franca, 2025 215 p. : il., fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientador: Jonas Rafael Santos

1. Cultura Afro-Brasileira. 2. População negra – Franca (SP). 3. Políticas públicas culturais.. 4. Racismo. 5.

Representatividade negra – Artes e audiovisual.. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.

Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa fortalece a visibilidade negra em Franca, amplia o acesso à cultura e combate a invisibilidade e o racismo ao registrar memórias e trajetórias culturais. O documentário contribui para políticas públicas mais inclusivas e para a promoção da equidade racial.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The research strengthens Black visibility in Franca, expands access to culture, and combats invisibility and racism by recording memories and cultural trajectories. The documentary contributes to more inclusive public policies and to the promotion of racial equity.

DENIR ALVES DE SOUZA

**VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA: UM OLHAR SOBRE A
PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NOS ESPAÇOS E POLÍTICAS PÚBLICAS
CULTURAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Análise de Políticas Públicas.

Área de Concentração: Instituições, Cidadania e Políticas Sociais

Data da defesa: 28/08/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jonas Rafael dos Santos
UNESP - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Câmpus de Franca

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz
UEMS- Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Alexandre Mendes Marques
UNESP- Universidade Estadual Paulista

Dedico este trabalho ao meu grande amor,
minha querida Mãe, Darci Ana de Souza,
(*In memoriam*) que foi minha maior
incentivadora.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial à minha mãe, Darci (*in memoriam*), minha maior incentivadora, cuja força, coragem e amor seguem presentes nesta conquista. Sua memória continua sendo a luz que orienta meus passos e sustenta minha caminhada.

A Deus, agradeço por me conduzir através dos vales, colocar claridade onde antes havia escuridão e renovar minhas forças sempre que o caminho parecia difícil.

Agradeço, com profunda gratidão, ao meu orientador, Professor Dr. Jonas Rafael dos Santos, pela orientação dedicada, pela paciência e por caminhar comigo nesta jornada intensa e transformadora do conhecimento. Sua confiança na minha capacidade foi essencial, especialmente em um percurso em que, muitas vezes, a cor antecede a competência aos olhos do mundo.

À banca examinadora, registro meus sinceros agradecimentos pelas contribuições valiosas e pela atenção dedicada à minha trajetória acadêmica.

Ao meu marido, Welson, sou imensamente grata pelo amor, pela parceria e pelo apoio constante em todos os momentos desta caminhada.

À minha família e aos amigos, deixo meu afeto e reconhecimento por todo incentivo, compreensão e presença, sobretudo nos períodos mais desafiadores.

Expresso também minha gratidão a todas as pessoas que fizeram e fazem parte da minha trajetória e que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui. cada gesto, palavra, oportunidade e encontro atravessou esta pesquisa de forma significativa, fortalecendo minha jornada, minha identidade e meu compromisso com a cultura, com a memória e com a luta antirracista.

A todos que, de algum modo, colocaram suas mãos, suas vozes e seus afetos na construção deste caminho, meu muito obrigada.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo apresentar o processo de elaboração do curta metragem *Vozes Negras Na Cultura Francana: A participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais*, desde a idealização do projeto, passando pela submissão no edital de chamamento público no 12/2023 – processo nº 59/2023 FEAC-Franca, pela organização da equipe, a seleção das personalidades negras envolvidas, o desenvolvimento, a conclusão, a divulgação, por meio de plataformas digitais e a distribuição de dvds e folders em instituições do município. O curta apresenta entrevistas e relatos de personalidades negras da cidade de Franca que contribuem para o entendimento e a discussão sobre a cultura local e os espaços ocupados nas últimas décadas, refletindo sobre a contribuição da população negra na realidade brasileira, o combate ao racismo e a necessidade de preservação e promoção da cultura afrodescendente. Por outro lado, procurou-se enfatizar os percursos de três personalidades, a partir de entrevistas, fotos, matérias de jornais, poesias, desenhos hiper-realista e músicas. As trajetórias de três Personalidade Negras foram aprofundadas com o intuito de avaliar o impacto dessas vozes para além da fronteira de Franca, por meio do reconhecimento nos âmbitos estadual, nacional e internacional. Apesar de todos os integrantes selecionados apresentarem uma contribuição significativa no interior da cultura francana, na perspectiva decolonial, ou seja, na transformação da realidade local, Preto Cria, Eduardo Carvalho e Carlos Assumpção, simbolizam as várias dimensões das vozes negras francanas, articulando o local com o global.

Palavras-chave: Políticas públicas culturais. Cultura afrodescendente. Combate ao racismo. Identidade negra. Ancestralidade.

ABSTRACT

The research aims to present the process of producing the short film *Black voices in Franca culture: The participation of black people in cultural spaces and public policies*, from the conception of the project, through its submission to the public call for proposals in 12/2023, process no. 59/2023 FEAC-Franca, through the organization of the team, the selection of the black personalities involved, the development, completion, dissemination through digital platforms, and the distribution of DVDs and brochures in municipal institutions. The short film features interviews and accounts from black personalities in the city of Franca who contribute to the understanding and discussion of local culture and the spaces occupied in recent decades, reflecting on the contribution of the black population to Brazilian reality, the fight against racism, and the need to preserve and promote Afro-descendant culture. On the other hand, we sought to highlight the journeys of three personalities through interviews, photos, newspaper articles, poetry, hyper-realistic drawings, and music. The trajectories of three Black personalities were explored in depth with the aim of assessing the impact of these voices beyond the borders of Franca, through recognition at the state, national, and international levels. Although all the selected members made a significant contribution to Franca's culture from a decolonial perspective, that is, in transforming the local reality, Preto Cria, Eduardo Carvalho, and Carlos Assumpção symbolize the various dimensions of Franca's Black voices, linking the local with the global.

Keywords: Public cultural politics. Afro-descendant culture. Combating racism. Black identity. Ancestry.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Entrevista com Carlos de Assumpção.....	544
Figura 2: Convite para o curso aplicado por Marley, na UNESP-Franca.	566
Figura 3: Entrevista com a professora, Marley.	57
Figura 4: Entrevista de Eduardo Carvalho.	61
Figura 5: Entrevista de Preto Cria.	64
Figura 6: Entrevista de Du.....	67
Figura 7: Entrevista de Régis Rosa.....	69
Figura 8: Luciana Cunha.	72
Figura 9: Capa do seu livro mais recente	80
Figura 10: Título de Doutor Honoris Causa pela UNESP.....	82
Figura 11: Título de Doutor Honoris Causa pela UFRJ.	82
Figura 12: Péricles.....	85
Figura 13: Casa de Cultura de Franca, 2022.....	86
Figura 14: Homenagem na ALESP.	86
Figura 15: Apresentação cultural de Carlos de Assumpção, na Escola Estadual Prof Michel Haber, em Franca-SP.	89
Figura 16: Prêmio Festival Cereja	102
Figura 17: Noticiário sobre o prêmio na cidade de Franca	103
Figura 18: Repercussão do prêmio na cidade de Franca	104
Figura 19: Lançamento de clipe vira notícia.....	105
Figura 20: Lançamento de CD solo é matéria de revista	105
Figura 21: Lançamento de livro é matéria de jornal	106
Figura 22: Hip-hop é matéria de jornal	106
Figura 23: Hip-hop é matéria de jornal.	107
Figura 24: Premiação Emirados.	13131
Figura 25: Premiação Escola de Artes.	13131
Figura 26: Premiação em Edimburgo.....	132
Figura 27: Águia: Obra premiada em Dubai	13232
Figura 28: Obra premiada em Londres.	13333
Figura 29: Obra “Leão”.....	13333
Figura 30: Obra Olhar Africano - Obra premiada pela Funarte..	13434
Figura 31:Tigre Solitário (66 x 95 cm)	13534

Figura 32: Efeito rosto molhado (66 x 95 cm).....	13535
Figura 33: Olhar Zebra (66 x 95cm.	13635
Figura 34: Cat (66 x 95 cm).....	13636
Figura 35: Marfim (66 x 96 cm).	13636
Figura 36: Lions (66 x 95 cm).....	13637
Figura 37: O Rinoceronte (66 x 95 cm).	13737
Figura 38: Olhar Africano (66 x 96 cm).	13838
Figura 39: África Origem (77 x 113 cm).	13838
Figura 40: Liberdade (60 x 113 cm).	13939
Figura 41: Galoerense (50 x 75 cm).....	14040
Figura 42: O Panda (100 x 160 cm).	14141
Figura 43: Zebra (100 x 160 cm).....	14242
Figura 44: O Brumadinho (30 x 40 cm).	14343
Figura 45: O Tucano (30 x 40 cm).....	14444
Figura 46: Releitura de Davi de Michelangelo (40 x 70 cm).....	14545

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
PARTE I - POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL: Marcos Legais, Participação Negra e o Projeto Vozes Negras na Cultura Francana.....	29
CAPÍTULO 1 - POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL	29
1.1 TRAJETÓRIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL	30
1.2 DEMOCRATIZAÇÃO, NOVOS MARCOS E CONSOLIDAÇÃO DO CAMPO ..	31
1.3 POLÍTICAS CULTURAIS NO CONTEXTO PÓS-1988	32
1.4 LEIS FEDERAIS DE INCENTIVO À CULTURA NO BRASIL	34
1.4.1 Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991).....	34
1.4.2 Lei do Audiovisual (Lei nº 8.685/1993)	35
1.4.3 Lei Cultura Viva (Lei nº 13.018/2014).....	35
1.4.4 Lei Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020)	36
1.4.5 Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022)	37
1.5 LACUNAS DE EQUIDADE NAS POLÍTICAS CULTURAIS: entre a distribuição e o reconhecimento	38
1.6 A IMPORTÂNCIA DA LEI Nº 10.639/2003	39
1.7 VOZES: O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL E EM FRANCA.....	41
1.8 O PROJETO “VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA”: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais.....	43
1.8.1 Contextualização do projeto	45
1.8.2 Metodologia de seleção dos entrevistados.....	45
1.8.3 Critérios de escolha dos personagens	46
1.8.4 Equipe técnica e produção	46
1.8.5 Ferramentas utilizadas	47
1.9 AÇÕES REALIZADAS.....	48
CAPÍTULO 2 - TRAJETÓRIAS DAS PERSONALIDADES NEGRAS QUE PARTICIPARAM DO PROJETO	50
2.1 QUEM SÃO ESSAS VOZES NEGRAS?	51

2.1.1 Carlos de Assumpção	52
2.1.2 Marley de Fátima Moraes Borges.....	54
2.1.3 Eduardo Carvalho.....	57
2.1.4 Preto Cria	61
2.1.5 Carlos Eduardo da Silva.....	64
2.1.6 Régis Augusto Rosa.....	67
2.1.7 Luciana dos Santos Cunha	69
2.1.8 Vozes Negras em Movimento: Luta, Resistência e Reconstrução de Espaços..	72
PARTE II - A POTÊNCIA CULTURAL DAS VOZES NEGRAS: Biografia e Práxis	
artística de Carlos de Assumpção, Preto Cria e Eduardo Carvalho	74
CAPÍTULO 3 - CARLOS DE ASSUMPÇÃO E A INSURGÊNCIA POÉTICA DA	
DIGNIDADE NEGRA	78
3.1 A obra e o reconhecimento de Carlos de Assumpção	81
3.2 Reconhecimentos e honrarias	84
3.3 Iniciativas culturais e legado poético-educativo.....	87
3.4 A palavra como herança: a função da memória afetiva	89
3.5 A infância como território de formação simbólica	90
3.6 A poesia como arma e a linguagem como campo de batalha	91
3.7 A formação da identidade negra e o discurso de coletividade	91
3.8 O discurso poético como quilombo simbólico	92
3.9 Palavra, educação e liberdade: a práxis decolonial de Carlos de Assumpção	93
3.10 A voz que virou legado	97
CAPÍTULO 4 - PRETO CRIA: A VOZ QUE DENUNCIA, REPRESENTA, CURA DE	
LEVANTA	98
4.1 Contribuição e reconhecimento	107
4.2 O rap como denúncia das dificuldades vividas nas periferias	108
4.3 Rap, política e consciência coletiva.....	109
4.4 A pedagogia do rap	110

4.5 Análises discursivas e psicanalíticas de músicas de Preto Cria.....	110
4.5.1 Toda tempestade vira lição	110
4.5.2 Hoje a casa tá em silêncio.....	113
4.5.3 Quanto custa tá na quebrada	115
4.6 Comparativo das análises das músicas	117
4.7 Psicopoética do rap: narrar para existir, criar para curar.....	118
4.8 Grupos de escuta e os efeitos psicopoéticos da linguagem.....	120
CAPÍTULO 5 - EDUARDO CARVALHO: ENTRE O TRAÇO REAL E O ANCESTRAL	
.....	123
5.1 Obra <i>Olhar Africano</i> : ancestralidade e memória através do traço	125
5.2 Obra <i>África Origem</i> : identidade e dignidade como centro do discurso visual	126
5.3 Exposições internacionais	127
5.4 Exposições nacionais	127
5.5 Premiações	129
5.6 Principais obras	134
5.7 Óleo sobre tela	140
5.8 Desenhos hiper-realistas: técnica lápis sobre papel	143
5.9 Esculturas.....	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS.....	149
APÊNDICE.....	163

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo apresentar o processo de elaboração do curta metragem *Vozes Negras Na Cultura Franca: A participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais*, desde a idealização do projeto, passando pela submissão no edital de chamamento público no 12/2023, processo nº 59/2023 FEAC-Franca, pela organização da equipe, a seleção das personalidades negras envolvidas, o desenvolvimento, a conclusão, a divulgação, por meio de plataformas digitais e a distribuição de dvds e folders em instituições do município. O curta apresenta entrevistas e relatos de personalidades negras da cidade de Franca que contribuem para o entendimento e a discussão sobre a cultura local e os espaços ocupados nas últimas décadas, refletindo sobre a contribuição da população negra na realidade brasileira, o combate ao racismo e a necessidade de preservação e promoção da cultura afrodescendente.

Não obstante, a cultura afro-brasileira exerce papel estruturante na formação da identidade nacional, sendo resultado de um processo histórico marcado pela violência colonial, pela resistência ativa e pela criação constante de formas simbólicas de existência. Desde o período colonial, com a chegada forçada de africanos escravizados, o Brasil passou a incorporar expressões culturais oriundas da África que, ao se fundirem às tradições indígenas e europeias, deram origem a uma diversidade cultural singular.

Entre os séculos XVI e XIX, cerca de quatro milhões de africanos foram traficados para o território brasileiro, tornando o país o principal destino do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas (Munanga, 1996). Desde então, os africanos e seus descendentes resistiram às tentativas de apagamento cultural e mantiveram práticas que, reinventadas no contexto da diáspora, passaram a moldar múltiplos aspectos da vida brasileira. Como afirma Munanga (2015, p.1), “a cultura afro-brasileira é o resultado da resistência dos africanos à tentativa de aniquilação cultural promovida pela colonização”.

No campo religioso, as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, foram formas de ressignificação espiritual em solo brasileiro. Tais práticas preservam elementos centrais das cosmologias ancestrais africanas, ao mesmo tempo que incorporam novos sentidos no contexto da diáspora. Prandi (2001, p.1)

ressalta que “os cultos afro-brasileiros reconstroem a África na diáspora, preservando, em novas formas, elementos centrais das tradições ancestrais”.

A música e a dança também constituem territórios de resistência e criatividade negra. Ritmos como o samba, o maracatu, o jongo e a capoeira emergiram da fusão entre tradições africanas e práticas locais, tornando-se expressões populares de forte valor cultural e político. Lopes (2011, p.1) destaca que “a música negra brasileira é memória viva da diáspora africana e instrumento de reafirmação étnica”.

A culinária brasileira, por sua vez, guarda impressões profundas das influências africanas. Alimentos como o acarajé, o vatapá e o azeite de dendê, originados nas culturas do Golfo do Benim e adaptados às realidades locais, hoje fazem parte do patrimônio alimentar nacional (Cascudo, 2004).

No campo das práticas sociais e organizativas, experiências como os quilombos, as irmandades negras e os terreiros religiosos foram espaços de sociabilidade, acolhimento e resistência cultural. Como aponta Lélia Gonzalez (1988, p.32), “as instituições negras mantiveram viva a cultura africana e constituíram um espaço de resistência ao colonialismo cultural”.

A vitalidade da cultura afro-brasileira também se manifesta nas festividades populares, nas quais se mesclam religiosidade, arte e organização comunitária. Celebrações como o Congado, a Marujada e as Folias de Reis, especialmente em estados como Minas Gerais, Bahia e Goiás, preservam símbolos da ancestralidade africana, promovendo cortejos, cantos e rituais em honra a santos negros e à memória do continente africano. O Congado, protagonizado por irmandades negras, é um exemplo notável de resistência cultural através da fé, da música e da dança. As Folias de Reis, embora associadas ao catolicismo popular, incorporam elementos de oralidade, musicalidade e organização comunitária negra.

Outras festividades, como a Festa de Iemanjá (celebrada em 02 de fevereiro, na Bahia), os terreiros de candomblé, o maracatu em Pernambuco e a Festa de São Benedito em diversas regiões do Sudeste e Centro-Oeste, reforçam a presença negra como pilar da diversidade cultural brasileira. Essas expressões celebram não apenas o sagrado, mas a coletividade, a resistência e o pertencimento de comunidades que historicamente foram marginalizadas.

Portanto, o reconhecimento oficial dessas manifestações como patrimônio cultural imaterial é um avanço importante. O IPHAN já registrou bens como a Roda de Capoeira, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano e os Ofícios dos Mestres de

Capoeira, reafirmando o valor simbólico, histórico e civilizatório das tradições negras. Essa institucionalização, embora tardia, representa o compromisso do Estado brasileiro em preservar práticas que sustentam a memória coletiva nacional.

Ainda assim, como nos alerta Sueli Carneiro (2003, p.26), “o reconhecimento da contribuição africana no Brasil é um processo em disputa”, exigindo políticas públicas estruturantes, reparadoras e comprometidas com a valorização da diversidade. Nesse sentido, a cultura afro-brasileira não deve ser vista apenas como herança, mas como potência viva que segue reinventando o Brasil em suas linguagens, territórios e narrativas.

Dessa forma, a construção histórica da cultura afro-brasileira deve ser compreendida como um movimento contínuo de resistência, adaptação e criação. Sua vitalidade molda o Brasil contemporâneo e desafia, diariamente, os processos de exclusão, apagamento e desigualdade que ainda persistem na sociedade brasileira.

A cultura afro-brasileira contemporânea assume novos contornos nas periferias urbanas, articulando linguagens como o hip-hop, o rap e o grafite, como formas de denúncia social, valorização da identidade negra e construção de pertencimento. Esses movimentos culturais não apenas tensionam a estrutura racial vigente, mas também projetam novas formas de existir e resistir no Brasil atual.

Um dos movimentos mais expressivos nesse cenário é o hip-hop, que agrega elementos como o rap, o grafite, o break dance e o DJing. No Brasil, o hip-hop foi apropriado pelas populações negras periféricas como instrumento de denúncia social, conscientização política e valorização cultural. Segundo Herschmann (2000, p. 72), “o rap, principal expressão do hip-hop no Brasil, representa uma prática discursiva que explicita os conflitos sociais e raciais das periferias urbanas”.

Nesse contexto, destaca-se o grupo Racionais MC's, surgido no final da década de 1980, considerado emblemático do rap nacional. Suas letras abordam temas como violência policial, racismo estrutural e desigualdade social. De acordo com Lima (2020, p.45), “os Racionais MC's constituíram uma verdadeira pedagogia periférica, articulando narrativas que promovem a autoestima negra e desmistificam a criminalização da juventude negra”.

A música *Negro Drama* tornou-se símbolo de resistência e de luta por igualdade da população negra periférica, expressando a denúncia da violência cotidiana e da desigualdade estrutural.

Negro Drama
Racionais MC's (2002)

Negro drama. Entre o sucesso e a lama. Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama. Cabelo crespo e a pele escura. A ferida, a chaga, à procura da cura
Negro drama. Tenta ver e não vê nada. A não ser uma estrela... longe, meio ofuscada
Sente o drama. O preço, a cobrança. No amor, no ódio, a insana vingança
Negro drama. Eu sei quem trama e quem tá comigo. O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido. O drama da cadeia e favela. tûmulo, sangue, sirene, choros e
velas.

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia. Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços. Você deve tá pensando. O que você tem a ver com isso?

A inserção do rap no ambiente escolar também tem sido objeto de análise acadêmica. A dissertação de Sandro José Celeste (2017) defende a utilização do rap como ferramenta no ensino da história afro-brasileira, promovendo a identificação dos alunos com suas origens e fortalecendo a construção de identidades étnico-raciais positivas.

Além do hip-hop, outras manifestações musicais negras contribuíram para a luta contra o racismo e pela igualdade. Um exemplo notável é Elza Soares, cantora negra, que faleceu em 2022, aos 91 anos. Com a música *A carne*, Elza Soares eternizou o verso “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, que se tornou símbolo da denúncia à desvalorização dos corpos negros e da luta antirracista. Sua voz potente e sua trajetória marcaram profundamente a história da música brasileira, tornando-a uma referência política e cultural da resistência negra feminina.

Essas manifestações demonstram que a arte negra, ao se expressar por meio da música, da linguagem, do corpo e da palavra, cumpre a função de preservar a ancestralidade, tensionar estruturas opressoras e construir novos imaginários sociais. Em um país que ainda precisa avançar significativamente em termos de justiça racial, a estética e a cultura afro-brasileira seguem como territórios vivos de enfrentamento e reconstrução.

A estética afro-brasileira é uma expressão simbólica profunda que transcende os padrões eurocentrados de beleza, afirmando a identidade negra como campo de existência, memória e resistência. Mais do que uma categoria visual ou estilística, representa um conjunto de signos, práticas e linguagens que emergem das vivências, saberes e experiências do povo negro no Brasil.

Historicamente, o Brasil estruturou-se sobre a negação das estéticas negras. Cabelos crespos, adornos, vestimentas de origem africana e a própria corporeidade negra foram tratados como desvios da norma. O corpo negro foi associado à feiura, à sujeira e à inferioridade, em contraste com os modelos estéticos impostos pela branquitude e pela lógica colonial. Bento (2002) define essa lógica como uma estrutura que naturaliza os privilégios dos brancos e invisibiliza os marcadores de exclusão da população negra.

A referida associação permanece presente. Em 2024, o Brasil figurou como o segundo país com maior número de cirurgias plásticas do mundo, segundo a ISAPS, com destaque para a rinoplastia, um dos procedimentos mais associados à tentativa de aproximação aos traços europeus. Por muito tempo, a representação da população negra na mídia foi quase inexistente, e a mulher negra, em especial, foi socialmente objetificada e privada de seu reconhecimento como referência de beleza.

Essa percepção começou a ser tensionada por movimentos negros a partir do início do século XX. A Frente Negra Brasileira, por exemplo, veiculou o jornal *A Voz da Raça*, que desempenhou papel central na defesa da identidade e autoestima negra. Desde então, a valorização da estética negra passou a integrar as lutas por cidadania e reconhecimento.

Angela Davis (2016), na obra *Mulheres, raça e classe*, analisa como o corpo negro feminino foi central na estruturação das opressões de gênero e raça. Para ela, o controle da imagem e da sexualidade da mulher negra foi estratégico para o sistema colonial. Reverter essa narrativa de desvalorização é um passo essencial para a emancipação.

Apesar dos avanços recentes na visibilidade da beleza negra, essa estética ainda é tratada como exceção. A hegemonia do padrão branco ainda domina o mercado da moda, da beleza e da comunicação. Por isso, a valorização da estética afro-brasileira é também uma prática de resistência.

Lélia Gonzalez (1988) foi pioneira ao criticar a "colonialidade do olhar" em relação ao corpo negro, denunciando os efeitos opressivos da imposição de padrões eurocentrados. Para escritora, a estética negra é uma forma de cura, de autoestima e de reconhecimento da história e das práticas culturais negras.

No campo da arte, moda, música e expressões urbanas, a estética negra surge como linguagem de empoderamento, ancestralidade e coletivo. O uso de tranças,

turbantes, roupas étnicas e cuidados com os cabelos são formas de reivindicar presença, romper silenciamentos e tensionar espaços dominados pela branquitude.

Estudar a estética afro-brasileira é reconhecer a produção simbólica de um povo que resiste. Fanon (2008, p.87), em *Pele negra, máscaras brancas*, aponta como o corpo negro é submetido a uma estética do “outro” que o inferioriza. Segundo ele, “para o negro, há apenas uma sina. E é branca”, denunciando a pressão para que os corpos negros se adequem a padrões coloniais (2008, p.87).

Ao assumir a negritude como valor, a estética afro-brasileira ressignifica símbolos, afirma traços fenotípicos e reconstrói memórias. Isso também é enfatizado por Bell Hooks (1995, p. 69), que, em *Olhares negros: raça e representação*, destaca que “afirmar a beleza negra é um gesto político contra a supremacia branca que define o que é belo” (1995, p.69).

A valorização das tranças, tecidos africanos e estéticas afrocentradas é mais do que uma tendência: é uma reconstrução de subjetividades. Maryzandra (2021) afirma que as tranças não são apenas adornos, mas expressões de pertencimento étnico. O projeto Tranças no Mapa, da UnB, reconhece trancistas como agentes culturais.

Estudos como os de Maria Rita Rolim (2019) e dissertações da UFU (2018) mostram como a transição capilar também é experiência de resistência e autoestima. Munanga (2015, p.102) conclui que “a cultura afro-brasileira contemporânea é dinâmica, plural e constitui uma frente de resistência simbólica diante da exclusão e da invisibilização histórica”.

Portanto, a estética negra é também política: um modo de existir, de se ver e de ser vista com dignidade. É uma linguagem coletiva, radical e descolonizadora que reafirma a centralidade da cultura negra na construção da identidade nacional brasileira.

Além das expressões imateriais, corporais, musicais e estéticas, a cultura afro-brasileira contemporânea se afirma também por meio da literatura e do audiovisual negro. No campo literário, destaca-se a obra do professor Carlos de Assumpção, considerado o decano da literatura negra no Brasil. Sua poesia, marcada por um profundo compromisso com a denúncia do racismo e a afirmação da identidade negra, abriu caminhos para gerações posteriores de escritores e poetas afrodescendentes. A partir da década de 1970, surgem novas vozes que, como Conceição Evaristo, Ryane Leão e Jarid Arraes, aprofundam a relação entre estética e vivência por meio

do conceito de escrevivência, termo cunhado por Evaristo para descrever narrativas que emergem da experiência vivida e que resistem ao apagamento histórico. Como afirma Evaristo (2009, p.43), “nossas escrevivências não são para adormecer os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos”.

De forma complementar, o cinema negro tem ganhado força como ferramenta de afirmação identitária e reconfiguração simbólica. Obras como *AmarElo, É tudo pra ontem* (Emicida, 2020), *Medida provisória* (Lázaro Ramos, 2022) e os filmes de Viviane Ferreira e Joel Zito Araújo constroem uma linguagem estética própria, centrada na ancestralidade, na denúncia social e na projeção de futuros possíveis. Essas produções não apenas visibilizam corpos e histórias negras, mas propõem um novo regime de visibilidade que tensiona a lógica da branquitude e reconstrói o imaginário coletivo. Como analisa Gomes (2020, p.1), “o cinema negro brasileiro articula ancestralidade, denúncia e futuro, apresentando um novo regime de visibilidade que desafia a branquitude e reconfigura o imaginário coletivo”.

A literatura e o audiovisual negro, assim, consolidam-se como territórios de reexistência, nos quais se produzem subjetividades, afetos e pertencimentos que fortalecem o enfrentamento às violências simbólicas e estruturais, abrindo caminhos para uma cultura verdadeiramente plural e antirracista.

Em seu percurso histórico e contemporâneo, a cultura afro-brasileira manifesta-se como um campo dinâmico de produção simbólica, onde memória, linguagem e criação coletiva se entrelaçam. Suas múltiplas expressões da religiosidade à literatura, da estética à música, do corpo à palavra revelam estratégias de afirmação, visibilidade e renovação de sentidos diante dos legados de exclusão. Ao reunir essas dimensões, a presente seção ofereceu subsídios para compreender o lugar central da cultura negra na construção da identidade nacional. A partir dessas reflexões, será analisado o projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*, que exemplifica como experiências culturais locais podem dialogar com princípios de valorização, reconhecimento e ação política.

Diversos intelectuais se destacaram na valorização e no estudo da cultura afro-brasileira. No campo acadêmico e político, a construção de uma memória social mais justa e plural foi impulsionada por inúmeros pensadores e ativistas negros, cujas contribuições foram fundamentais para evidenciar o papel central da matriz africana na formação cultural, social e política do Brasil.

Entre os pioneiros, destaca-se Manuel Raimundo Querino (1851–1923), reconhecido como um dos primeiros intelectuais negros a sistematizar o estudo da contribuição africana para a sociedade brasileira. Em sua obra *A raça africana e seus costumes na Bahia*, Querino (1916, p. 27) ressalta que “os africanos foram também educadores, artistas e artífices”.

Outro pesquisador de grande relevância foi Edison Carneiro (1912–1972), etnólogo e folclorista que dedicou sua vida ao estudo das religiões afro-brasileiras e da cultura popular. Para Carneiro (1948, p. 15), “o candomblé é mais que um culto religioso; é uma instituição que guarda a memória de um povo”.

Abdias do Nascimento (1914–2011), intelectual, artista e ativista político, teve atuação destacada na luta pelos direitos da população negra e na promoção da cultura afro-brasileira. Criador do Teatro Experimental do Negro (TEN), Abdias defendeu a ideia de “quilombismo” como projeto político de emancipação racial. Em *O genocídio do negro brasileiro*, Nascimento (1989, p. 45) denuncia que “a eliminação do negro brasileiro se realiza de modo insidioso, através da exclusão social e da negação da cultura negra”.

Carolina Maria de Jesus (1914–1977), autora do célebre *Quarto de despejo* (1960), inaugurou uma nova perspectiva na literatura brasileira ao retratar com autenticidade e contundência a vida nas favelas. Segundo Jesus (1960, p.17), “o Brasil precisa ser dirigido por alguém que já passou fome”, evidenciando sua crítica social a partir de sua vivência como mulher negra e periférica.

Na contemporaneidade, Lélia Gonzalez (1935–1994) consolidou-se como referência nos estudos sobre racismo, cultura e gênero. Gonzalez (1988, p. 70) criou o conceito de “amefricanidade”, defendendo que “a identidade cultural brasileira é marcada profundamente pela matriz cultural negra”.

Yeda Pessoa de Castro (2001, p. 32), linguista e etnolinguista, revelou a forte presença das línguas africanas no português brasileiro, evidenciando que “os falares africanos constituem um dos pilares invisíveis, mas estruturantes, da língua nacional”.

O antropólogo Kabengele Munanga também se destacou nas reflexões sobre identidade negra e mestiçagem. Para Munanga (2015, p. 23), “o mito da democracia racial serviu para mascarar as desigualdades raciais profundas existentes na sociedade brasileira”.

Nei Lopes, compositor e estudioso da cultura africana, contribuiu enormemente para a valorização das manifestações populares negras, como o samba e as religiões

de matriz africana. Lopes (2011) reforça que “o samba é mais do que música; é resistência cultural”.

Outras figuras importantes incluem Maria Beatriz Nascimento, que estudou a formação dos quilombos como espaços de resistência cultural; Sueli Carneiro, fundadora do Geledés e referência no debate sobre racismo estrutural e feminismo negro; Nilma Lino Gomes, que atuou na educação antirracista e nas políticas públicas de igualdade racial; Luiza Bairros, ex-ministra da SEPPIR; e Luis Gama (1830–1882), advogado, poeta e abolicionista que libertou centenas de escravizados.

Intelectuais contemporâneos como Lia Vainer Schucman e Vagner Gonçalves da Silva, também contribuem para a compreensão crítica das relações raciais e da construção social da branquitude no Brasil.

Nesse sentido, os pesquisadores e intelectuais negros, foram e continuam sendo protagonistas na luta pela valorização da cultura afro-brasileira, impulsionando o reconhecimento das matrizes africanas como parte constitutiva da identidade nacional e promovendo o enfrentamento do racismo estrutural. Além desses, novas gerações de pesquisadores, como Layla Maryzandra e Vagner Gonçalves da Silva, aprofundam as discussões contemporâneas sobre estética, patrimônio e identidade.

O projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais, busca evidenciar as lacunas históricas de participação da população negra nas políticas culturais locais, ao mesmo tempo que fortalece a memória, os saberes e os fazeres das comunidades afrodescendentes como patrimônio cultural vivo. O projeto dialoga diretamente com os princípios de reparação simbólica, diversidade e inclusão previstos nas diretrizes do Sistema Nacional de Cultura e reafirmados nas legislações emergenciais como a própria Lei Paulo Gustavo.

O projeto, idealizado por Denir Alves de Souza, foi realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022 – Lei Paulo Gustavo, por meio do Edital de Chamamento Público nº 12/2023, processo nº 59/2023 da Fundação Esporte, Arte e Cultura de Franca – FEAC. O filme produzido no âmbito do projeto apresenta entrevistas com personalidades negras da cidade de Franca que, ao partilharem suas trajetórias, visões e experiências, contribuem para o entendimento sobre os espaços culturais da cidade e as disputas simbólicas e institucionais que envolvem a presença negra nesses ambientes.

Diante do contexto de desigualdade estrutural que marca a história do Brasil, e especialmente da exclusão sistemática da população negra dos processos decisórios e dos espaços de visibilidade cultural e profissional, este projeto se apresenta como um instrumento de democratização do acesso à produção simbólica e à construção de narrativas culturais plurais. Mais do que documentar vivências, *Vozes Negras na Cultura Francana* se insere como parte ativa de uma política de resistência e reexistência da cultura negra, promovendo a escuta, a valorização e a preservação das manifestações culturais afro-brasileiras em sua complexidade e potência transformadora.

A proposta deste estudo é analisar o projeto à luz das políticas públicas culturais brasileiras, especialmente considerando os debates sobre democracia cultural, equidade racial e justiça social. Para isso, adota-se como metodologia a análise qualitativa e interpretativa, com base em revisão bibliográfica e registro audiovisual, buscando compreender de que maneira experiências como essa podem contribuir para repensar os modelos tradicionais de formulação, financiamento e avaliação das políticas culturais, sobretudo nos municípios

À luz das diretrizes sobre a democratização do acesso à cultura e a promoção da justiça social, a Lei Paulo Gustavo, se configura como um marco legal que materializa essas intenções. Nesse contexto, o projeto *Vozes Negras na Cultura Francana* surge como uma expressão concreta desses princípios no município de Franca.

O projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*, compreendido como uma política pública cultural em ação. Desenvolvido no município de Franca/SP, com recursos da Lei Complementar nº 195/2022, conhecida como Lei Paulo Gustavo, o projeto foi idealizado com o propósito de dar visibilidade às trajetórias, memórias e contribuições de personalidades negras na produção cultural local.

O estudo de caso busca evidenciar como ações culturais financiadas por políticas públicas podem atuar no combate ao racismo, na valorização da identidade afro-brasileira e na democratização do acesso à cultura. Trata-se de uma iniciativa que articula cultura, memória, audiovisual e direitos, materializando, no plano local, os princípios de equidade, participação e reconhecimento que orientam as políticas culturais contemporâneas.

A proposta é refletir sobre o papel das políticas públicas na promoção da diversidade cultural e na afirmação das narrativas negras nos territórios.

O trabalho está organizado em duas partes. Sendo que a Parte I reúne os fundamentos históricos, jurídicos e institucionais que moldaram as políticas culturais no Brasil e a execução do Projeto *Vozes Negras*.

O Capítulo 1 traça um panorama da atuação estatal desde o início do século XX, com destaque para a Era Vargas e seus marcos inaugurais na institucionalização da cultura como campo estratégico da administração pública. A análise percorre desde os primeiros dispositivos legais e órgãos criados até as transformações ocorridas durante o regime militar, preparando o terreno para os avanços normativos da Constituição de 1988. O foco recai sobre a consolidação das políticas públicas no período democrático, com ênfase nas leis federais de incentivo à cultura e nos desafios da equidade racial no acesso aos recursos culturais. A partir de uma abordagem crítica, o capítulo destaca a centralidade da cultura afro-brasileira como matriz formadora da identidade nacional, abordando sua estética, produção simbólica e protagonismo político, especialmente no contexto das políticas afirmativas recentes. O projeto *Vozes Negras na Cultura Francana* é apresentado como expressão local dessa trajetória, evidenciando como ações culturais, podem operar como instrumentos de memória, justiça social e reparação histórica.

O capítulo 2 é dedicado às vozes negras que, ao participarem do referido projeto, reafirmaram a potência da experiência negra como fundamento de saber, resistência e transformação. As trajetórias aqui reunidas não são apenas relatos de vida; são expressões de lutas coletivas, heranças ancestrais e conquistas construídas a duras penas nos territórios da educação, da cultura, da militância e da espiritualidade. Cada uma dessas personalidades negras representa um modo singular de existir, resistir e reinventar o mundo a partir de suas vivências. Neste capítulo, busca-se não apenas documentar essas trajetórias, mas também reconhecê-las como parte da memória francana e do Brasil negro. Ao narrar suas histórias, dá-se visibilidade a saberes historicamente marginalizados e reafirma-se o papel central da negritude na construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.

A Parte II desta dissertação dedica-se à reconstrução e análise das biografias de três importantes agentes culturais negros da cidade de Franca: Carlos de Assumpção, Preto Cria e Eduardo Carvalho. Ao explorar suas histórias de vida, o trabalho compreende a biografia como um ato político e um gesto de reparação e reconhecimento, capaz de reconfigurar espaços simbólicos e materiais historicamente negados à população negra.

Adota uma abordagem qualitativa, interpretativa e de inspiração decolonial, considerando a arte como prática política, epistêmica e pedagógica. o percurso metodológico está sustentado em três eixos principais: a análise crítica de obras artísticas, o registro de trajetórias negras vinculadas ao projeto cultural de Franca e a valorização das falas e experiências de seus protagonistas como forma legítima de produção de saber.

O corpus principal da análise é constituído pelas produções de três artistas negros francanos: o poeta Carlos de Assumpção, o rapper Preto Cria e o artista visual Eduardo Carvalho. Suas obras poéticas, musicais e visuais, foram analisadas a partir de referenciais teóricos dos estudos decoloniais, dos estudos culturais e da estética afro-diaspórica, mobilizando autores como Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, Bell Hooks, Grada Kilomba, Achille Mbembe, Denise Ferreira da Silva, Sueli Carneiro, entre outros. Para isso, foram utilizadas estratégias de análise do discurso, leitura iconográfica e interpretação performática das narrativas visuais e verbais.

O reconhecimento da importância das narrativas de vida, das performances periféricas e dos contextos comunitários como fontes legítimas de saber. As falas e experiências desses sujeitos foram incorporadas ao texto de forma ensaística, descritiva e analítica, com o objetivo de evidenciar os vínculos entre arte, território, identidade e ancestralidade. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica, crítica e político-afetiva, comprometida com a escuta ativa, com a valorização das epistemologias negras e com a produção de sentido a partir das margens. A metodologia busca não apenas interpretar obras, mas também contribuir para sua visibilização como estratégias de resistência e reexistência.

Mais do que relatos individuais, as biografias aqui abordadas constituem um recurso metodológico, ético e epistemológico que articula memória, subjetividade e denúncia. Como destaca Antunes (2021, p.1), a biografia permite “reconhecer nos itinerários individuais uma trama coletiva de exclusões, resistências e reinvenções”, configurando-se como forma de insurgência frente aos silenciamentos da história oficial e ao epistemicídio promovido pelas estruturas racistas.

O Capítulo 3 apresenta a trajetória do professor e poeta Carlos de Assumpção, cuja obra inaugura uma poética negra brasileira profundamente engajada com as lutas sociais. Seu legado literário, combativo e ético, constitui um marco da crítica antirracista na literatura nacional e inspira gerações de escritores e militantes.

O Capítulo 4 aborda a produção do rapper Preto Cria, inserida nas dinâmicas do hip-hop como espaço de construção identitária, crítica social e pedagogia das ruas. Suas letras, examinadas sob a ótica da Análise do Discurso e da Psicanálise, evidenciam a potência transformadora da arte periférica na formação de subjetividades e no enfrentamento das desigualdades.

E, por fim, no Capítulo 5 centra-se na vida e obras do artista visual Eduardo Carvalho, cujo hiper-realismo estético resgata a ancestralidade negra e projeta a cultura afro-brasileira em escala internacional. Sua trajetória reafirma a arte como linguagem de afirmação, denúncia e dignidade.

Embora atuem em campos expressivos distintos, poesia, rap e artes visuais, suas práticas convergem no enfrentamento ao racismo estrutural por meio da arte. Cada uma dessas trajetórias torna visível o que a história oficial tentou ocultar, reinscrevendo no território urbano de Franca as vozes, corpos e memórias negras antes marginalizadas.

No Apêndice A é apresentado a versão do Projeto *Vozes Negras*, idealizado por Denir Alves de Souza, submetido ao Edital de Chamamento Público nº 12/2023, processo nº 59/2023 da Fundação Esporte, Arte e Cultura de Franca – FEAC ao Edital Feac. No Apêndice B encontra-se o Relatório de execução do objeto – Lei Complementar 195/2022 – Paulo Gustavo.

PARTE I

POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL: Marcos Legais, Participação Negra e o Projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*

CAPÍTULO 1 – POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL

Este capítulo se objetiva em apresentar os fundamentos históricos e institucionais das políticas públicas culturais no Brasil, com ênfase no papel do Estado na construção de um aparato normativo e administrativo voltado à cultura. A análise percorre desde o início do século XX, destacando a Era Vargas como marco inaugural da atuação estatal organizada nesse campo, até os desdobramentos no período do regime militar. Serão examinados os principais dispositivos legais, órgãos e programas que definiram os contornos iniciais da política cultural brasileira, bem como as transformações que antecederam a redemocratização. Trata-se de uma base necessária para compreender como se estruturou, historicamente, a presença do Estado na gestão da cultura, preparando o terreno para os avanços normativos e institucionais que viriam com a Constituição de 1988.

A Era Vargas (1930–1945) foi um período decisivo para a institucionalização das políticas culturais no Brasil. Marcado por um projeto de modernização do Estado e de afirmação da identidade nacional, esse momento consolidou os primeiros marcos legais voltados à cultura como política pública ainda sob forte centralização estatal.

Um dos avanços mais significativos foi a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), pela Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. A medida ampliou a capacidade administrativa do Estado nas áreas de educação, saúde e cultura, promovendo a integração entre os setores responsáveis pela formulação e execução das políticas. Segundo Meira e Gazzinelli (2006, p. 44), “a criação do MESP foi um marco institucional da intervenção estatal no campo cultural, ao permitir a centralização técnica e administrativa da produção simbólica nacional”.

Ainda na década de 1930, foram instituídos mecanismos voltados à preservação do patrimônio e à promoção das artes. O Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, regulamentou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, estabelecendo a base legal para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), mais tarde transformado em IPHAN. Para Chuva (2009, p. 26),

trata-se do “primeiro instrumento jurídico a reconhecer a importância do patrimônio como valor público e elemento de identidade nacional”.

Na sequência, o governo instituiu o Serviço Nacional de Teatro (SNT), por meio do Decreto-Lei nº 92, de 21 de dezembro de 1937, com o objetivo de fomentar a produção e circulação teatral. No dia seguinte, o Decreto-Lei nº 93 criou o Instituto Nacional do Livro (INL), voltado à difusão literária. Segundo Botelho (2006, p. 91), “o INL revela uma concepção de cultura fortemente associada ao papel civilizador do Estado, baseada na ideia de difusão literária como estratégia de nacionalização simbólica”.

Em 1º de julho de 1938, foi criado o Conselho Nacional de Cultura (CNC), pelo Decreto-Lei nº 526, como instância normativa e consultiva da política cultural federal. Para Miceli (2001, p. 60), “o CNC refletia o projeto político de Vargas, no qual cultura e identidade nacional deveriam ser planejadas e dirigidas pelo Estado, como parte de sua engenharia social”.

Esses marcos legais inauguraram uma nova etapa na atuação estatal, consolidando a cultura como um instrumento de coesão nacional e uma dimensão estratégica da administração pública.

1.1 Trajetória das Políticas Públicas no Brasil

A trajetória das políticas públicas no Brasil revela um processo histórico marcado por transformações políticas, sociais e institucionais. Do período imperial à redemocratização, o país passou por diferentes arranjos estatais que moldaram a prática e a reflexão sobre as políticas públicas.

Apesar do avanço internacional do campo a partir da década de 1950, especialmente nos Estados Unidos, sua institucionalização no Brasil ocorreu de forma tardia, ganhando força apenas a partir dos anos 1990 e 2000 (Brasil; Capella, 2016).

Durante o século XIX e início do XX, o Estado brasileiro atuava de forma centralizadora, com foco em infraestrutura, saúde pública e manutenção da ordem. Dominado por elites e marcado pelo patrimonialismo, não havia uma concepção estruturada de políticas públicas como campo técnico ou científico. As ações eram pontuais, permeadas por clientelismo e sem articulação com o planejamento (Souza, 2007).

O governo Vargas representou um ponto de inflexão, ao consolidar o Estado como promotor do desenvolvimento e executor de políticas públicas. Destacam-se a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e a criação da Previdência Social. A atuação estatal ganhou um viés nacionalista e planejador, estruturado em torno de um modelo desenvolvimentista voltado à industrialização e ao controle dos meios de produção (Arretche, 1999).

No decorrer do regime militar (1964–1985), as políticas públicas foram moldadas por tecnocratismo, autoritarismo e concentração de poder. O governo criou os Programas Nacionais de Desenvolvimento (PNDs), ampliou o sistema previdenciário e promoveu grandes obras por meio de agências estatais. A participação social era inexistente, e a tomada de decisões era restrita a círculos fechados, comprometendo a transparência.

No meio acadêmico, o estudo das políticas públicas ainda era incipiente, focado nas instituições estatais e seus processos decisórios (Faria, 2003).

A redemocratização representou uma inflexão fundamental na forma como o Estado brasileiro passou a lidar com os direitos sociais, inclusive a cultura. Este capítulo examina os marcos jurídicos e institucionais do período pós-1985, com destaque para a Constituição de 1988, a institucionalização da cultura como política de Estado e os mecanismos legais que redefiniram a relação entre Estado, cultura e cidadania.

1.2 Democratização, novos marcos e consolidação do campo

A nova ordem constitucional fortaleceu a cidadania, os direitos sociais e a descentralização político-administrativa, além de instituir mecanismos de participação popular como conselhos gestores e orçamentos participativos.

Na visão de Farah (2011), essa reconfiguração do Estado ampliou o escopo da atuação pública e exigiu maior eficiência na gestão. Nos anos 1990, a reforma liderada por Luiz Carlos Bresser-Pereira, introduziu o modelo gerencial, com foco em resultados, eficiência e racionalização administrativa.

Nesse cenário, surgiram carreiras especializadas, como a de Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (EPPGG), além da criação de cursos voltados à análise de políticas e à gestão pública. Para Oliveira (2006), tratava-se de um esforço para modernizar o Estado e romper com práticas clientelistas arraigadas.

A partir dos anos 2000, o campo das políticas públicas se consolidou e se sofisticou metodologicamente. Modelos internacionais como Múltiplos Fluxos (Kingdon), Coalizões de Defesa (Sabatier e Jenkins-Smith) e Equilíbrio Pontuado (Baumgartner; Jones) passaram a ser amplamente utilizados (Capella; Brasil; Guimarães, 2014). Os estudos incorporaram temas como federalismo, participação, políticas setoriais e processos decisórios, em diálogo com abordagens institucionalistas e teorias da democracia.

Essa evolução reflete a transição de um Estado centralizador para um ente mais plural e comprometido com a garantia de direitos e a participação cidadã. Embora a institucionalização do campo no Brasil tenha sido tardia, consolidou-se com base em referenciais teóricos robustos, crescimento da produção acadêmica e criação de estruturas institucionais.

Atualmente, o grande desafio é aproximar teoria e prática, fortalecendo a governança pública e a efetividade das políticas. A política cultural é uma das áreas que mais expressam essa trajetória, ao evidenciar tanto os avanços legais quanto os conflitos distributivos ainda em aberto.

1.3 Políticas Culturais no contexto Pós-1988

As políticas culturais no Brasil seguiram um percurso complexo, marcado por avanços e reconfigurações. Sua estruturação como campo na administração pública remonta ao século XIX, com a criação de instituições como a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes (Meira; Gazzinelli, 2006). Desde então, a cultura passou a ser entendida como expressão da identidade nacional e como vetor de desenvolvimento social e econômico.

A Constituição de 1988 (Brasil, 1988) representou um ponto de inflexão ao incluir os artigos 215 e 216, que reconhecem a cultura como direito social e a diversidade cultural como bem a ser protegido pelo Estado. O artigo 215 estabelece que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (Brasil, 1988, p.1). Compete ao Estado assegurar a liberdade de criação e o acesso da população à vida cultural, promovendo a democratização e valorização da diversidade.

A criação do Ministério da Cultura, em 1985, consolidou institucionalmente a política cultural como setor autônomo. Em seguida, o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), instituído pela Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991), estabeleceu mecanismos como o Fundo Nacional de Cultura (FNC), o Mecenato e os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (FICART), permitindo a captação de recursos por agentes culturais (Olivieri, 2004). No entanto, o modelo foi criticado por beneficiar projetos consolidados, acentuando desigualdades regionais e sociais.

A partir de 2003, com Gilberto Gil à frente da pasta, foi adotada uma nova concepção de política cultural baseada na democracia cultural e na valorização da diversidade. A realização da I Conferência Nacional de Cultura (2005) e a instituição do Plano Nacional de Cultura (PNC), pela Lei nº 12.343/2010, reafirmaram a cultura como direito e dimensão estratégica do desenvolvimento. O PNC estabeleceu diretrizes como valorização da produção simbólica, ampliação do acesso, descentralização das ações e fortalecimento da participação cidadã.

Segundo Rocha e Miranda (2020), a política cultural passou a ser tratada como política de Estado com o fortalecimento das conferências, a aprovação do Sistema Nacional de Cultura (SNC) e a ampliação da participação social. Ainda assim, persistem desafios, como a distribuição desigual de recursos e a concentração em regiões mais desenvolvidas.

A Constituição de 1988, a Lei Rouanet, o PNC e o SNC representam marcos fundamentais na institucionalização da política cultural. Porém, como observa Botelho (2006), a democracia cultural só será efetiva quando os sujeitos culturais forem reconhecidos como protagonistas e não apenas consumidores com pleno direito de participar da produção e fruição cultural no país.

A partir da Constituição Federal de 1988, a cultura foi reconhecida como um direito social e bem coletivo, o que inaugurou um novo ciclo na formulação de políticas públicas no Brasil. Nesse contexto, surgiram legislações voltadas à promoção do acesso à cultura, à valorização da diversidade e ao incentivo à produção artística nacional. No entanto, o lugar do negro nas políticas culturais brasileiras ainda é atravessado por desafios estruturais que dizem respeito ao racismo institucional, à desigualdade no acesso aos mecanismos de fomento e à invisibilização histórica das expressões afro-brasileiras como práticas legítimas de produção cultural.

Logo, este capítulo tem como objetivo apresentar e problematizar as principais leis federais de incentivo à cultura no Brasil, destacando seus mecanismos de

funcionamento, os avanços institucionais e as contradições que persistem em termos de acesso, redistribuição e reconhecimento. A análise parte do entendimento de que as políticas públicas não operam em um vácuo institucional, mas sim em um campo social marcado por hierarquias raciais, territoriais e simbólicas. Refletir sobre essas leis, portanto, é também compreender como elas contribuem ou não para o protagonismo negro no campo cultural brasileiro.

1.4 Leis Federais de incentivo à cultura no Brasil

1.4.1 Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991)

Inaugurada em 1991, a Lei Rouanet é o mais antigo e conhecido instrumento de fomento à cultura no país. Ela permite que pessoas físicas e jurídicas patrocinem projetos culturais e deduzam parte do valor investido do Imposto de Renda. Através dos mecanismos previstos nos artigos 18 e 26, artistas e instituições podem cadastrar seus projetos na plataforma SALIC, sendo autorizados, após análise técnica, a captar recursos com incentivo fiscal.

Embora tenha possibilitado a viabilização de milhares de iniciativas culturais como festivais, museus e espetáculos, a Lei Rouanet opera dentro de uma lógica de mercado, onde os projetos com maior apelo comercial tendem a captar mais recursos. Isso gerou uma concentração nos grandes centros urbanos, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo, e excluiu projetos de territórios periféricos, quilombolas, indígenas ou afro-centrados. Além disso, a desigualdade de acesso à estrutura técnica para elaboração de projetos acentua a marginalização de produtores culturais negros.

Durante o governo Bolsonaro (2019–2022), a Lei Rouanet passou por mudanças que afetaram profundamente sua aplicação. O teto de captação foi reduzido de R\$ 60 milhões para R\$ 1 milhão, e foram impostas restrições severas a cachês artísticos. A retórica oficial passou a associar o mecanismo a "privilégios", "desperdício" e "aparelhamento ideológico". Segundo reportagem da Revista Piauí (2022 p.1), "em vez de ampliar o acesso à cultura, as novas regras da Rouanet acabaram por inviabilizar uma série de projetos importantes, sobretudo aqueles com maior demanda orçamentária ou com impacto nacional".

Essa criminalização simbólica da produção cultural teve como efeito colateral o desmonte de iniciativas de alto alcance social, justamente as que poderiam promover

maior diversidade étnico-racial. A ausência de recortes específicos voltados à equidade racial reforça a crítica de que a Rouanet opera como política “neutra”, mas cujos efeitos são altamente assimétricos.

1.4.2 **Lei do Audiovisual (Lei nº 8.685/1993)**

Instituída em 1993, a Lei do Audiovisual foi essencial para a reestruturação do cinema nacional. Seu modelo de incentivo fiscal permitiu a retomada de uma indústria que havia sido praticamente desmantelada durante o governo Collor, com o fim da Embrafilme.

Além de possibilitar a produção de longas-metragens premiados, como *Central do Brasil* e *Cidade de Deus*, a lei contribuiu para consolidar o audiovisual como setor estratégico da economia criativa. Segundo a pesquisadora Patrícia Machado (2021, p.1), “a Lei do Audiovisual foi o ponto de virada na profissionalização do cinema brasileiro, ao criar uma ponte entre financiamento público indireto e retorno econômico para os investidores”.

Contudo, a diversidade racial e territorial ainda está longe de ser plenamente contemplada. A maioria dos filmes financiados segue sendo produzida por equipes brancas, com roteiros centrados em visões de mundo não periféricas. As trajetórias de realizadores negros encontram mais obstáculos para acessar as estruturas de produção, evidenciando uma lógica racializada na distribuição dos recursos.

Durante o governo Bolsonaro, houve redução drástica de investimentos e deslegitimação do setor, sem que alternativas mais inclusivas fossem construídas. O desafio permanece: promover uma política audiovisual que represente a pluralidade cultural e racial do Brasil.

1.4.3 **Lei Cultura Viva (Lei nº 13.018/2014)**

Aprovada em 2014, a Lei n. 13.018, conhecida como Lei Cultura Viva institucionalizou o programa iniciado em 2004, durante a gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura. Seu principal diferencial é o fomento direto a grupos e coletivos culturais de base comunitária, reconhecidos como Pontos de Cultura. Ao contrário da Lei Rouanet, que depende da intermediação de empresas e produtores para a captação de recursos via renúncia fiscal, a Cultura Viva opera por meio de Termos de

Compromisso Cultural (TCC), instrumentos de transferência direta de recursos públicos mais acessíveis a coletivos informais, associações e redes culturais locais.

A diversidade dos segmentos contemplados constitui um dos pontos mais fortes da política, abrangendo comunidades quilombolas, povos indígenas, coletivos LGBTQIA+, hip-hop, mestres de capoeira, terreiros e expressões da cultura periférica urbana. Para a gestora cultural Cláudia Leitão (2016, p.1), “a Lei Cultura Viva inaugura um novo paradigma de gestão cultural, ao deslocar o centro da política para as margens e legitimar o saber-fazer popular como elemento estruturante da cultura brasileira”.

Entre 2016 e 2022, o Programa Cultura Viva enfrentou um período de fragilização e descontinuidade institucional, decorrente de cortes orçamentários e da reestruturação administrativa que culminou, em 2019, na extinção do Ministério da Cultura (MinC), por meio da Medida Provisória n. 870/2019, convertida na Lei n. 13.844/2019. Suas atribuições foram transferidas para a Secretaria Especial de Cultura, então vinculada ao Ministério do Turismo, resultando em perda de autonomia e redução da capacidade de execução das políticas culturais.

Ainda assim, graças à resistência dos coletivos, Pontos e Pontões de Cultura e redes comunitárias, a política se manteve viva, sustentada pela participação social e pelo compromisso das bases culturais. Com a recriação do Ministério da Cultura em 2023, por meio do Decreto n. 11.336, de 1 de janeiro de 2023, a Cultura Viva foi recolocada como eixo estruturante da política cultural brasileira, reafirmando os princípios de equidade racial, inclusão territorial, diversidade e reconhecimento da cultura como direito de cidadania.

1.4.4 **Lei Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020)**

A Lei Aldir Blanc foi sancionada como resposta à pandemia de covid-19 e à paralisação do setor cultural. Com orçamento de R\$ 3 bilhões, garantiu subsídios diretos a espaços culturais e renda emergencial para artistas em situação de vulnerabilidade.

Construída com protagonismo da sociedade civil, especialmente por articulações negras, a lei foi decisiva para a sobrevivência de coletivos periféricos, grupos de tradição oral e mestres populares. Como afirma o sociólogo José Carlos

Durand (2021, p.1), “a Lei Aldir Blanc inaugurou uma forma de socorro cultural que combinou urgência humanitária e política pública estruturante”.

Sua estrutura federativa, descentralizada e democrática foi fundamental para alcançar segmentos historicamente excluídos, tornando-se referência para novas formas de gestão pública no campo cultural.

1.4.5 **Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022)**

Aprovada em 2022, após ampla mobilização nacional, a Lei Paulo Gustavo representa o maior investimento emergencial da história cultural brasileira, com mais de R\$ 3,8 bilhões em recursos. Seu foco principal está no setor audiovisual, mas contempla todas as expressões culturais e reforça critérios de descentralização, inclusão racial, de gênero e territorial.

A contemplação do projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*, de autoria desta pesquisadora, pelo edital municipal da LPG, exemplifica o potencial transformador da legislação. A proposta, voltada à valorização da cultura afro-brasileira e à construção de memória local, reforça o protagonismo negro em um território que historicamente excluiu essas narrativas do espaço público e simbólico.

Ao apoiar iniciativas como esta, a LPG reafirma que políticas culturais podem e devem ser instrumentos de reparação histórica, visibilidade simbólica e justiça racial. As leis culturais federais analisadas neste capítulo não devem ser compreendidas apenas como mecanismos técnicos de fomento. Elas operam em campos de disputa por recursos, por narrativas e por reconhecimento simbólico. Em todos os casos, observa-se que sem ações afirmativas e recortes de equidade, os grupos negros e periféricos permanecem em desvantagem, mesmo quando formalmente contemplados nas políticas públicas.

É sob esse ponto que se insere a crítica estrutural ao modelo vigente: mais que ampliar verbas ou simplificar burocracias, é preciso democratizar o poder de decidir o que é cultura, quem produz e quem tem o direito de representar o Brasil.

1.5 Lacunas de equidade nas políticas culturais: entre a distribuição e o reconhecimento

Embora a Lei Rouanet seja a mais documentada em termos estatísticos, as demais legislações de incentivo à cultura no Brasil também apresentam padrões de concentração regional e exclusão simbólica, ainda que em formatos distintos. No caso da Lei Aldir Blanc, segundo relatório da Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados (2021), mais de 60% dos recursos executados foram destinados a projetos de pequeno e médio porte, muitos deles localizados fora do eixo Rio-São Paulo, o que representou um avanço em relação às políticas anteriores. Ainda assim, não há dados oficiais que identifiquem o perfil racial ou de gênero dos proponentes, o que compromete a mensuração da equidade efetiva.

Já a Lei Paulo Gustavo, mesmo incluindo diretrizes de diversidade nos editais, também carece de dados públicos desagregados por raça, classe e território, o que limita sua capacidade de promover uma justiça redistributiva com monitoramento eficaz. Quanto à Lei Cultura Viva, estudos de redes culturais e pesquisadores da área apontam que mais de 70% dos Pontos de Cultura ativos entre 2004 e 2016 estavam ligados a comunidades negras, periféricas ou tradicionais (Leitão, 2016; Rubim, 2018). No entanto, a extinção do Ministério da Cultura em 2016 resultou em descontinuidade institucional e perda de dados estruturantes, dificultando o acompanhamento longitudinal dessa política.

Essa ausência de um Sistema Nacional de Indicadores Culturais com recorte interseccional, conforme propõem Fernandes (2015); Santos e Cunha (2020), revela uma fragilidade estrutural das políticas culturais brasileiras no que se refere ao controle social e à accountability racial. Como argumenta Sueli Carneiro (2003), não basta o acesso formal às políticas públicas: é preciso garantir que os instrumentos de medição, representação e validação considerem os marcadores sociais da diferença, sob pena de perpetuar desigualdades travestidas de neutralidade.

Para que o direito à cultura se efetive como parte da cidadania plena, é necessário não apenas distribuir recursos com equidade, mas também monitorar, com transparência e rigor, quem os acessa, com quais meios e sob quais condições. Essa é uma condição indispensável para consolidar políticas culturais antirracistas e comprometidas com a diversidade real da população brasileira.

Em síntese, os instrumentos de fomento cultural no Brasil revelam que a distribuição de recursos, mesmo quando ampliada, não basta para corrigir desigualdades estruturais. A ausência de um aparato técnico e político de monitoramento interseccional com recortes de raça, classe, gênero e território reforça o viés excludente de uma cultura institucionalizada sob a lógica da neutralidade. Conforme alerta Fraser (2001), a justiça cultural exige tanto redistribuição quanto reconhecimento dois pilares ainda frágeis na política cultural brasileira. Avançar nesse sentido requer a institucionalização de mecanismos de avaliação participativa e de indicadores culturais sensíveis à diversidade, como propõem estudiosos como Santos (2019); Nascimento (2009). O desafio contemporâneo das políticas culturais, portanto, é transitar da retórica da inclusão para a efetividade da equidade.

1.6 A importância da lei nº 10.639/2003

A Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), tornando obrigatória a inclusão, no currículo oficial da rede de ensino, do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (Brasil, 2003). Essa legislação é fruto da luta histórica do movimento negro brasileiro por reconhecimento e valorização da contribuição dos povos africanos e afrodescendentes na formação da sociedade nacional.

Conforme estabelece o artigo 26-A da LDB, a obrigatoriedade incide especialmente sobre as disciplinas de História, Literatura e Educação Artística, com o objetivo de valorizar a cultura negra, abordando a história da África, dos africanos, da luta dos negros no Brasil e suas contribuições nas esferas social, econômica e política (Brasil, 2003).

Segundo Gomes (2005, p.67), “a inclusão da temática da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar é resultado da histórica reivindicação do movimento negro, que sempre denunciou o silenciamento e a invisibilização dos negros na educação brasileira”. A autora enfatiza que a implementação dessa lei representa um avanço significativo para a construção de uma educação antirracista e plural.

O principal objetivo da Lei nº 10.639/2003 é promover uma educação que reconheça a pluralidade étnico-racial da sociedade brasileira, combatendo o racismo estrutural presente nas práticas escolares e no conteúdo curricular. Nas palavras de

Gomes (2012, p.152), “a legislação busca corrigir a omissão da contribuição africana na formação da identidade nacional, rompendo com a visão eurocêntrica dominante”.

A importância dessa lei pode ser compreendida também à luz da teoria do reconhecimento, desenvolvida por Nancy Fraser (2001). Para a autora, o reconhecimento de identidades culturais subalternizadas é condição fundamental para a justiça social. Nesse sentido, a inserção obrigatória da história e cultura afro-brasileira no currículo representa uma ação afirmativa de reconhecimento, necessária para combater desigualdades estruturais.

A implementação da Lei nº 10.639/2003 foi regulamentada pela Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004, do Conselho Nacional de Educação, que estabeleceu diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais. Essa normativa orienta a inclusão transversal do tema nos currículos escolares e reforça a necessidade de formação inicial e continuada de professores para o tratamento crítico e pedagógico da temática (Brasil, 2004).

Ademais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, contempla o respeito à diversidade étnico-racial como princípio norteador da educação básica, evidenciando a permanência e atualização da Lei nº 10.639/2003 no cenário educacional contemporâneo.

Entretanto, como apontam Gomes (2012) e Schucman (2014), a efetivação da Lei nº 10.639/2003 ainda enfrenta entraves, como a resistência de parte dos educadores, a falta de formação específica, a escassez de materiais didáticos adequados e a reprodução inconsciente de práticas racistas no ambiente escolar.

Para que a lei cumpra plenamente seus objetivos, é indispensável o fortalecimento de políticas públicas que garantam a formação continuada dos professores, o desenvolvimento de materiais pedagógicos comprometidos com a diversidade, bem como a revisão crítica dos currículos escolares. A consolidação da Lei nº 10.639/2003 como ferramenta de justiça social e reparação histórica depende de vontade política, mobilização social e compromisso institucional com uma educação antirracista.

As reflexões apresentadas evidenciam que a cultura afro-brasileira não apenas compõe a identidade nacional, ela a estrutura, a desafia e a renova constantemente. Por meio da música, da estética, da religiosidade, da literatura, do audiovisual e da produção intelectual, o legado africano afirma-se como campo vivo de criação, memória e luta por reconhecimento.

A análise da Lei nº 10.639/2003 reforça que a valorização da cultura negra deve estar articulada às políticas públicas de educação, memória e justiça racial. A cultura afro-brasileira, portanto, não pode ser tratada como folclore ou conteúdo periférico, mas como pilar civilizatório e epistemológico que deve ocupar seu devido lugar no currículo, na política e na construção de um Brasil verdadeiramente plural e democrático.

1.7 Vozes: o movimento negro no Brasil e em Franca

Para compreender a emergência e a articulação das *Vozes Negras na Cultura Francana*, tema central deste estudo, é fundamental situá-las em um contexto histórico mais amplo: a longa, resiliente e multifacetada trajetória do movimento negro no Brasil. As produções culturais e os sujeitos retratados no curta-metragem não surgem de forma isolada, mas como expressão viva de um legado coletivo de resistência, busca por reconhecimento e conquista de espaços sociais e simbólicos.

A luta da população negra por direitos civis e sociais não começou com as recentes políticas afirmativas. Conforme destaca Domingues (2007), desde o pós-abolição, negros e negras organizaram-se em grêmios, associações culturais, irmandades religiosas e veículos da imprensa negra como estratégia de enfrentamento à exclusão e à marginalização impostas pelo regime republicano. Um marco dessa articulação foi a criação da Frente Negra Brasileira (FNB), nos anos 1930, que se consolidou como um movimento de massa com forte atuação política e social, propondo a inclusão do negro na sociedade e denunciando o racismo institucionalizado.

Contrariando a narrativa de que o movimento negro teria sido silenciado durante o estado novo e no período democrático subsequente, Domingues evidencia a importância de iniciativas como o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado pelo francano Abdias do Nascimento em 1944. O TEN utilizava a arte como forma de denúncia e valorização da identidade negra, promovendo uma estética de resistência que ecoa nas manifestações culturais contemporâneas, inclusive nas expressões dos artistas francanos abordados neste trabalho.

Com o surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, em pleno regime militar, o movimento negro alcançou nova projeção nacional. O MNU organizou uma agenda política de reivindicações que incluía ações afirmativas, políticas públicas

específicas, valorização da cultura afro-brasileira e combate à violência racial. Essa mobilização influenciou diretamente os avanços consagrados na Constituição Federal de 1988, além da promulgação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas.

Essa efervescência do movimento negro nacional reverberou também em diversas localidades do país, como é o caso de Franca. Embora historicamente pouco documentada, a atuação da população negra no município tem se feito presente tanto no campo cultural quanto no político. A dissertação de Nascimento (2018) revela que, mesmo com as dificuldades estruturais, há uma mobilização concreta em torno da valorização da identidade negra e da promoção da educação para as relações étnico-raciais na cidade.

Franca é marcada por profundas desigualdades raciais, muitas vezes naturalizadas por um discurso de falsa harmonia étnica. A população negra, vinculada historicamente ao trabalho braçal e a posições subalternas na economia local, teve suas manifestações culturais e sociais frequentemente invisibilizadas. No entanto, nos últimos anos, essa realidade vem sendo contestada, por meio de ações afirmativas, artísticas e políticas que procuram reconstruir a memória coletiva da cidade sob uma perspectiva afrocentrada.

Nesse processo de ressignificação, destacam-se instituições como o Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (COMDECON) e o Movimento Negro Unificado de Franca (MONUF), que atuou na proposição de políticas públicas e na realização de eventos voltados ao fortalecimento da população negra local. Projetos como o Sarau Primavera e Sarau Protesto, Poemas e Poesias, realizados em escolas municipais, exemplificam o engajamento de educadores em práticas pedagógicas que valorizam a história e a cultura afro-brasileira.

Ainda assim, como aponta Nascimento (2018), a implementação da Lei nº 10.639/2003 em Franca enfrenta obstáculos significativos, como a falta de formação continuada para os professores, escassez de materiais didáticos com abordagem étnico-racial e a descontinuidade de projetos. A escola, portanto, permanece como um campo de disputa simbólica, onde a cultura negra ainda precisa ser afirmada e legitimada.

As vozes negras retratadas no curta-metragem são expressão dessa história em movimento. São rappers, poetas, megahistas, produtores culturais e educadores que, por meio da arte, da palavra e da ação coletiva, constroem novos sentidos de

pertencimento e resistência. Sua atuação ultrapassa os palcos e as salas de aula, promovendo diálogos com a sociedade e com o Estado, reivindicando direitos e ocupando espaços antes negados.

A própria realização deste trabalho, financiada por recursos da Lei Paulo Gustavo, é consequência direta das lutas históricas do movimento negro. Quando aplicadas com perspectiva de equidade, políticas de fomento à cultura funcionam como instrumentos de reparação simbólica e reconhecimento. Assim, ao dar visibilidade às vozes negras da cultura francana, este estudo não apenas registra expressões artísticas contemporâneas como também honra um processo histórico que une memória, identidade e transformação social.

Na seção seguinte, será apresentado o estudo de caso do projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*, que exemplifica, na prática, como ações culturais locais podem materializar os princípios de visibilidade, pertencimento e valorização da cultura negra no território brasileiro contemporâneo.

1.8 O projeto *Vozes negras na cultura francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais*

O projeto *Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais*, idealizado pela agente cultural Denir Alves de Souza, foi realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022, Lei Paulo Gustavo, por meio do Edital de Chamamento Público nº 12/2023, processo nº 59/2023 da Fundação Esporte, Arte e Cultura de Franca – FEAC. O filme produzido no âmbito do projeto apresenta entrevistas com personalidades negras da cidade de Franca que, ao compartilharem suas trajetórias, visões e experiências, contribuem para o entendimento sobre os espaços culturais da cidade e as disputas simbólicas e institucionais que envolvem a presença negra nesses ambientes.

A iniciativa busca evidenciar as lacunas históricas de participação da população negra nas políticas culturais locais, ao mesmo tempo que fortalece a memória, os saberes e os fazeres das comunidades afrodescendentes como patrimônio cultural vivo. O projeto dialoga diretamente com os princípios de reparação simbólica, diversidade e inclusão previstos nas diretrizes do Sistema Nacional de Cultura e reafirmados nas legislações emergenciais como a própria Lei Paulo Gustavo.

Diante do contexto de desigualdade estrutural que marca a história do Brasil, e especialmente da exclusão sistemática da população negra dos processos decisórios e dos espaços de visibilidade cultural e profissional, este projeto se apresenta como um instrumento de democratização do acesso à produção simbólica e à construção de narrativas culturais plurais. Mais do que documentar vivências, *Vozes Negras na Cultura Francana* se insere como parte ativa de uma política de resistência e reexistência da cultura negra, promovendo a escuta, a valorização e a preservação das manifestações culturais afro-brasileiras em sua complexidade e potência transformadora.

A proposta deste estudo é analisar o projeto à luz das políticas públicas culturais brasileiras, especialmente considerando os debates sobre democracia cultural, equidade racial e justiça social. Para isso, adota-se como metodologia a análise qualitativa e interpretativa, com base em revisão bibliográfica e registro audiovisual, buscando compreender de que maneira experiências como essa podem contribuir para repensar os modelos tradicionais de formulação, financiamento e avaliação das políticas culturais, sobretudo nos municípios.

À luz das diretrizes sobre a democratização do acesso à cultura e a promoção da justiça social, a Lei Paulo Gustavo se configura como um marco legal que materializa essas intenções. Nesse contexto, o projeto *Vozes Negras na Cultura Francana* surge como uma expressão concreta desses princípios no município de Franca.

O projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*, compreendido como uma política pública cultural em ação. Desenvolvido no município de Franca/SP, com recursos da Lei Complementar nº 195/2022, conhecida como Lei Paulo Gustavo, o projeto foi idealizado com o propósito de dar visibilidade às trajetórias, memórias e contribuições de personalidades negras na produção cultural local.

O estudo de caso busca evidenciar como ações culturais financiadas por políticas públicas podem atuar no combate ao racismo, na valorização da identidade afro-brasileira e na democratização do acesso à cultura. Trata-se de uma iniciativa que articula cultura, memória, audiovisual e direitos, materializando, no plano local, os princípios de equidade, participação e reconhecimento que orientam as políticas culturais contemporâneas.

A proposta é refletir sobre o papel das políticas públicas na promoção da diversidade cultural e na afirmação das narrativas negras nos territórios.

1.8.1 **Contextualização do projeto**

Com base na minha experiência profissional na gestão pública, bem como na trajetória como comunicadora, publicitária e mulher preta que vivencia cotidianamente os impactos do racismo, desenvolvi a proposta como uma ferramenta de valorização das vozes negras e de fortalecimento cultural e político por meio do audiovisual. O projeto resultou na produção de um curta-metragem documental composto por entrevistas com artistas, lideranças comunitárias e agentes culturais negros da cidade de Franca, atuantes em diversos campos da cultura, como literatura, estética, carnaval, dança e música.

Executado entre fevereiro de 2024 e março de 2025, com apoio da Fundação Esporte, Arte e Cultura de Franca (FEAC), da equipe técnica do projeto e da produtora Dialeitou, o trabalho seguiu todas as etapas previstas: pesquisa, pré-produção, gravação, edição, acessibilidade, distribuição e contrapartida social. O filme, com duração de 52 minutos, foi disponibilizado gratuitamente no YouTube, exibido na TV Franca (Canal 23), nos canais da Dialeitou e da proponente, e também no site oficial da Prefeitura de Franca. Além disso, foi distribuído em DVD, acompanhado de material informativo, para instituições públicas, organizações não governamentais (ONGs), escolas, bibliotecas e centros culturais do município.

Ao trazer à tona vozes e memórias negras frequentemente silenciadas, compreende-se que o projeto contribuiu para a valorização identitária da população negra francana e para a reconfiguração das narrativas sobre a cultura afro-brasileira no território local.

A escolha deste projeto como estudo de caso justifica-se por seu potencial enquanto política pública cultural de base afirmativa, articulando o enfrentamento ao racismo estrutural e a valorização da diversidade por meio da cultura. A experiência do *Vozes Negras na Cultura Francana* evidencia, na prática, como ações culturais inclusivas podem operar como instrumentos de transformação social, reconhecimento e fortalecimento das identidades afro-brasileiras.

1.8.2 **Metodologia de seleção dos entrevistados**

A escolha dos entrevistados foi realizada com base em uma pesquisa conduzida em fevereiro de 2024, centrada na identificação de personalidades negras

da cidade de Franca com atuação significativa no cenário cultural. Foram considerados critérios como relevância histórica, impacto cultural, diversidade de linguagens artísticas e vínculos com políticas públicas culturais. Cada convidado representa um segmento importante da cultura negra francana: literatura, artes plásticas, hip-hop, samba, beleza negra, educação e arte-educação. A intenção foi garantir uma amostra plural e representativa da experiência negra na cidade, oferecendo visibilidade às trajetórias que fortalecem a identidade cultural afrodescendente.

1.8.3 Critérios de escolha dos personagens

Os personagens foram escolhidos não apenas por sua notoriedade individual, mas por sua representatividade comunitária e contribuição para a resistência e afirmação da cultura negra. O projeto buscou destacar diferentes formas de protagonismo negro: seja por meio da arte engajada, da militância política, do ensino ou da atuação em espaços de cultura popular. Essa diversidade garantiu que o curta-metragem construísse uma narrativa ampla e multifacetada, refletindo os desafios e as conquistas da população negra em Franca no campo cultural.

1.8.4 Equipe técnica e produção

O projeto contou com uma equipe comprometida, sensível e qualificada em todas as suas etapas:

- A pesquisadora, Denir Alves de Souza: proponente, idealizadora, roteirista, entrevistadora, coordenadora geral e responsável pela gestão do projeto, comunicação institucional, articulação política e distribuição dos materiais.
- Ana Paula da Silva (Sempre-Viva Assessoria): historiadora e assistente geral. Atuou na pesquisa de participantes, apoio na elaboração do roteiro, organização técnica e produção gráfica dos folders informativos.
- Jorge Brunetti Suzuki (Sempre-Viva Assessoria): assessor jurídico responsável pela orientação contratual, direitos autorais, uso de imagem e conformidade legal da execução.

- Val Guedes Comunicação e Marketing Ltda. (DialetoU): responsável pela produção audiovisual completa: gravação, edição, finalização, narração, legendagem, libras, acessibilidade e produção de trechos promocionais.

1.8.5 **Ferramentas utilizadas**

As entrevistas foram conduzidas a partir de roteiros personalizados, construídos pela equipe de pesquisa com base em informações biográficas e temáticas de cada personagem. As gravações aconteceram no estúdio da empresa DialetoU (Val Guedes Comunicação e Marketing Ltda.), com estrutura profissional de filmagem e som (câmeras, microfones e iluminação específicos). Após a captação, os materiais passaram por transcrição, edição e legendagem, incluindo narrações introdutórias gravadas em estúdio. A etapa de pós-produção contemplou ainda a inserção de tradução em Libras, seguindo as diretrizes de acessibilidade. Por fim, a análise de conteúdo das entrevistas considerou aspectos qualitativos da fala dos entrevistados, visando estruturar o curta como um documentário reflexivo e informativo.

Este trabalho adota uma abordagem de natureza qualitativa, com caráter exploratório, centrado na compreensão das experiências, memórias e práticas culturais da população negra no município de Franca-SP. A escolha por essa metodologia justifica-se pelo objetivo de investigar processos subjetivos, simbólicos e sociais que não podem ser mensurados numericamente, mas que exigem interpretação crítica e escuta sensível.

Para alcançar esse objetivo, foi adotado o método do estudo de caso, tendo como objeto o projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*, realizado com recursos da Lei Paulo Gustavo. A escolha do estudo de caso permitiu uma análise aprofundada de uma experiência concreta de política pública cultural com base afirmativa. Segundo Yin (2015), o estudo de caso é apropriado quando se busca compreender fenômenos inseridos em contextos específicos e complexos, com múltiplas fontes de evidência, como entrevistas, registros audiovisuais, documentos e ações de campo.

A coleta de dados teve como principal estratégia a realização de entrevistas semiestruturadas, registradas em vídeo, com sete personalidades negras atuantes em áreas como literatura, música, estética, hip-hop, carnaval e artes visuais. Conforme Minayo (2012, p. 57), esse tipo de entrevista “parte de um roteiro básico com questões

abertas, mas permite que o entrevistado tenha liberdade para abordar os temas a partir de sua experiência”. Essa abordagem foi fundamental para garantir que as falas emergissem com espontaneidade, sensibilidade e profundidade.

A metodologia de execução do projeto foi construída com base em princípios de escuta ativa, valorização da memória oral e protagonismo dos sujeitos negros envolvidos na cena cultural local. A primeira etapa consistiu no mapeamento prévio de pessoas negras atuantes na cultura, buscando diversidade de gênero, geração e área de atuação. Essa seleção foi orientada por escolhas de nomes relevantes no cenário, como o professor Carlos de Assumpção e por indicações de lideranças comunitárias.

As entrevistas foram gravadas no estúdio da Dialeto e conduzidas pela autora com base em roteiro pré-estruturado, abordando temas como trajetórias pessoais, desafios enfrentados, atuação cultural e políticas públicas. Durante as gravações, foi assegurado um ambiente de escuta acolhedora e respeito às histórias compartilhadas.

A metodologia adotada neste trabalho não se limita a procedimentos técnicos; ela expressa um compromisso com a visibilidade, escuta e legitimidade de vozes historicamente silenciadas. Nesse sentido, o projeto *Vozes Negras Na Cultura Francana* não é apenas um objeto de estudo, mas também uma ação política de memória, afirmação e transformação social.

1.9 Ações realizadas

A primeira ação foi o mapeamento de pessoas negras atuantes em diversas linguagens culturais, música, literatura, artes visuais, carnaval, estética e educação. A escolha dos entrevistados seguiu critérios de diversidade, relevância e reconhecimento comunitário. Buscou-se contemplar vozes plurais, de diferentes gerações, territórios e áreas de atuação, para construir uma representação ampla da cultura negra francana.

Na sequência, iniciou-se a etapa de pré-produção e elaboração do cronograma de gravações. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado que permitiu aos participantes compartilhar livremente suas experiências, sentimentos, percepções e reflexões. O registro audiovisual buscou capturar não apenas os depoimentos, mas também os gestos, silêncios e elementos simbólicos presentes em cada fala.

Após as gravações, iniciou-se o processo de edição do material, respeitando a integridade dos discursos e o ritmo narrativo das entrevistas. O resultado foi um curta-metragem com 52 minutos de duração, estruturado em torno dos eixos: identidade, resistência, ancestralidade, arte, cultura e racismo.

Além da versão audiovisual, foram produzidos materiais de apoio, como panfletos informativos e DVDs, distribuídos gratuitamente em escolas públicas, bibliotecas e centros culturais da cidade.

Como parte das ações de democratização do acesso, o documentário foi disponibilizado gratuitamente no YouTube e exibido na TV Franca (Canal 23), ampliando seu alcance para diferentes públicos.

CAPÍTULO 2

TRAJETÓRIAS DAS PERSONALIDADES NEGRAS QUE PARTICIPARAM DO PROJETO

A história é feita de vozes. Algumas são amplificadas pelos holofotes da visibilidade social; outras, silenciadas por séculos de exclusão e marginalização. Este capítulo é dedicado às vozes negras que, ao integrarem a iniciativa *Vozes Negras na Cultura Francana*, reafirmaram a potência da experiência negra como fundamento de saber, memória e transformação social.

As trajetórias aqui reunidas não se reduzem a relatos individuais: são expressões de lutas coletivas, heranças ancestrais e conquistas construídas em territórios de educação, arte, militância e espiritualidade. Cada uma dessas personalidades representa um modo singular de existir, resistir e reinventar o mundo a partir de vivências concretas e afetos partilhados.

Mais do que registrar percursos biográficos, buscou-se reconhecer essas trajetórias como parte constitutiva da memória francana e do Brasil negro. Ao narrar suas histórias, dá-se visibilidade a saberes historicamente marginalizados e reafirma-se o papel da negritude na construção de uma sociedade mais plural e democrática. Trata-se, portanto, de um exercício de valorização e celebração das existências negras que reconfiguram cotidianamente os espaços onde atuam: escolas, centros culturais, comunidades religiosas e movimentos sociais. Suas experiências corporificam aquilo que Bell Hooks (1994, p.25) definiu como “pedagogia do lugar de fala”: um saber enraizado na vivência e na ancestralidade, capaz de transformar tanto quem ensina quanto quem escuta.

A iniciativa *Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais* reuniu entrevistas com personalidades da cidade que, ao partilharem suas visões, contribuíram para compreender as disputas simbólicas e institucionais em torno da presença negra na cena cultural local. O documentário buscou, assim, evidenciar as lacunas históricas de participação da população negra nos processos culturais, ao mesmo tempo em que fortaleceu saberes e práticas afrodescendentes como patrimônio vivo.

Ao dialogar com os princípios de reparação simbólica, diversidade e inclusão inscritos no Sistema Nacional de Cultura e reforçados em legislações emergenciais como a Lei Paulo Gustavo, a experiência reafirma que políticas culturais só adquirem

sentido pleno quando reconhecem e legitimam as vozes historicamente silenciadas. Nesse contexto, a iniciativa se insere como parte de um movimento maior de resistência e reexistência da cultura negra, promovendo escuta qualificada, preservação da memória e valorização de expressões culturais afro-brasileiras em sua complexidade.

A partir desse marco, o curta-metragem produzido evidenciou como ações culturais inclusivas podem operar como instrumentos de transformação social e de fortalecimento das identidades afro-brasileiras. Ao destacar trajetórias de figuras como Carlos de Assumpção, Marley Moraes, Eduardo Carvalho, Preto Cria, Du do Hip-Hop, Régis Rosa e Luciana Cunha, reafirma-se o lugar da cultura negra não apenas como objeto de registro ou pesquisa, mas como sujeito ativo de criação e de reinvenção social.

Como lembra Stuart Hall (2003), “a cultura é um dos principais locais onde se joga a luta pelo poder e pelo reconhecimento das identidades”. É nesse horizonte que se deve compreender a contribuição dessas vozes: não como exceção ou destaque episódico, mas como legado estrutural para o enfrentamento das desigualdades raciais e para a construção de políticas culturais inclusivas e antirracistas.

2.1 Quem são essas vozes negras?

São artistas, educadores e lideranças culturais que, por meio de suas trajetórias e práticas cotidianas, têm contribuído de maneira decisiva para a valorização da cultura negra e para o fortalecimento da identidade afrodescendente em Franca.

Marley de Fátima Moraes Borges: referência na educação para as relações étnico-raciais e na militância antirracista;

Carlos de Assumpção: ícone da literatura negra brasileira, cuja poética se consolidou como símbolo de resistência;

Eduardo Carvalho: artista visual que ressignifica ancestralidades com desenhos hiper-realistas;

Preto Cria: rapper, escritor e educador, cronista da periferia e das lutas negras contemporâneas;

Du do Hip-Hop (Carlos Eduardo da Silva): b-boy, MC, arte-educador e agente público atuante nas políticas de juventude;

Régis Augusto Rosa: presidente da Escola de Samba Ases do Ritmo, liderança do carnaval francano;

Luciana dos Santos Cunha: empreendedora da estética, especialista em cabelos e maquiagem afro-brasileira, promotora da beleza como identidade e afirmação cultural.

A seguir, apresenta-se um panorama das trajetórias de vida das personalidades que integram o projeto *Vozes Negras na Cultura Francana*. Suas histórias individuais, entrelaçadas por experiências de criação, luta e protagonismo, compõem um mosaico da contribuição negra para a cultura local. Cada uma dessas vozes desempenha papel fundamental na afirmação da identidade afro-brasileira no município, fortalecendo práticas culturais que sustentam memória, reconhecimento e justiça social.

2.1.1 **Carlos de Assumpção: o Griot da poesia negra brasileira**

“Cada verso é um grito de esperança, para vencer a ignorância.”

(Carlos de Assumpção, Batuque)

Carlos de Assumpção é um dos nomes fundadores da literatura afro-brasileira contemporânea (Duarte, 2011; Literafro, 2023). Poeta, professor, advogado e militante, sua produção se caracteriza por uma linguagem direta e incisiva, voltada para questões como racismo, desigualdade social e a luta histórica do povo negro no Brasil. Sua obra inaugura uma poesia negra de perfil social e político, na qual lirismo, denúncia e consciência histórica se entrelaçam com densidade estética. Em razão de sua relevância, é frequentemente comparado a grandes nomes da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto (Duarte, 2011; Pucheu, 2021).

Nascido em 23 de maio de 1927, em Tietê (SP), cresceu em uma família marcada pela oralidade, pela religiosidade popular e pela ancestralidade negra. Neto de um homem escravizado, libertado pela Lei do Ventre Livre, teve contato, desde cedo com o universo cultural afro-brasileiro. Sua mãe, Sebastiana de Souza, presidia a Sociedade 13 de Maio e organizava saraus infantis, nos quais eram recitados poemas de autores como Castro Alves, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. Esses

encontros foram decisivos para que Carlos percebesse a palavra poética como força mobilizadora e como instrumento de coletividade (Duarte, 2011; Oliveira, 2007).

Casado com Jacira Alves de Assumpção (*in memoriam*), é pai de Sandra Maria, Carlos Júnior e Maria Silva, e avô de Mateus e Tiago. Viveu por dez anos em Rifaina (SP), onde atuou como vereador, e, em 1969, estabeleceu-se em Franca, formando-se em Letras e Direito pela UNESP. Nessa cidade, consolidou-se como educador, advogado e uma das vozes mais expressivas da luta negra no interior paulista, estabelecendo diálogo estreito com intelectuais como Abdias do Nascimento.

Sua poética é memória, denúncia e testemunho. O livro *Protesto* (1982), somado a *Quilombo* e à sua participação nos *Cadernos Negros*, representa a afirmação de uma literatura negra com voz própria, em sintonia com as lutas antirracistas e com a construção de uma identidade afro-diaspórica crítica e insurgente. Sua escrita confronta o apagamento das vozes negras na história literária brasileira e oferece uma contranarrativa que revaloriza a presença intelectual, estética e política do povo negro. Trata-se de uma literatura que educa e emancipa, ao transformar a linguagem em instrumento de disputa simbólica e consciência coletiva.

Em Franca, sua atuação extrapola a literatura impressa: tornou-se referência para artistas, educadores e militantes. Projetos como *Vozes Negras na Cultura Francana* celebram sua trajetória como memória viva da cultura afro-brasileira local. Sua presença reafirma a centralidade da arte como espaço de resistência, formação crítica e produção de sentidos.

Mais do que poeta, Assumpção é formador de consciências, educador de sensibilidades e arquiteto de futuros possíveis para as populações negras, sobretudo nas periferias e no interior. Como enfatiza Sueli Carneiro (2005), a produção intelectual negra representa uma insurgência epistêmica frente ao silenciamento histórico. A obra de Carlos inscreve a subjetividade negra no campo literário e amplia os horizontes da memória, da imaginação política e da emancipação social.

Sua participação no documentário *Vozes Negras na Cultura Francana* constitui testemunho singular de sua trajetória pessoal, intelectual e política. Aos 98 anos, compartilha com lucidez marcos de sua vida, articulando memória afetiva, crítica social e afirmação da cultura negra. Assim, sua presença no projeto reforça a compreensão de que as vozes negras não apenas resistem, mas constroem, educam e projetam novos horizontes para o futuro coletivo.

Figura 1: Entrevista com Carlos de Assumpção



Fonte: Elaborado pela autora, 2024¹

2.1.2 Marley de Fátima Moraes Borges

Entre as vozes negras que integram o documentário *Vozes Negras na Cultura Francana*, destaca-se a da professora, pesquisadora e militante antirracista Profa. Dra. Marley de Fátima Moraes Borges. Sua trajetória intelectual e política, marcada pelo compromisso com a justiça social, articula docência, produção acadêmica e intervenção nos territórios da educação e da cultura negra.

Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca), é também mestre em Planejamento e Análise de Políticas Públicas (PAPP) e licenciada em História pela mesma instituição. Possui ainda formação em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e em Filosofia pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), reunindo repertório teórico e crítico de rara amplitude e densidade.

Com mais de 27 anos de dedicação à educação pública, atuou como professora titular de História na rede estadual paulista e, atualmente aposentada, integra o corpo docente do curso de Pedagogia da Faculdade Metropolitana de Franca (FAMEF). Especialista em estudos africanos e afro-brasileiros, tornou-se referência regional na

¹Entrevista Disponível na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=TbKU2UmsuKw&t=39s>

implementação da Lei nº 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Sua pesquisa de mestrado na UNESP, intitulada *O Ensino de História, Cultura Africana e Afro-Brasileira na Perspectiva da Lei nº 10.639/2003: análise de políticas públicas na EE Prof. Hélio Palermo (Franca/SP)*, sob orientação do Prof. Dr. Jonas Rafael dos Santos, consolidou as bases de um percurso que articula reflexão crítica e prática pedagógica transformadora.

Desde 2018, coordena e ministra o curso *Estudos e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Perspectiva da Lei 10.639/03*, ofertado em parceria com a UNESP, a Diretoria de Ensino da Região de Franca e o Grupo Mulheres do Brasil. Em 2025, o curso alcança sua 6ª edição, configurando-se como uma das principais estratégias formativas da região voltadas à efetivação da lei. Ao longo de suas edições, mais de 250 educadores e gestores foram capacitados, promovendo mudanças concretas nos espaços escolares e disseminando práticas antirracistas.

Sua pedagogia reafirma a escola como espaço estratégico de disputa simbólica, reconstrução da memória coletiva afro-brasileira e valorização das identidades negras. Mais do que fundamentos teóricos e bibliográficos, o curso estimula a elaboração de projetos pedagógicos próprios, elaborados a partir das oficinas, indicações de leitura e vivências coletivas. Nas palavras da própria Marley:

Esse curso tem algo muito específico, muito especial. [...] Os professores levam as oficinas, as aulas teóricas, as indicações bibliográficas para suas escolas e constroem projetos próprios. É emocionante ver os portfólios, as filmagens, os registros... É muita transformação acontecendo. [...] Cada escola monta o seu próprio projeto. Algumas trabalham com pessoas negras que representam a cultura, outras com a ancestralidade africana. Nós visitamos as escolas, participamos das apresentações. É lindo ver essa construção coletiva. [...] Pensar a transformação dos estudantes é o mais lindo, é o mais significativo. [...] Isso nos enche de alegria, de esperança. (Entrevista ao documentário *Vozes Negras na Cultura Francana*, 2024).

Além de sua atuação em sala de aula e na formação docente, dedica-se voluntariamente ao Comitê de Igualdade Racial do Grupo Mulheres do Brasil, promovendo ações de conscientização, formação e incidência política voltadas à equidade racial. Sua contribuição, portanto, ultrapassa os limites da prática pedagógica, alcançando dimensões de intervenção comunitária e formulação de políticas públicas.

A trajetória da Profa. Dra. Marley inscreve-se na tradição intelectual e ativista de mulheres como Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, para as quais a educação constitui ferramenta de resistência e “tradução política da ancestralidade”. Sua participação no projeto *Vozes Negras na Cultura Francana* evidencia o entrelaçamento entre educação, militância e afirmação da negritude, configurando-se como testemunho vivo da força transformadora do conhecimento quando enraizado na experiência, na ancestralidade e na prática cotidiana de luta.

Figura 2: Convite para o curso aplicado por Marley, na UNESP-Franca



Curso - 6ª Edição

História e Cultura Africana e Afro-brasileira na perspectiva da Lei 10.639/03

Curso presencial, oferecido com exclusividade para professoras e professores de todos os níveis, gestoras e gestores da rede educacional estadual paulista de Franca, e também para egressos do curso. A realização é da parceria tríplice entre Grupo Mulheres do Brasil Franca, UNESP e Diretoria de Ensino Região de Franca, com apoio do Comdecon Franca.

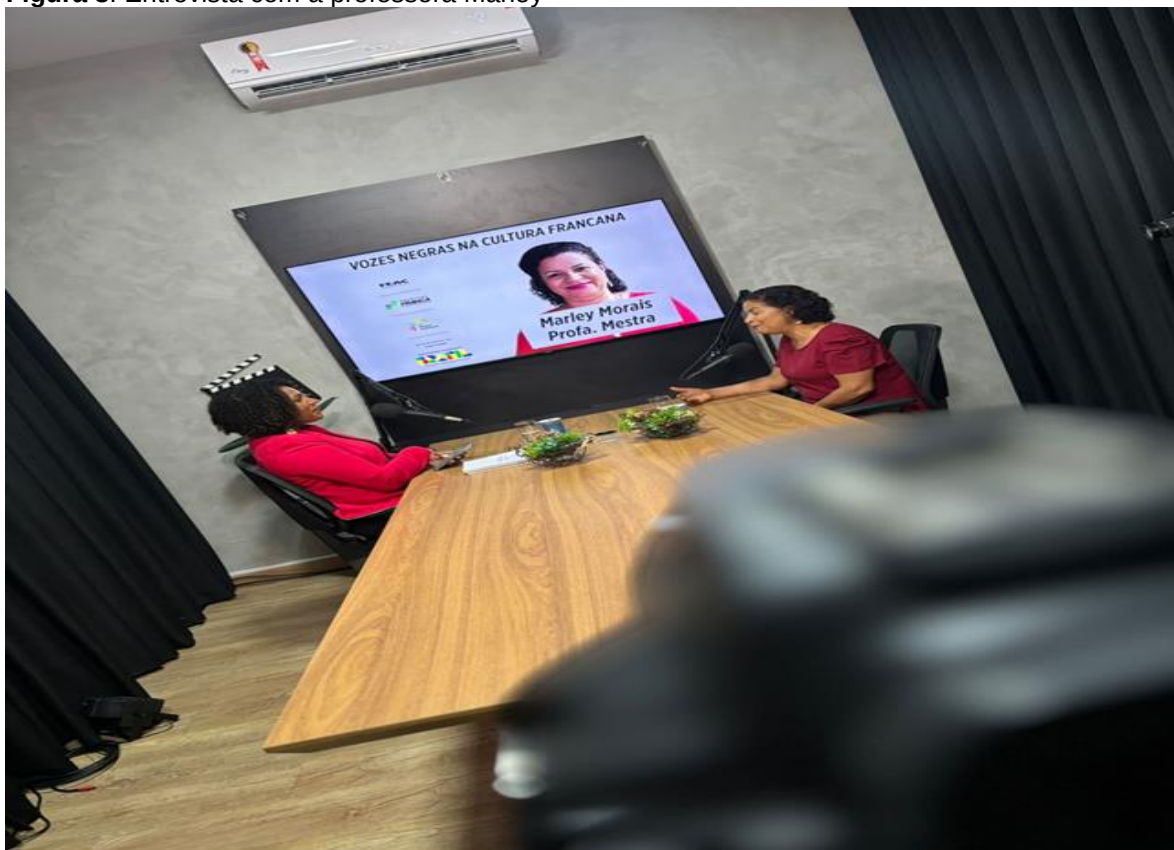
Formato: 8 encontros aos sábados, das 8h às 12h
Corpo docente: professores da UNESP
Período: 09 a 30 de agosto e 06 a 27 de setembro de 2025
Local: UNESP Campus Franca
Certificado: expedido pela Diretoria Regional de Ensino
Vagas: serão oferecidas 60 vagas
Inscrições online: 09 a 26 de junho de 2025
 em <https://defranca.educacao.sp.gov.br>

Grupo Mulheres do Brasil Franca UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" Diretoria de Ensino Região de Franca COMDECON

Fonte: Imagem concedida pela entrevistada, 2025

Figura 3: Entrevista com a professora Marley



Fonte: Dialeitou, 2024²

2.1.3 **Eduardo Carvalho**

A participação de Eduardo Carvalho no documentário *Vozes Negras na Cultura Francana* evidencia a potência das artes visuais como linguagem de ancestralidade, afirmação identitária e crítica social. Nascido em 28 de fevereiro de 1992, em Passos (MG), mudou-se para Franca (SP) em 2012, onde consolidou sua trajetória como artista autodidata, desenvolvendo com apuro técnico as linguagens do realismo e do hiper-realismo, tendo o lápis sobre papel como suporte central de expressão.

Sua projeção nacional ocorreu em 2019, quando foi premiado pela Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) com a exposição *A cultura e suas peculiaridades*, dedicada à valorização da cultura quilombola e das matrizes africanas no Brasil. A partir desse reconhecimento, sua obra passou a circular internacionalmente: em 2022,

² Entrevista na íntegra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rc35ihQBduQ&t=2098s>

recebeu medalha de ouro na INDEX Dubai, pela obra *Águia*; em 2023, foi laureado como Melhor Artista nos salões de arte de Londres e da Escócia.

Mais do que artista premiado, Eduardo é também formador e agente cultural. Conduz oficinas e cursos de desenho voltados à democratização da técnica realista entre jovens artistas, articulando prática pedagógica com consciência estética enraizada na identidade negra e na valorização da cultura afro-brasileira. Atualmente, cursa Licenciatura em Artes Visuais pela UNIASSELVI, integrando sua experiência artística a um projeto comunitário de formação crítica. Sua produção visual combina rigor formal e denúncia simbólica: ao transformar o grafite em linguagem e o desenho em testemunho, ressignifica memórias coletivas, reverencia ancestralidades e amplia o repertório imagético da negritude no campo das artes visuais. Seu traço inscreve no papel corpos historicamente silenciados, reconfigurando as margens como territórios de potência estética e política.

Nesse sentido, sua prática pode ser compreendida como gesto político que desloca o olhar eurocêntrico dominante e desafia os regimes de visibilidade tradicionais da arte ocidental. Como observa Hooks (2019), a estética negra não se limita à forma, mas atua como espaço de reinvenção subjetiva e contestação. Assim, a superfície branca do papel deixa de ser neutra para tornar-se campo de disputa simbólica, onde vidas negras são reinscritas com protagonismo e agência.

Sua entrevista ao documentário *Vozes Negras na Cultura Francana* aprofunda os elementos centrais de sua trajetória, marcada por desafios socioeconômicos, pela ausência de formação formal e pelo autodidatismo como estratégia de expressão e autoformação. Proveniente de uma família humilde do interior mineiro, teve contato precoce com o desenho, mas precisou interromper os estudos para trabalhar na roça. Somente após migrar para Franca, em 2013, retomou os estudos por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), etapa decisiva de sua formação. Nesse período, foi incentivado por uma professora de artes a ilustrar a capa de um livro de poemas, experiência que reacendeu sua ligação com a arte.

Sem acesso a instituições formais ou mentores, desenvolveu-se de maneira autodidata, estudando técnicas do realismo e do hiper-realismo em pesquisas independentes e tutoriais digitais. Artistas como Charles Laveso e Fabiano Milani tornaram-se referências decisivas, impulsionando sua busca pela excelência formal.

O reconhecimento nacional veio com o prêmio da FUNARTE, em 2019, seguido por obras de forte densidade política, como *Liberdade*, que problematiza os legados

da escravidão e a presença negra na contemporaneidade. As premiações em Dubai, Londres e Escócia consolidaram sua presença em circuitos artísticos globais.

Atualmente, Eduardo concilia a produção artística com o trabalho de educador e agente cultural. Realiza oficinas e workshops gratuitos em escolas públicas, especialmente em bairros periféricos, com o propósito de oferecer a jovens a oportunidade que lhe foi negada. Seu objetivo é estruturar um curso gratuito de longa duração voltado à formação de artistas em situação de vulnerabilidade, pautado por uma pedagogia da escuta, do afeto e da emancipação.

Trechos de sua entrevista ao documentário ilustram aspectos centrais de sua trajetória:

Educação e trabalho precoce

“Eu venho de uma família muito simples, do interior de Minas Gerais. [...] Aos 10 anos de idade, eu já estava apanhando café.”

“Infelizmente, tive que abandonar os estudos. Meu pai criando três filhos... eu sou o único filho homem.”

Escola e reencantamento com a arte

“Estudei no EJA, completei o ensino médio e ali tive contato com uma professora de artes que me incentivou muito. Fiz a capa de um livro de poemas e poesias. Isso reacendeu minha ligação com a arte.”

Autodidatismo e técnica

“Não tive ajuda de ninguém. Nenhum artista pôde estar me orientando. Eu fui atrás dos materiais, das técnicas, pesquisando sozinho na internet.”

“Fiquei impressionado com os desenhos de Charles Laveso e Fabiano Milani. Eu falava: ‘Eu não desenho nada!’. Queria aprender esse realismo.”

Compromisso pedagógico

“Hoje eu ensino artistas iniciantes, porque eu sei o quanto é difícil começar. Muita gente me procura do Brasil inteiro pedindo orientação.”

“Ofereço oficinas gratuitas para alunos da rede pública. Quero dar a oportunidade que eu não tive.”

Reconhecimento e politização da obra

“O prêmio da FUNARTE foi uma honra. A exposição tratava da comunidade quilombola. Conheci várias comunidades, foi enriquecedor.”

“A obra Liberdade retrata a escravidão e a superação dos negros. É a terceira obra que faço com figuras negras.”

“Recebi medalha de ouro em Dubai. Em Londres, fui nomeado Melhor Artista entre mais de 140 artistas. E na Escócia, recebi outra medalha de ouro.”

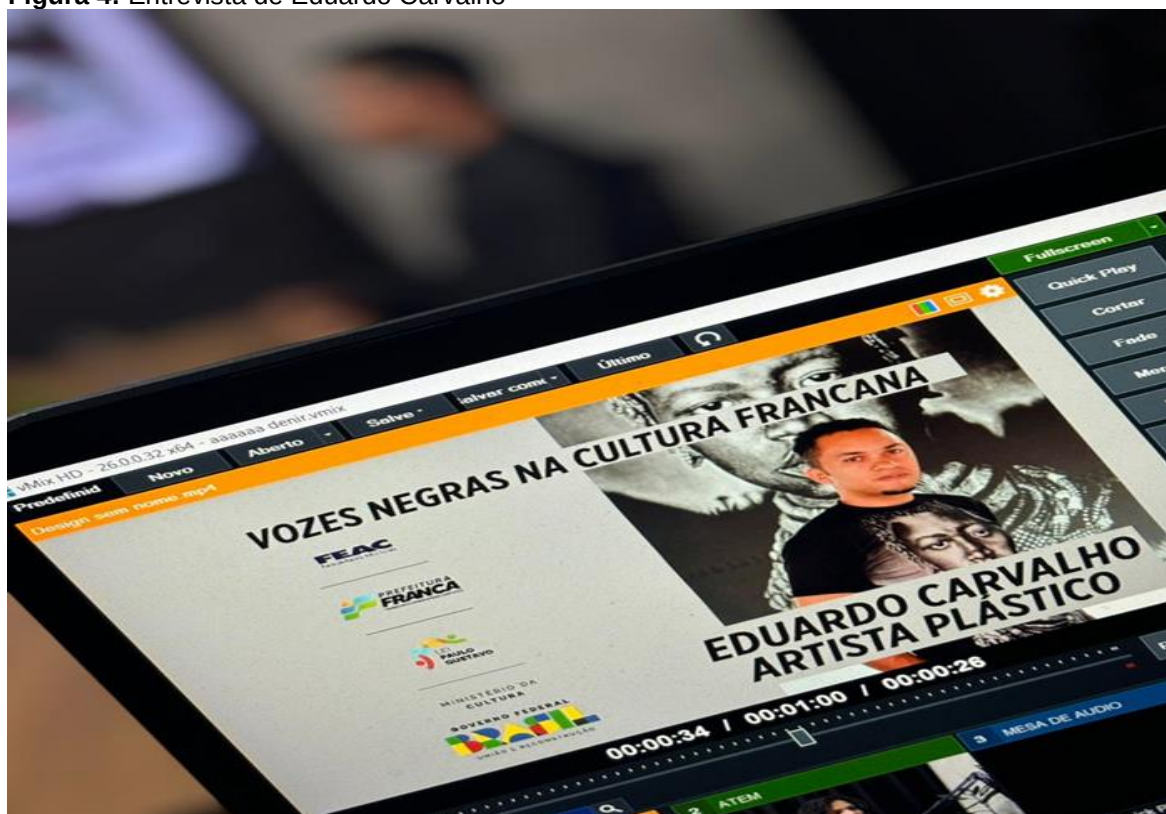
Mensagem final aos jovens artistas

“Nem sempre sai do jeito que a gente quer. Mas é preciso ter esperança, paciência e determinação.”

“A arte e a cultura transformaram minha vida. Meu pai sempre me ensinou a não rejeitar trabalho e ter responsabilidade. Isso me moldou.”

A trajetória de Eduardo Carvalho concretiza o que Hall (2003) define como identidades constituídas nas interseções entre cultura, história e poder. Ao afirmar-se como artista fora dos caminhos institucionais tradicionais, sua prática constitui gesto de insurgência estética e reconfiguração simbólica. Como observa Sueli Carneiro (2005), a produção cultural negra não apenas resiste ao silenciamento, mas funda novas epistemologias e modos de existir no mundo. Nesse sentido, a obra de Eduardo não apenas representa: ela reinscreve a presença negra no campo da arte como potência criadora, ética e política, desafiando lógicas excludentes e expandindo os horizontes da memória coletiva.

Figura 4: Entrevista de Eduardo Carvalho



Fonte: Dialeitou, 2024.³

2.1.4 **Preto Cria**

Enquanto figura seminal da produção cultural negra no interior paulista, Luciano Tarcísio Ferreira, o Preto Cria, configura-se como operador de uma contraestética decolonial, que desafia os regimes normativos de visibilidade, pertencimento e legitimidade cultural. Sua trajetória não se restringe ao campo artístico, mas inscreve-se em um projeto político-pedagógico de reencantamento da memória afroperiférica, produzindo, por meio da arte, uma reescrita radical da presença negra no Brasil contemporâneo.

Oriundo da periferia de Franca (SP), inicia sua atuação no hip-hop em 1993, mobilizando o rap como linguagem insurgente, uma gramática de denúncia e reexistência. Desde então, sua obra torna-se campo de elaboração subjetiva e tensionamento histórico: um espaço onde os escombros da exclusão se transfiguram

³ Entrevista na íntegra disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s3lil6v_5gQ&t=1087s

em estética da reexistência. Aqui, a arte emerge como práxis, no sentido freiriano (Freire, 1987): ação-reflexão situada, que não apenas denuncia, mas transforma o mundo a partir da escuta dos territórios e da mobilização do saber coletivo.

O lançamento, em 2001, do álbum *Uma força a favor do povo*, com o grupo Visão Consciente, não apenas inscreve o primeiro CD de rap na história cultural de Franca, como inaugura uma nova geopolítica simbólica, uma dissonância no pacto da branquitude que, como aponta Bento (2002), atua na manutenção das hierarquias raciais por meio da invisibilização institucional da negritude. Preto Cria, nesse gesto inaugural, não apenas produz arte, mas funde narrativa e insurgência, poeticidade e descolonização.

Sua atuação transcende a música: o projeto *Rabiscos Negros num Espaço em Branco* (2009), por exemplo, evidencia a articulação entre literatura marginal, oralidade ancestral e crítica social, aquilo que Lélia Gonzalez (1984) identificaria como produção em “pretuguês”: uma zona híbrida onde o epistemológico e o afetivo se encontram. Trata-se de uma escrita com o corpo e contra o silêncio, que restitui agência aos sujeitos apagados da história oficial.

Reconhecido como educador social e produtor cultural, Preto Cria promove o hip-hop como ferramenta formativa, constituindo o que Sueli Carneiro (2003) denominaria de epistemologia da periferia: saberes construídos na tensão entre ausência e afirmação. Projetos como *Preto Cria apresenta 50 anos de hip-hop* (2024) não celebram apenas uma história musical, mas atualizam a continuidade de uma luta. Seu trabalho, nesse sentido, é contra-arquivo: um dispositivo de inscrição das memórias desautorizadas, como propõe Achille Mbembe (2017) ao discutir a potência dos corpos que escapam ao controle colonial do tempo.

No documentário *Vozes Negras na Cultura Francana*, sua participação adquire caráter performativo: o testemunho torna-se política. Ao narrar o caso da professora negra cuja trajetória foi apagada por um erro formal em seu diploma, enuncia: “Um erro apagou uma história. A gente não pode, como negro, deixar pé.” Esta frase tensiona o que Fanon (2008) chamou de violência epistemológica, mas também rompe com o pacto narcísico da branquitude (Bento, 2002), que se sustenta na negação do Outro enquanto sujeito de saber.

A crítica torna-se mais aguda ao abordar a fragmentação interna da coletividade negra: “O preto ainda olha com desconfiança no outro preto.” Trata-se aqui de ecoar Bell Hooks (2019), que discute como o racismo estrutural infiltra-se nos

afetos, comprometendo a construção de solidariedades políticas e afetivas. Essa observação evidencia que a luta antirracista não é apenas contra a exclusão externa, mas também contra as microfissuras psíquicas e relacionais que ela produz.

O projeto audiovisual *Hip Hop 4.0.16* (2012–2013), concebido para amplificar vozes periféricas do interior paulista, foi alvo de críticas como: “Ele quer ser o dono do rap”. Em resposta, Preto Cria devolve com lucidez: “Eu sei o tamanho da minha estrela. Mas eu não vou ofuscar ninguém.” Essa declaração tensiona a lógica individualista da indústria cultural, reafirmando a cultura como espaço de partilha, ideia cara à concepção de Glissant (1990), para quem a relação é sempre rizomática e anticolonial.

Sua advertência final “Cuidado com esse querer sucesso de imediato... Você vai criar o tamanho de uma frustração que vai dizer ‘isso não é pra mim’” ressignifica o tempo como dimensão ética. Em oposição à lógica da aceleração neoliberal, aponta para a necessidade de processos lentos, formativos, acumulativos, tal como propõe Grada Kilomba (2019), ao discutir o papel do saber negro como experiência encarnada, histórica e processual.

Com mais de 150 faixas lançadas, videocliques roteirizados e projetos audiovisuais distribuídos em plataformas digitais, sua obra se constitui como um corpo-arquivo, que simultaneamente denuncia, documenta e desestabiliza. Cada música, cada verso, cada gesto é uma tentativa de deslocar o lugar da periferia de margem passiva a centro produtor de sentido, de ausência discursiva a presença incontornável.

Ao dizer: “Minha música não é só pra tocar, é pra cutucar”, Preto Cria sintetiza a força política da sua arte: uma estética do incômodo, uma pedagogia do gesto, um chamado à escuta radical. Sua produção não apenas fala desde as margens ela fala contra o centro, atravessa os silêncios, rasura as narrativas dominantes. Nesse sentido, sua poética é também ontologia, epistemologia e estratégia: uma arte que cria mundo, tensiona o real e anuncia o porvir.

Figura 5: Entrevista de Preto Cria



Fonte: Dialeitou, 2024.⁴

2.1.5 Carlos Eduardo da Silva

Carlos Eduardo da Silva, conhecido como Du, é mais do que arte-educador, B-boy, MC e ativista cultural: é um operador político da cultura e um agente de reconfiguração simbólica dos territórios periféricos, tanto em escala local quanto internacional. Sua trajetória, construída desde os anos 1990, manifesta-se como práxis crítica no sentido freiriano um entrelaçamento indissociável entre escuta, ação e emancipação coletiva, que transforma a arte urbana em pedagogia viva.

Migrante da cidade de São Paulo para a zona sul de Franca (SP) em 1997, Du leva consigo não apenas uma biografia geográfica, mas uma epistemologia da travessia. Ao fundar a True School Crew em 1997 e integrar a Universal Zulu Nation organização internacional sediada em Nova York, inscreve sua prática no campo da diáspora hip-hop global, onde arte se converte em linguagem de paz, consciência

⁴Entrevista na íntegra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=54OSXVM2Xzc&t=3574s>

crítica e pertencimento comunitário transnacional. Representando o Brasil em países como França, Alemanha, Inglaterra, Chile, Uruguai e Bolívia, Du tensiona fronteiras geoculturais, afirmando que a periferia é, também, um centro produtor de mundo.

Sua atuação não se limita à estética performativa. Ao ocupar espaços de decisão política como presidente do CONDECOM (Franca) e conselheiro do CPDCN-SP, Du materializa uma presença negra estratégica nos processos de elaboração de políticas públicas. A defesa das cotas raciais, do reconhecimento do carnaval como patrimônio e da criação de espaços de memória negra em Franca exemplifica um fazer cultural que reivindica lugar institucional sem perder o vínculo com o chão da comunidade. Aqui, cultura não é ornamento: é ação estruturante.

No campo da assistência social, sua atuação como educador e coordenador em programas como o AEPETI, o SAICA e o Serviço de Abordagem Social revela o compromisso com um cuidado radical, onde a escuta ativa e a arte se articulam como tecnologias de reconstrução subjetiva. Atualmente, ao coordenar o Programa de Proteção Social Assistida para Crianças, Adolescentes e Famílias, Du integra arte e cidadania como política pública, assumindo que o hip-hop pode ser tão estruturante quanto qualquer manual técnico de gestão social, porque ele fala com o corpo, com a rua e com a história.

Sua concepção de cultura está enraizada no diálogo e na prática coletiva, ecoando Paulo Freire (1996), para quem a educação se dá na reciprocidade e na escuta. Em suas palavras:

“Ao invés de você brigar, você vai e dança. Compete com a arte, com a cultura. E isso mudou tudo. A gente viu que dava pra transformar realidades com o hip hop.”

Essa frase, registrada no documentário *Vozes Negras na Cultura Francana* (2025), não é apenas um depoimento é um manifesto. Nela, a arte não é distração: é estratégia. O breaking, como Du relata, substituiu conflitos violentos entre bairros por batalhas artísticas, ressignificando o corpo periférico como potência expressiva e canal de resolução de tensões. Assim, o hip-hop deixa de ser apenas uma linguagem estética e assume a função de pedagogia da não-violência, como performance de reinvenção do cotidiano.

Internacionalmente, suas experiências no Chile e na Bolívia revelam a força do hip-hop como idioma comum da exclusão, mas também como sintaxe de reexistência. Esse trânsito entre local e global reforça o que Homi Bhabha (1998) denomina “espaços de enunciação”: interstícios onde sujeitos historicamente oprimidos

reinscrevem sua voz e elaboram outras formas de ser e estar no mundo. Du transforma o hip-hop em ferramenta de transgressão epistêmica, mas também em estratégia terapêutica uma reescrita corporal da dignidade.

Sua atuação institucional é profundamente política. Não como burocracia, mas como ação estratégica de infiltração negra nos espaços historicamente interditados à subjetividade periférica. Como diria Sueli Carneiro (2003), trata-se de enfrentar o racismo institucionalizado não apenas pela denúncia, mas pela formulação de presença estratégica. A representatividade que Du pratica é construída na rua, consolidada no corpo, e exercida nos conselhos, nos editais, nas políticas de base.

Sob esse aspecto, sua trajetória encarna o que Stuart Hall (2006) define como uma identidade em processo marcada por deslocamentos, negociações e resistências que rejeitam qualquer essencialismo. Ser B-boy, MC, educador e conselheiro não é ser fragmentado: é praticar uma totalidade plural, forjada na experiência de múltiplas opressões, mas também de múltiplas invenções.

A pedagogia de Du é encarnada, coletiva e radical. É uma pedagogia que parte da dança, mas desemboca na política; que nasce na rua, mas tensiona o Estado; que começa como oficina, mas se converte em projeto de sociedade. Sua prática é o que Bell Hooks (2019) chamaria de ensinar como ato de liberdade não no abstrato, mas na concretude dos corpos vulnerabilizados que aprendem a significar o mundo por meio da arte.

Carlos Eduardo da Silva, o Du, não apenas atua na cultura, ele refunda a ideia de cultura como infraestrutura de cuidado, potência crítica e disputa social. Sua trajetória opera como um arquivo vivo das possibilidades da arte negra periférica como política, e como política que dança, ouve, acolhe e transforma.

Sua história narrada no corpo, no microfone, nos conselhos e nos territórios não é uma exceção heroica. É, sobretudo, uma convocação. Um chamado à reimaginação das periferias como espaços de potência, escuta e futuro.

Figura 6: Entrevista de Du



Fonte: Dialeitou, 2024⁵

2.1.6 Régis Augusto Rosa: a luta pela afirmação da cultura negra em Franca

Régis Augusto Rosa é mais do que presidente da escola de samba Ases do Ritmo. É zelador de um território simbólico, guardião de um barracão que pulsa como escola, arquivo e comunidade negra em movimento. Em Franca (SP), sua atuação desvia do roteiro hegemônico que relega a cultura negra ao folclore: ela constrói, com os instrumentos do samba, uma infraestrutura de vida que desafia o abandono do Estado.

Nascido na própria cidade e formado nas práticas de convívio e oralidade, desde a infância acompanhando seu pai nas reuniões da diretoria da escola, Régis cresceu no compasso do tambor. Sua trajetória não se explica apenas por liderança ou gestão: ela é corpo atravessado pela memória, pela cadência coletiva e pela crença de que o carnaval pode ser mais que espetáculo. Em suas palavras:

“O barulho do tambor faz arrepiar. Escola de samba não é só desfile, é comunidade, é educação, é resistência.”

⁵ Entrevista disponível na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=qt7p44IRr5E>

Sob sua presidência, Ases do Ritmo não apenas reconquistou protagonismo, com 16 títulos acumulados e mais de 400 pessoas na avenida, mas também se reinventou como espaço de educação informal, formação cidadã e circulação de saberes periféricos. Através da bateria Puro Swing e de ações como oficinas de percussão, doações de instrumentos e articulação com escolas públicas, a escola se transformou em quilombo urbano, onde o tambor é método e o barracão, sala de aula.

Essa dimensão pedagógica, não escolar, mas comunitária aproxima sua prática do que Patrícia Hill Collins (2016) define como saberes situados: formas de conhecimento que emergem das experiências vividas, das redes afetivas e das estratégias de sobrevivência coletiva da população negra. No caso de Régis, o conhecimento não está em manuais: está na escuta da cadência, no cuidado com o figurino, no gesto de dividir 60 instrumentos com estudantes da rede pública.

Sua crítica à ausência de políticas públicas culturais em Franca não se restringe a cifras. Embora a última verba recebida pela escola tenha sido de apenas R\$ 40 mil, valor muito inferior ao de municípios como Batatais, o centro de sua fala está na recusa da lógica de escassez e no exercício da autonomia cultural. Ele não reivindica apenas repasses: ele propõe outra forma de pensar a política, a partir do chão batido do barracão, onde o samba vira orçamento afetivo e planejamento de insurgência.

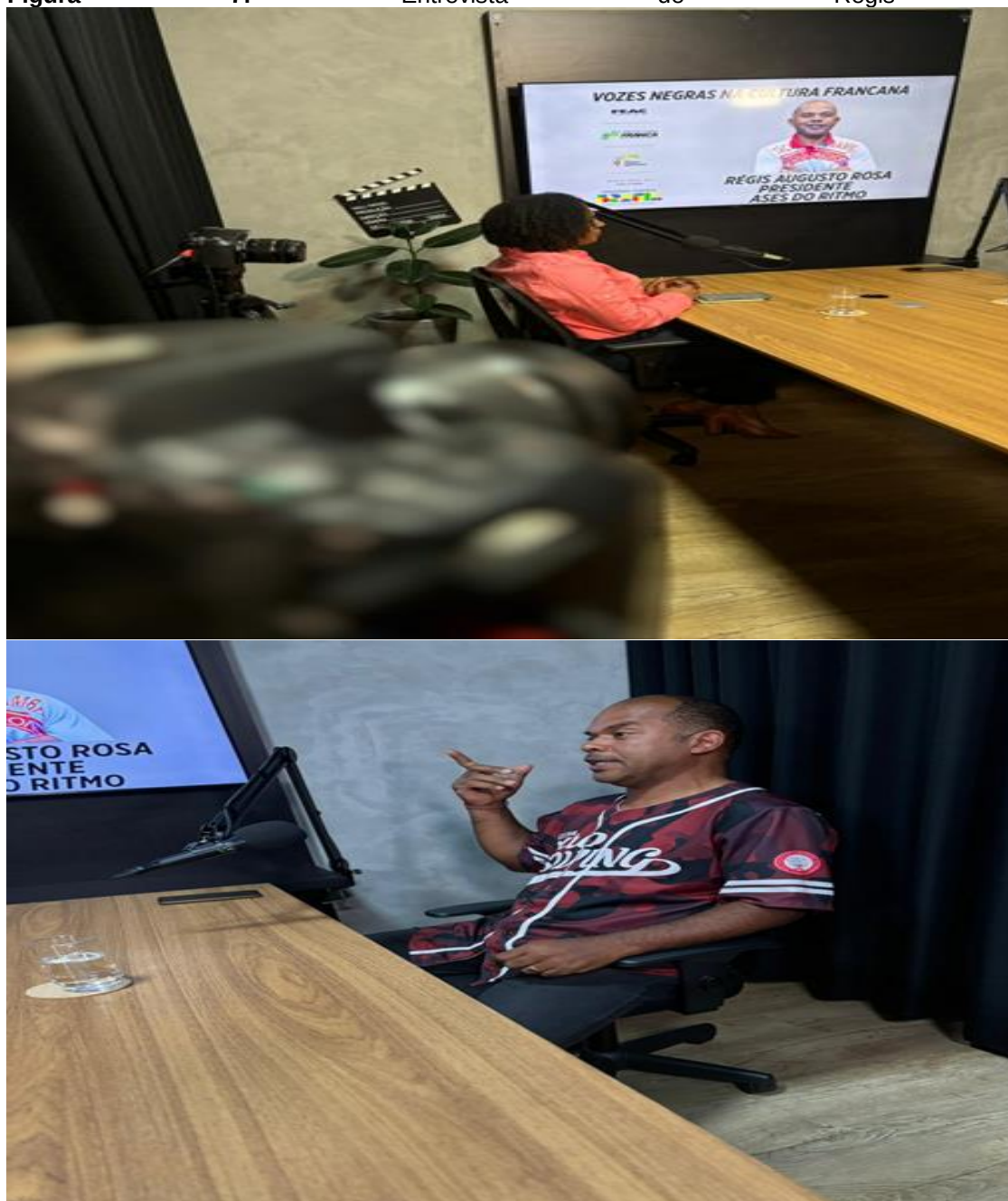
Nesse sentido, sua atuação se aproxima do que Sodré (2002) chama de comunicação territorializada: uma prática que não se reduz à transmissão de conteúdo, mas constitui um tecido de sentidos que enraíza e sustenta os corpos periféricos. O desfile, nessa perspectiva, é o ponto de chegada de um processo longo de mobilização: um momento de visibilidade para aquilo que o cotidiano do barracão já produz em silêncio: vínculos, autoestima, projeto.

Como destaca Lélia Gonzalez (1988), a cultura negra no Brasil não é suplemento à história nacional, mas linguagem própria, estruturada na mistura entre sobrevivência e invenção. É o que Régis Augusto Rosa faz: transforma ausência de recurso em abundância de presença, inventa soluções coletivas a partir da falta, e cria futuro com retalhos de memória. Seu projeto tem muito menos a ver com desfile e muito mais com o que Achille Mbembe (2017) nomeia como infraestruturas de vida: formas precárias, mas poderosas, de sustentar a existência negra em contextos de abandono.

Ao integrar o documentário *Vozes Negras na Cultura Francana*, Régis Augusto Rosa reafirma que o carnaval não é um luxo periférico, mas uma tecnologia ancestral

de cuidado e insurgência. Sua liderança mostra que o barracão é onde se tramam os mapas afetivos da cidade, onde se inscrevem as presenças negras que o poder insiste em apagar. A avenida, para ele, não é o fim, é o eco público de uma luta cotidiana feita de silêncio, suor e tambor.

Figura 7: Entrevista de Régis Rosa



Fonte: Dialeitou, 2024⁶

⁶ Entrevista disponível na íntegra em: <https://youtu.be/zhZP3qCjDoc>

2.1.7 Luciana dos Santos Cunha: Cuidado, identidade e a reconstrução de si e da beleza da mulher negra

Em uma sociedade onde os corpos negros foram historicamente nomeados pela negação, Luciana dos Santos Cunha reinventa o espelho como lugar de dignidade. Nascida em Conquista (MG) e residente em Franca (SP), sua trajetória como maquiadora, megahista e empreendedora afrocentrada consolida um espaço que é, antes de tudo, de reparação simbólica. A beleza, em suas mãos, não é ornamento: é cura.

Com mais de 15 anos dedicados ao cuidado com cabelos crespos e cacheados, e mais de oito atuando como especialista em maquiagem para peles negras, Luciana construiu um fazer que une estética, identidade e escuta. A fundação do salão Elite Black, a criação do Espaço Creoulla, a parceria com o projeto Sr. Cachos e, mais recentemente, seu espaço próprio, revelam não apenas trajetórias de empreendedorismo, mas a formação de territórios afetivos e pedagógicos da negritude.

Sua fala no projeto *Vozes Negras na Cultura Francana* é de uma delicadeza contundente: ela narra como o primeiro megahair, aos 24 anos, quebrou o ciclo da vergonha, dando lugar à possibilidade de se ver bonita e de fazer disso um gesto coletivo:

“Foi a primeira vez que eu me senti bonita.”

Esse instante de ruptura se transforma em vocação: transformar dor em cuidado. Seus salões não apenas penteiam cabelos ou aplicam maquiagens, restauram narrativas que foram desfeitas pela colonização estética. Como afirma:

“A ideia era fazer com que a mulher negra se sentisse realza.”

Essa noção de beleza insurgente se inscreve naquilo que Sueli Carneiro chama de reexistência: uma prática de sobrevivência que se enraíza na reconstrução da autoimagem. No salão, Luciana acolhe mulheres que chegam com referências inalcançáveis como a atriz Camila Pitanga e as convida a rever sua beleza por outras lentes, outras texturas, outras histórias.

Seu trabalho opera no limiar entre técnica e escuta. Diante da dor que muitas carregam em relação ao próprio cabelo ou rosto, ela atua como cuidadora emocional:

“Tem que trabalhar muito no emocional”, diz.

Essa abordagem dialoga diretamente com as propostas de Bell Hooks (1994), para quem o cuidado, o amor e a escuta constituem formas revolucionárias de educação afetiva.

Ao relatar o caso de uma adolescente que perdeu o cabelo por razões emocionais e reencontrou sua autoestima por meio do megahair, Luciana expõe o poder de sua prática: um gesto estético que devolve subjetividade. O salão torna-se, nesse contexto, espaço terapêutico, onde o afeto atua como política de reparação.

Na área da maquiagem, o cenário é ainda mais adverso: ausência de produtos, improvisação constante e exclusão do mercado de beleza. Luciana recorda o dia do próprio casamento:

“Não tinha uma peça de cabelo; o batom virou blush, o blush virou sombra.”

Essa ausência não é acidental: ela é sintoma da racialização do consumo e da hegemonia eurocentrada no imaginário estético. Sua resposta foi prática: buscar formação com especialistas negros no Rio de Janeiro e adotar marcas como Negra Rosa, feitas para tons de pele que historicamente foram ignorados pela indústria.

Em sua atuação no Instituto Matize, Luciana amplia sua ação para o campo da inteligência emocional. Formada em Programação Neurolinguística e treinamentos imersivos, ela une escuta, autoconhecimento e estética como forma de enfrentamento ao racismo.

“Hoje eu entendo a dor da outra”, diz ela, revelando que o toque que penteia também é o gesto que ampara.

A construção do eu negro, para Luciana, não acontece num espelho qualquer. Como apontam Fanon (1952) e Grada Kilomba (2010), o corpo negro frequentemente se encontra rejeitado pelo reflexo. Luciana cria outros espelhos: espelhos negros, onde o que se vê é beleza, força e soberania.

Sua prática, ao final, não cabe na lógica da vaidade. Ela se aproxima do que Patrícia Hill Collins (2019) chama de saberes corporificados formas de conhecimento que emergem da experiência, do toque, do olhar, da pele.

O salão, nesse sentido, é quilombo contemporâneo, onde se luta com escovas, pincéis e palavras.

Figura 8: Luciana Cunha



Fonte: Imagem concedida pela entrevistada, 2024⁷

2.1.8 Vozes Negras em Movimento: Luta, Resistência e Reconstrução de Espaços

As trajetórias reunidas neste capítulo não são apenas registros biográficos, mas fragmentos vivos de uma memória coletiva em constante elaboração. Em Franca, essas vozes negras se constituem como sujeitos históricos e produtores de epistemologias insurgentes, protagonizando práticas que tensionam os limites da

⁷ Entrevista na íntegra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WjI0zDuHy3Y>

cultura dominante e inauguram novos circuitos de pertencimento, reconhecimento e criação coletiva.

Cada corpo, fala e gesto artístico aqui apresentado é mais que expressão individual: trata-se de uma estratégia política enraizada na ancestralidade, na escuta dos territórios e na insubmissão frente à ordem simbólica racializada. Não se trata apenas de ocupar fisicamente os espaços, trata-se de reconfigurá-los em sua gramática de poder, deslocando os alicerces narrativos que sustentam a exclusão. Como aponta Djamila Ribeiro (2017), essas práticas articulam a presença como desobediência epistemológica.

O que se produz, portanto, não é uma presença passiva, mas uma cartografia negra de cidade, onde os lugares não são apenas ocupados, mas ressignificados em sua densidade histórica e afetiva. Essa produção territorial é, como propõe Homi Bhabha (1998), um ato de tradução cultural que desloca o centro e faz emergir novas zonas de enunciação negra, tensionando os limites da identidade imposta.

Mesmo com percursos variados da dança à assistência social, do rap à estética afrocentrada, há uma convergência incontornável: a construção da identidade negra a partir de experiências marcadas pelo racismo, da memória ancestral como dispositivo de cura e da coletividade como eixo ético. Esses sujeitos performam, articulam e transformam, convertendo a dor em política e o cotidiano em revolução sensível. São intelectuais orgânicos no sentido gramsciano, ou, como define Silva (2020), corpos que pensam com o território.

A ancestralidade, nesse contexto, não é mero símbolo evocativo, mas matriz de sustentação ontológica. As vozes que aqui se inscrevem dialogam com os que vieram antes silenciados, mas não apagados e reafirmam a continuidade de uma luta que se estende em tempo espiralar. São sujeitos que, nas palavras de Nkomo (2011), não apenas herdaram uma história: transformaram essa herança em horizonte político.

Destaca-se ainda o compromisso inegociável com o coletivo. Nenhuma dessas atuações se orienta por projetos individualizantes: cada uma delas se ancora no cuidado com o outro, na pedagogia do exemplo e na escuta como ferramenta política. Como afirma Lorde (2022), a solidariedade negra não é espontânea ela é construída no embate, no afeto e na partilha da luta.

Essas trajetórias formam, portanto, um mosaico de reexistência, onde viver não é apenas sobreviver, mas inscrever-se no mundo com potência estética, ética e

política. Franca, diante dessas vozes, já não é a mesma: suas ruas, escolas, centros culturais e salões de beleza tornam-se espaços de insurgência simbólica, onde o direito à cidade se faz corpo, ritmo, narrativa e presença.

Nas bordas da história oficial, essas vozes negras escrevem com tinta viva um novo centro não o centro hegemônico da normatividade branca, mas um centro múltiplo, enraizado na experiência negra e comprometido com a dignidade. Como propõe Lefebvre (2001), o direito à cidade passa a ser direito ao sonho coletivo, à memória reabilitada e ao futuro inventado.

Em última instância, a luta por espaço narrada aqui é também a luta por existência plena. E essas vozes, em movimento constante, não apenas gritam elas reverberam: refazem mapas, redesenham horizontes e reivindicam o futuro como lugar possível para os que sempre foram tratados como passado.

PARTE II

A POTÊNCIA CULTURAL DAS VOZES NEGRAS: BIOGRAFIAS E PRÁXIS ARTÍSTICA DE CARLOS DE ASSUMPÇÃO, PRETO CRIA E EDUARDO CARVALHO

A Parte II desta dissertação dedica-se à reconstrução e análise das trajetórias de três agentes culturais negros da cidade de Franca: Carlos de Assumpção, Preto Cria e Eduardo Carvalho. Ao revisitar suas experiências de vida, compreende-se a biografia como ato político e gesto de reparação simbólica, capaz de reconfigurar espaços historicamente negados à população negra no Brasil.

Mais do que relatos individuais, os percursos aqui examinados constituem um recurso metodológico, ético e epistemológico que articula memória, subjetividade e denúncia. Como observa Antunes (2021, p. 21), a biografia permite “reconhecer nos itinerários individuais uma trama coletiva de exclusões, resistências e reinvenções”, afirmando-se como forma de insurgência frente aos apagamentos da história oficial e ao epistemicídio promovido pelas estruturas raciais dominantes.

O Capítulo 3 se volta à obra do professor e poeta Carlos de Assumpção, figura pioneira na construção de uma poética negra brasileira comprometida com as lutas sociais. Sua produção literária, combativa e ética, constitui um marco da crítica antirracista e inspira sucessivas gerações de escritores, educadores e militantes.

O Capítulo 4 analisa a produção do rapper Preto Cria, inserida nas dinâmicas do hip-hop enquanto território de construção identitária, crítica social e pedagogia das ruas. Suas letras, examinadas por meio da análise do discurso e da psicanálise, evidenciam a potência transformadora da arte periférica na constituição de subjetividades e no enfrentamento das desigualdades estruturais.

O Capítulo 5 investiga a trajetória do artista visual Eduardo Carvalho, cuja estética hiper-realista evoca a ancestralidade negra e projeta a cultura afro-brasileira em escala internacional. Sua obra reafirma a arte como linguagem de denúncia, afirmação e dignidade.

Embora atuem em campos expressivos distintos: poesia, rap e artes visuais esses criadores convergem em suas práticas ao confrontarem as hierarquias raciais e inscreverem outras narrativas no imaginário coletivo. Suas produções artísticas desestabilizam os regimes de invisibilidade, reposicionando no território urbano de Franca vozes, corpos e memórias antes marginalizados.

Mais do que expressão estética, essas criações configuram-se como práxis no sentido freiriano, ao articularem vivência, consciência crítica e ação transformadora. Como afirma Paulo Freire (1987, p. 87), “práxis é a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.”

A análise aqui desenvolvida ancora-se em entrevistas e nas produções artísticas dos participantes. O documentário *Vozes Negras na Cultura Francana*, origem desta pesquisa, organiza-se em torno dessas trajetórias singulares e coletivas. Ao mobilizar a biografia como dispositivo de escuta, registro e valorização, tais narrativas revelam contribuições que extrapolam os limites geográficos do município.

Trata-se, portanto, de biografias culturais e políticas. Ao reunir essas vozes, esta dissertação reafirma a centralidade da população negra na produção de saberes, na criação artística e na transformação da realidade brasileira, destacando sua humanidade, criatividade e contribuição incontornável para o país.

A escolha metodológica de aprofundar as trajetórias de Carlos de Assumpção, Preto Cria e Eduardo Carvalho pautou-se em dois critérios centrais: a representatividade de diferentes linguagens artísticas palavra, música e imagem e a amplitude de reconhecimento de suas trajetórias, com repercussão local, nacional e internacional. Tal seleção possibilitou discutir como vozes negras de Franca articulam-se com narrativas globais, reafirmando a potência da produção cultural afro-brasileira.

Importa reconhecer, contudo, que esse recorte não é neutro. Ele também espelha as condições estruturais de uma sociedade atravessada não apenas pelo racismo, mas também pelo patriarcado. Mesmo sob opressão racial, os homens negros alcançam com mais frequência espaços de visibilidade pública em relação às mulheres negras, cujas trajetórias são marcadas por uma dupla exclusão: de raça e de gênero.

No âmbito desta pesquisa, Marley de Fátima Moraes Borges e Luciana dos Santos Cunha são reconhecidas como vozes fundamentais da cultura francana, cujas contribuições são incontornáveis para a memória coletiva da cidade. Ainda assim, a opção metodológica por três casos paradigmáticos buscou oferecer densidade analítica e diversidade estética. A ausência de aprofundamento específico das mulheres negras, longe de diminuir sua relevância, revela uma lacuna que deve ser enfrentada em futuras investigações, nas quais o protagonismo feminino e a crítica à interseccionalidade entre racismo e sexismo se tornam dimensões essenciais para a compreensão da cena cultural negra francana.

A reflexão de Grada Kilomba (2020), no prefácio *Fanon, existência, ausência*, ilumina de modo contundente essa ausência. Ao narrar sua busca por livros escritos por autores negros, Kilomba formula o conceito de “princípio da ausência”, segundo o qual “as obras de Frantz Fanon existem, mas são ausentes, e por isso deixam de ter existência real. O existente passa a ausente e deixa assim de existir” (Kilomba, 2020, p. 13). Essa lógica evidencia como o racismo e o patriarcado articulam-se para produzir silenciamentos que retiram das mulheres negras o direito à visibilidade e à existência simbólica.

Essa leitura aproxima-se das análises de Bell Hooks (2019), que denuncia o apagamento das mulheres negras dentro do próprio movimento feminista e defende uma abordagem interseccional das opressões. Complementarmente, Gerda Lerner (2019), em *A Criação do Patriarcado*, demonstra que o patriarcado é uma invenção histórica não uma condição natural consolidando-se por meio da apropriação do corpo, da voz e do conhecimento das mulheres como formas de dominação.

Reconhecer o caráter histórico e político dessas ausências é crucial. A falta de aprofundamento sobre trajetórias femininas nesta pesquisa não se reduz a uma limitação metodológica, mas revela a persistência de estruturas simbólicas que condicionam a própria produção do saber. Dar nome a essa ausência, como propõe Kilomba, é o primeiro passo para superá-la. Assim, o reconhecimento de figuras como Marley Borges e Luciana Cunha configura-se como gesto de resistência e reparação epistêmica, transformando a ausência em presença e reinscrevendo as mulheres negras como protagonistas da cultura francana e da história afro-brasileira contemporânea.

CAPÍTULO 3

CARLOS DE ASSUMPÇÃO E A INSURGÊNCIA POÉTICA DA DIGNIDADE NEGRA

Carlos de Assumpção constitui um marco incontornável da literatura negra brasileira, cuja trajetória entrelaça poesia, militância e educação em uma práxis profundamente enraizada na resistência ao racismo estrutural. neste capítulo, propomos uma análise crítica de sua obra e atuação como intelectual orgânico do povo negro, a partir de uma abordagem decolonial e interseccional.

Assumpção não apenas inaugurou uma poética que denuncia as violências históricas impostas à população negra, como também construiu uma linguagem de pertencimento e afirmação identitária. ao longo das próximas seções, destacam-se as estratégias discursivas presentes em seus poemas, os reconhecimentos e premiações que consolidam seu legado, bem como suas contribuições para a formação de uma consciência crítica racial. a centralidade da palavra como instrumento de luta, memória e liberdade orienta a leitura proposta, reafirmando assumpção como símbolo de uma voz coletiva que resiste ao apagamento e inspira novas gerações.

Carlos de Assumpção é reconhecido como um dos decanos da literatura afro-brasileira contemporânea (Duarte, 2011; Literafro, 2023). Sua poesia, de natureza combativa e linguagem direta, aborda frontalmente temas como racismo, desigualdade social e resistência negra. Sua obra influenciou gerações de escritores e é frequentemente comparada à de grandes nomes da literatura nacional, como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto (Duarte, 2011; Pucheu, 2021).

Poeta, professor, escritor e ativista, Carlos nasceu em 23 de maio de 1927, na cidade de Tietê, interior de São Paulo (Literafro, 2023). Filho de Sebastiana de Souza e Mateus Carlos de Assumpção, é neto de um homem escravizado libertado pela Lei do Ventre Livre. Cresceu em uma família de origem humilde, fortemente marcada pela oralidade, pela ancestralidade e pelas memórias da escravidão transmitidas por seu avô e por seu pai (Duarte, 2011). A figura materna, em especial, desempenhou papel central em sua formação poética foi ela quem despertou seu encantamento pela palavra e sua sensibilidade estética (Oliveira, 2007).

Carlos casou-se com Jacira Alves de Assumpção (*in memoriam*), com quem teve três filhos: Sandra Maria de Assumpção e Silva, Carlos de Assumpção Junior e Maria Silva de Assumpção. É avô de Mateus Carlos de Paula Alves de Assumpção e Tiago de Paula Assumpção.

Sua mãe, presidente da Sociedade 13 de Maio, promovia ensaios de declamação com crianças da comunidade, transformando a própria casa em espaço coletivo de vivência literária. Em um ambiente permeado por celebrações como o 13 de Maio e a Lei dos Sexagenários, a poesia circulava em rodas formativas que reuniam jovens para recitar versos de autores como Castro Alves, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, experiência que consolidou a primeira memória afetiva e coletiva de Carlos com a literatura (Literafro, 2023).

Desde a infância, sua mãe o incentivava a declamar versos, prática que o acompanharia por toda a vida. Nascido apenas 39 anos após a abolição da escravidão, Carlos relembra que, ao ingressar na escola, quase não havia estudantes negros nas salas de aula e a temática racial era um tabu: “em público, não se falava de jeito nenhum sobre isso”, relata.

Após concluir o curso Normal em sua cidade natal, enfrentou severas dificuldades para ingressar na docência. Trabalhou inicialmente como servente e faxineiro, já que, por ser negro, não conseguia emprego como professor na capital. Enviou cartas a escolas do interior e, em uma delas, recebeu uma promessa de vaga. Com recursos limitados, comprou uma passagem de jardineira apenas de ida até a cidade de Rinópolis. Contudo, ao se apresentar ao diretor da escola, foi rejeitado sumariamente ao ser visto o racismo falou mais alto do que a promessa escrita.

Sem dinheiro para voltar, Carlos perambulou desorientado e pensando o que iria fazer sem dinheiro e sem conhecer ninguém, até ser surpreendido por um chamado: “Carlos... Carlos...”. Ao virar-se, reconheceu um antigo amigo de Tietê, um italiano de sobrenome Módulo. Com apoio desse amigo, tentou vaga em outras cidades e, finalmente, conseguiu se estabelecer como professor em Tupã, marcando o início de sua carreira na educação.

Em suas palavras: “A educação é o caminho, principalmente para as pessoas negras, que já enfrentam tantas dificuldades. Sem educação é impossível. Até existem outros caminhos, mas são mais difíceis. A escada do negro é a educação.”

Estabelecido profissionalmente, Carlos mudou-se para Rifaina, onde morou por 10 anos e foi vereador e posteriormente mudou-se para Franca-SP, onde se graduou

em Letras e Direito pela UNESP, conciliando o magistério, a advocacia e a militância cultural (Literafro, 2023). Reside na cidade desde 1969, onde consolidou sua voz como poeta da resistência negra. A mudança também fortaleceu sua proximidade com o ativista Abdias do Nascimento (Duarte, 2011; Oliveira, 2007).

Assumpção é autor de obras poéticas extensa e essencial, que inclui:

- Protesto – Poemas (1982);
- Quilombo (2000);
- Tambores da Noite (2009);
- Protesto e Outros Poemas (2015);
- Poemas Escolhidos (2017);
- Não Pararei de Gritar (2020, org. Alberto Pucheu).

Figura 93: Capa do seu livro mais recente



Fonte: Reprodução Cia. das Letras, 2024

Sua produção literária emerge em um contexto de apagamento da cultura negra nos meios hegemônicos. O poema *Protesto*, escrito em 1956 e recitado publicamente em 1958, tornou-se símbolo da luta antirracista e marco da literatura negra brasileira (Nascimento, 1980; Pucheu, 2021).

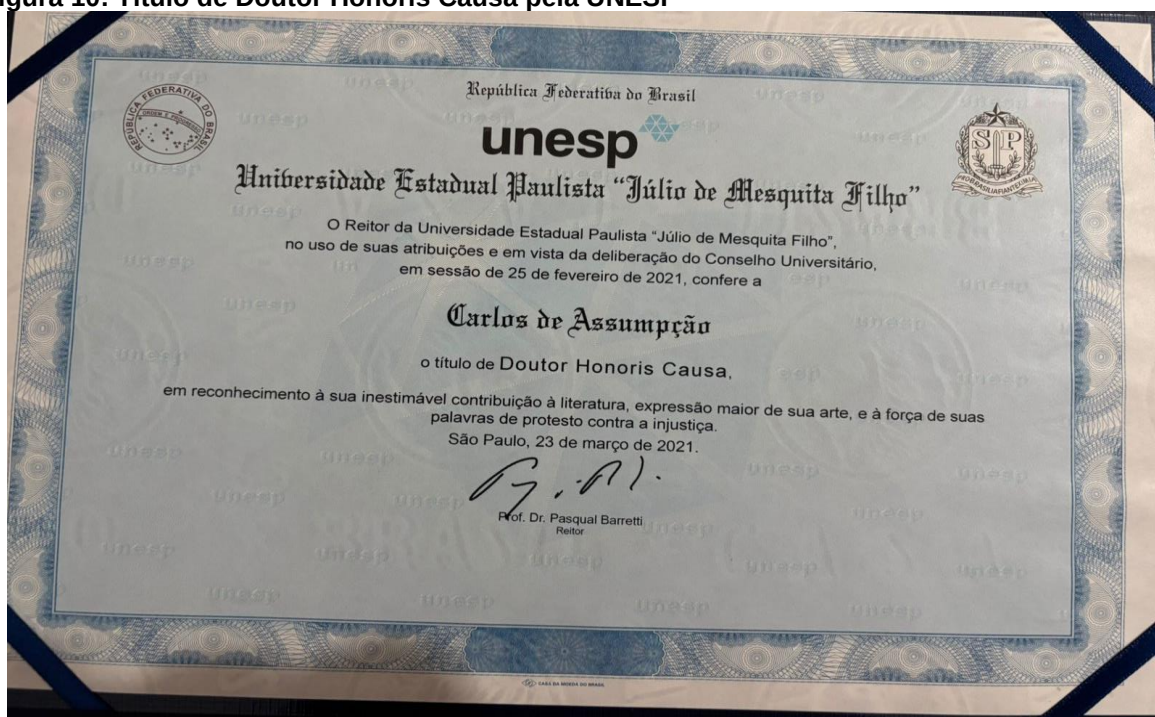
De forte teor político, sua poesia denuncia as estruturas do racismo estrutural e da exclusão social. Para Pucheu (2021), *Protesto* transcende a literatura e inaugura uma consciência crítica que ressignifica o lugar do negro na história nacional.

Carlos de Assumpção também esteve vinculado a figuras centrais como Solano Trindade e Abdias do Nascimento, além de colaborar com instituições como a Associação Cultural do Negro e o Teatro Experimental do Negro, espaços fundamentais para a construção de uma identidade negra coletiva no Brasil (Literafro, 2023; Nascimento, 1980).

3.1 A obra e o reconhecimento de Carlos de Assumpção

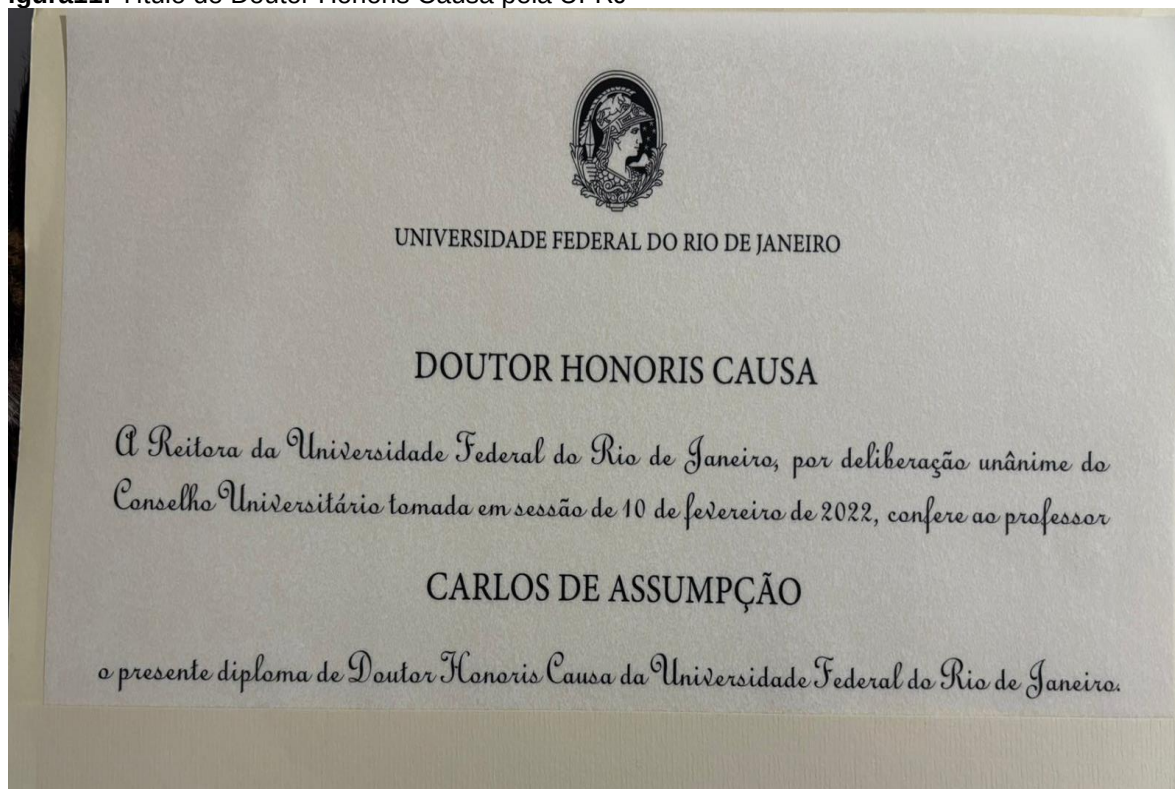
A obra de Carlos de Assumpção, conforme aponta a antologia organizada por Pucheu (2020), reúne mais de sete décadas de produção poética, firmando-se como um dos pilares da resistência artística e política no Brasil. Reconhecido como poeta de performance, Carlos levou sua palavra aos mais diversos espaços: igrejas, terreiros, sindicatos, praças e universidades. Sua trajetória é celebrada por honrarias como os títulos de Doutor Honoris Causa concedido pela UFRJ (2022) e pela UNESP (2024).

Figura 10: Título de Doutor Honoris Causa pela UNESP



Fonte: Documento fornecido pelo mesmo, 2024

Figura11: Título de Doutor Honoris Causa pela UFRJ



Fonte: Documento fornecido pelo mesmo, 2024

Sua contribuição é também simbólica: contrária aos moldes das vanguardas estéticas elitistas, como o concretismo, Carlos de Assumpção constrói uma poesia “gritada”, viva e profundamente conectada com os operários, os marginalizados e a memória ancestral da população negra brasileira (Nascimento, 1980; Pucheu, 2021). É uma estética afrocentrada, de vocação popular e política, voltada ao enfrentamento das desigualdades.

No centro dessa produção encontra-se seu poema mais emblemático, *Protesto*, escrito em 1956 e recitado publicamente em 1958. A obra tornou-se um marco da literatura negra e da luta antirracista no país. Com uma linguagem incisiva e direta, *Protesto* transforma o silêncio histórico imposto à população negra em voz coletiva um grito que ecoa por gerações. Segundo Pucheu (2021), trata-se de uma poesia que “não pede licença para entrar”, mas ocupa os espaços como forma de contestação política e estética.

A força da palavra de Carlos de Assumpção reside justamente em sua capacidade de converter a dor histórica em linguagem poética de resistência. Como observa Duarte (2011), sua obra é atravessada pela denúncia, mas também pela construção de uma identidade negra coletiva que articula estética, política e memória.

Sua participação na série *Cadernos Negros*, uma das mais importantes antologias da literatura negra brasileira, reforça essa centralidade. Publicado pelo coletivo Quilombo Hoje, desde 1978, Carlos teve poemas incluídos em: *Cadernos Negros nº 7* (1984) – Poesia; *Cadernos Negros nº 9* (1987) – Poesia; e *Cadernos Negros nº 15* (1992) – Poesia.

Entre suas obras mais simbólicas, além de *Protesto*, destaca-se o poema *Batuque*, em que o tambor é utilizado como metáfora para o coração negro que pulsa ancestralidade, esperança e resistência. Os versos evocam a força dos antepassados e reafirma o papel da cultura africana na formação da identidade afro-brasileira (Assumpção, 2020; Gonzalez, 1988).

Mesmo com mais de nove décadas de vida, o professor-poeta segue atuante: participa de saraus, grava documentários, concede entrevistas e continua a inspirar novas gerações com uma poesia lúcida, firme e visceral. Seu legado intelectual e afetivo é reconhecido nacionalmente. Carlos reafirma que a palavra é arma, escudo e ponte e que sua poesia não silenciará.

3.2 Reconhecimentos e honrarias

No ano de 1958: Personalidade Negra pela Associação Cultural do Negro (ACN), São Paulo -SP. Durante as celebrações dos 70 anos da Abolição da Escravatura, Carlos de Assumpção foi homenageado pela ACN como Personalidade Negra. O evento incluiu a declamação pública do poema *Protesto*, que, já naquele momento, despontava como símbolo da resistência negra e da denúncia contra o racismo estrutural (Duarte, 2011; Nascimento, 1980).

Em 1982: Personalidade do Ano, Franca-SP. Recebeu a distinção da cidade de Franca em reconhecimento à sua contribuição para a literatura afro-brasileira e à sua militância antirracista (Oliveira, 2007).

Em 1996: Placa de Prata na VII Semana Cornélio Pires, Tietê-SP. Homenageado em sua cidade natal por sua atuação em prol da cultura popular e da literatura afro-brasileira. A Semana Cornélio Pires é um evento cultural tradicional de valorização das raízes folclóricas do interior paulista (Literafro, 2023; Tietê, 1996).

No ano de 2021: Doutor Honoris Causa pela UNESP. A homenagem, aprovada pelo Conselho Universitário, reconheceu sua trajetória como educador, poeta e ativista. A cerimônia ocorreu no campus de Franca, onde Carlos se graduou em Letras e Direito (UNESP, 2021).

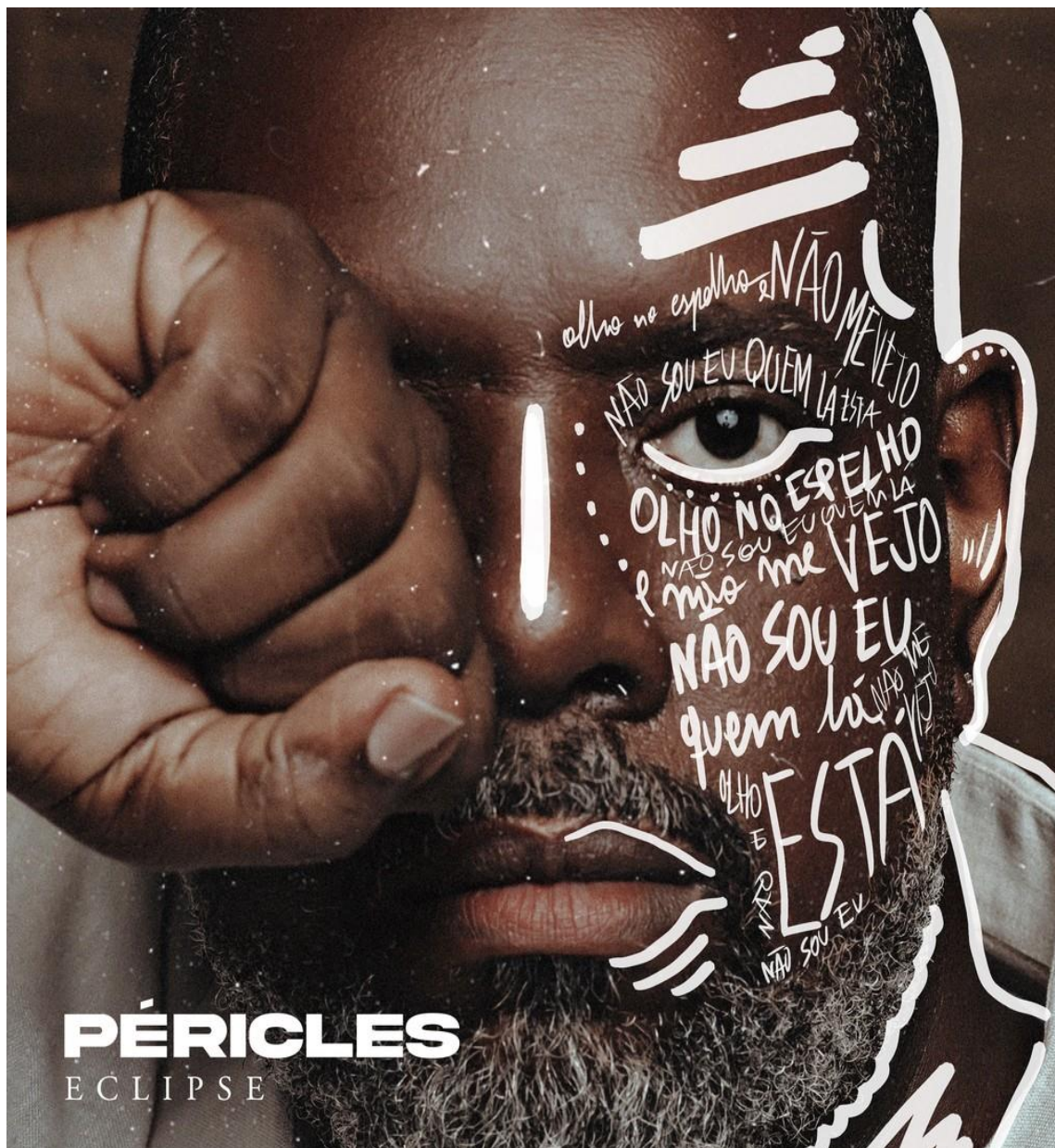
Em 2022: Doutor Honoris Causa pela UFRJ. Concedido por aclamação unânime pelo Conselho Universitário da UFRJ, o título destacou sua produção poética engajada e sua relevância histórica como uma das grandes vozes da literatura negra brasileira (UFRJ, 2022).

No final de 2022, o jornalista Mauro Ferreira, ressalta a homenagem recebida por Carlos Assumpção do Cantor Péricles. Segundo o jornalista, “Péricles dá voz aos versos de 'Eclipse', poema de Carlos Assumpção, em single para o Dia da Consciência Negra”. O samba com arranjo de Rildo Hora trouxe à tona uma referência da poesia negra de protesto, ampliando a sua visibilidade na história da cultura afrobrasileira.

Os Versos do poema eclipse de Carlos de Assumpção, *Olho no espelho / E não me vejo / Não sou eu / Quem lá está*”, que faz parte do livro *Quilombo* (2000), foi estampado no rosto do cantor, que compõe a Capa de divulgação do Single, *Eclipse*, baseado no poema, homônimo de Carlos de Assumpção.

O Single enfatiza a luta contra o racismo e expõe uma perspectiva de luta e resistência que é marca registrada dos poemas de Carlos de Assumpção, como os versos, *Onde estão meus orixás / Onde Olorum / Onde o meu modo de viver / Onde as minhas asas negras e belas / Com que costumava voar*”, retratam. O Single foi lançado em 18 de novembro de 2022.

Figura 12: Péricles



Fonte: Capa do single 'Eclipse', de Péricles — Foto: Rodolfo Magalhães

Além da homenagem de Péricles, ao musicar um dos poemas de Carlos de Assumpção, o mesmo compareceu na Casa de Cultura de Franca, em 20 de

novembro de 2022, para uma entrevista com Carlos de Assumpção, que gerou um minidocumentário⁸.

Figura 13: Casa de Cultura de Franca, 2022



Fonte: Péricles conversa com o poeta paulista Carlos de Assumpção, ícone da literatura afro-brasileira, na Casa de Cultura de Franca, em São Paulo — Foto: Eduardo Galeno / Divulgação

No ano de 2024: Colar de Honra ao Mérito Legislativo pela ALESP. Na 33ª Sessão Solene da Assembleia Legislativa de São Paulo, Carlos foi agraciado com a maior honraria da casa. A cerimônia destacou seu papel como pioneiro da literatura afro-brasileira, sua atuação na educação e sua luta pela valorização da identidade negra no Brasil (ALESP, 2024)

⁸Minidocumentário disponível no endereço: <https://youtu.be/qDtoudQOEeE?si=dLjVrAi1e5zMhP0p>

Figura 14: Homenagem na ALESP



Fonte: Imagem concedida pelo mesmo (2024). No Centro Carlos de Assumpção, à esquerda o Cantor Péricles e à Direita o Deputado Estadual Guilherme Cortes (PSOL)

3.3 Iniciativas culturais e legado poético-educativo

Para além de sua vasta obra literária, Carlos de Assumpção consolidou um legado como agente de transformação cultural e educacional, liderando projetos que integram arte, identidade e consciência social no cotidiano da população francana e de regiões vizinhas. Algumas das principais iniciativas que coordenou ou inspirou incluem:

- *Grupo Canto e Verso*: coletivo voltado à realização de rodas de poesia em escolas públicas, com o objetivo de incentivar a leitura, a oralidade e a valorização da identidade negra entre jovens estudantes (Literafro, 2023).
- *Semana da Raça*: evento idealizado e organizado em Franca com foco na celebração da negritude, promovendo reflexões sobre racismo, ancestralidade e pertencimento no contexto do interior paulista (Oliveira, 2007).
- *Coral Afro-Francano*: grupo artístico-musical que unia canto, poesia e elementos da tradição oral afro-brasileira, reafirmando a cultura negra como força estética e pedagógica (Duarte, 2011).

- CD *Quilombo de Palavras* (1998): parceria com o poeta Cuti, que funde poesia falada e musicalidade afrodescendente em um experimento de resistência cultural pela arte oral (Cuti apud Duarte, 2011).
- Documentário Carlos de Assumpção: *Protesto* (2019): dirigido por Alberto Pucheu, o filme resgata a trajetória do poeta e sua performance emblemática do poema *Protesto*, afirmando a oralidade como ferramenta de denúncia e afirmação negra (Pucheu, 2020).
- Sarau *Protesto*: circuito de apresentações poéticas em Franca e outras cidades, nas quais a palavra é performada como ação política e estética, reafirmando a potência da oralidade como forma de mobilização social (Literafro, 2023).

Carlos de Assumpção é amplamente reconhecido como um dos maiores nomes da literatura afro-brasileira contemporânea. Sua poesia, marcada por uma linguagem incisiva e de clara orientação política, denuncia as múltiplas formas de exclusão e promove o resgate da memória ancestral e coletiva da população negra (Duarte, 2011; Pucheu, 2021).

Seu trabalho não apenas influenciou gerações de escritores como também redefiniu os parâmetros da produção literária brasileira ao integrar performance, oralidade e militância. Por isso, sua obra é constantemente comparada a de autores consagrados, como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, embora se destaque por trilhar um caminho próprio, marcado por uma estética emancipatória e descolonizadora (Literafro, 2023).

Figura 15: Apresentação cultural de Carlos de Assumpção, na Escola Estadual Prof Michel Haber, em Franca-SP



Fonte: Imagens concedidas pelo mesmo, 2025

3.4 A palavra como herança: a função da memória afetiva

“Minha mãe é uma coisa na minha vida, ela me deu tudo isso que eu tenho hoje, passou por ela, pelo menos passou por ela.”

A evocação da figura materna logo no início da entrevista revela uma das operações discursivas mais recorrentes e potentes de Carlos de Assumpção: a ressignificação da memória afetiva como fundamento epistêmico, político e identitário. A repetição enfática “passou por ela” não sugere apenas um reconhecimento afetivo, mas inscreve a mãe como mediadora originária da própria existência discursiva e intelectual do sujeito.

Trata-se, portanto, de um enunciador negro que, ao reinscrever sua origem na oralidade doméstica e periférica, desloca os centros legitimadores do saber e desafia

os cânones eurocentrados da produção intelectual. A casa, o corpo da mãe e as palavras transmitidas tornam-se o primeiro território de elaboração simbólica.

Como afirma Orlandi (2007), o discurso é sempre atravessado por memória e ideologia; nesse caso, a memória é um gesto político radical: ao rememorar a figura materna como fundadora de seu universo simbólico, Assumpção afirma uma genealogia negra invisibilizada, em que as mulheres negras são agentes e transmissoras de cultura, saber e dignidade, um contradiscurso necessário à hegemonia branca patriarcal. A herança, aqui, não é financeira ou institucional; é afetiva, linguística e revolucionária.

3.5A infância como território de formação simbólica

“Em casa não tinha livro, mal tinha arroz e feijão, sabe? [...] Mas a minha mãe gostava de ler também.”

Nesse excerto, Carlos Assumpção constrói um discurso que tensiona a narrativa dominante da meritocracia ao conjugar escassez material com riqueza simbólica. A ausência de livros e alimentos é contraposta à presença marcante da figura materna como leitora e mediadora cultural. Ao mesmo tempo que denuncia a precariedade da infância negra no Brasil, o poeta afirma um campo de resistência subjetiva e intelectual forjado no cotidiano da exclusão.

Há aqui um duplo movimento discursivo: de um lado, a inscrição do pertencimento à classe trabalhadora negra e empobrecida; de outro, a afirmação de que o acesso à palavra mesmo que pela oralidade doméstica já é, por si só, um ato político e formativo. A leitura e a poesia, mesmo em ambiente de carência extrema, surgem como práticas de sobrevivência simbólica e construção identitária.

Conforme argumenta Van Dijk (2008), o discurso da desigualdade racial no Brasil se estrutura pela exclusão sistemática de oportunidades educacionais, culturais e econômicas. Ao narrar sua trajetória, Carlos Assumpção resiste a esse modelo. Ele não representa uma “exceção meritocrática”, mas uma denúncia viva da regra: sua ascensão não é evidência de superação individual, e sim de um processo coletivo que desafia a invisibilidade e afirma a potência da memória negra.

3.6 A poesia como arma e a linguagem como campo de batalha

“A poesia, para mim, é uma arma contra a desigualdade socioeconômica, contra o racismo que nos bota do lado de fora do país.”

Nesse trecho, Carlos de Assumpção explicita o cerne discursivo de sua trajetória literária e política: a palavra como instrumento de luta. Sua poesia não busca a neutralidade estética nem se filia à tradição lírica despolitizada que domina os cânones literários. Pelo contrário, é uma poesia que grita, que denuncia, que performa o conflito racial e social como experiência cotidiana do povo negro.

Trata-se de uma linguagem insubmissa, forjada nas margens do sistema, voltada para aqueles que foram historicamente excluídos da enunciação pública. Ao declarar sua poesia como arma, Carlos desloca o campo literário para o campo de batalha simbólico um lugar onde o verbo se ergue como resistência, e o poema se torna corpo insurgente.

Como afirma Pêcheux (1997), os sujeitos são constituídos nos discursos, e é justamente nesse processo que Carlos se recusa a ser apenas objeto da linguagem, aquele sobre quem se fala, e se afirma como sujeito de enunciação: o negro que fala, que denuncia, que interpela a ordem dominante. Tal gesto não é apenas estilístico, mas profundamente político e ontológico. Ele reivindica, pela linguagem, o direito de existir.

3.7 A formação da identidade negra e o discurso de coletividade

“Eu sou irmão de todo mundo, todo mundo é meu irmão. [...] Mas o racista não. O racista não é meu irmão.”

Nesse enunciado, Assumpção constrói uma identidade coletiva ancorada em valores de solidariedade, ancestralidade e pertencimento, mas sem cair na armadilha da conciliação simbólica. O gesto de exclusão do racista do círculo fraterno não é ressentimento, mas ato político de delimitação ética. Ao recusar chamar o racista de irmão, o poeta reafirma que o antirracismo não é uma retórica de inclusão abstrata, e sim um projeto ativo de demarcação de território e ruptura com a violência simbólica.

Hall (2003) argumenta que as identidades são construções culturais e históricas, continuamente negociadas. Carlos de Assumpção materializa essa concepção ao forjar uma identidade negra que não se submete à branquitude normativa. Em vez de buscar assimilação, ele afirma a diferença como potência criadora: a identidade negra, nesse discurso, é subversiva, é contra-hegemônica, é coletivamente enunciada.

A afetividade não é destituída de política, ela é o próprio solo da ética racial. A irmandade, para Assumpção, nasce da memória da luta, da ancestralidade comum e do compromisso com a justiça. O racista, por sua recusa a esse pacto de humanidade, se exclui da coletividade proposta. A identidade negra, portanto, não é só um lugar de fala, mas um projeto de mundo.

3.8 O discurso poético como quilombo simbólico

“Tem um tambor dentro do peito [...] é o toque de reunir todos os irmãos de todas as cores, num quilombo.”

A metáfora do tambor, evocada por Carlos de Assumpção, não é apenas uma imagem poética, é uma convocação epistêmica e ancestral. O som interno, que reverbera no corpo como memória e convocação, simboliza o elo espiritual com os antepassados africanos e o chamado à reconstrução de um coletivo negro insurgente. O “quilombo”, nesse contexto, torna-se um dispositivo discursivo de abrigo e combate: ao mesmo tempo que acolhe, resiste.

O quilombo não é apenas um espaço geográfico do passado, mas um território discursivo reatualizado por Assumpção como lugar de pertença simbólica e de enfrentamento das violências estruturais. A metáfora carrega a intersecção entre memória histórica e insurgência contemporânea. O tambor, pulsando no peito, converte-se em gramática de luta, e a linguagem poética torna-se um ato de insurgência rítmica.

Conforme propõe Orlandi (2007), a interdiscursividade revela a forma como os sentidos são atravessados por discursos outros e aqui, a palavra de Assumpção entrelaça história, religião afro-brasileira, mito, resistência cultural e política de identidade. O discurso poético se transforma, assim, em quilombo simbólico: espaço em que o texto abriga corpos, histórias, saberes e sonhos silenciados.

Ao transformar o discurso em quilombo, Carlos reinscreve a tradição oral e o ritmo como tecnologias de resistência negra. Seu poema não apenas fala da luta ele é a luta. A voz do poeta, portanto, é também tambor, também chão de resistência, também ponte de memória. Em sua poesia, linguagem e luta se fundem, construindo uma nova sociabilidade possível, onde a palavra deixa de ser só escrita e passa a ser vivida.

3.9 Palavra, educação e liberdade: a práxis decolonial de Carlos de Assumpção

“O Sarau Protesto [...] tem surtido efeito. [...] Crianças de seis, sete anos já sabem o que é racismo, o que é convivência social.”

“A Lei 10.639 é uma lei sábia, uma lei muito bem-feita, que vai tirar esse povo da margem.”

“A educação é o caminho.”

Para Carlos de Assumpção, a palavra não é mero recurso estético: é instrumento de denúncia, ponte entre gerações e matéria-prima de uma pedagogia da libertação. A potência de sua atuação como educador, poeta e militante ressignifica a linguagem como prática social (Fairclough, 2001), convertendo-a em ferramenta de enfrentamento das estruturas excludentes que ainda moldam a educação brasileira.

A centralidade da educação em sua poética evidencia uma práxis crítica alinhada à tradição freiriana: não basta saber, é preciso transformar. Assumpção encarna, em sua trajetória, o que Paulo Freire (1996, p. 33) definiu como “educação como prática da liberdade”, ao transformar a palavra poética em agente de conscientização e emancipação coletiva.

Como defensor da Lei nº 10.639/2003, que estabelece o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, o poeta compreende a educação como campo de disputa simbólica. O Sarau *Protesto*, idealizado em 2016, concretiza essa visão. Segundo Nascimento (2018), a proposta foi incorporada ao Projeto Político-Pedagógico de uma escola da rede municipal de Franca-SP, promovendo ações que articulam poesia, memória e crítica social, em consonância com a legislação vigente.

Essa proposta não se limita a intervenções culturais; trata-se de uma pedagogia afrocentrada que transforma o currículo em território de memória viva. Crianças e jovens são conduzidos a reconhecer suas origens, nomear o racismo e valorizar suas

referências identitárias. Tal prática, aponta Nascimento (2018), fortalece a autoestima e amplia o letramento racial dos sujeitos escolares.

A densidade política dessa atuação também se ancora na perspectiva da decolonialidade (Mignolo, 2007; Quijano, 2005), que propõe a ruptura com a monocultura epistêmica ocidental e a valorização dos saberes historicamente subalternizados. Ao ocupar o espaço escolar com sua poesia, Assumpção reposiciona os saberes negros como referência epistemológica legítima, rompendo com séculos de silenciamento institucional.

Sua práxis adquire contornos ainda mais profundos à luz de Antônio Gramsci (1999): Carlos de Assumpção é o intelectual orgânico que, enraizado nas classes populares, contribui para a formação de uma consciência crítica coletiva. Seus poemas especialmente o emblemático *Protesto* evidenciam o entrelaçamento entre estética e ação, emoção e denúncia, subjetividade e projeto político.

Carlos não escreve para ornamentar páginas; escreve para mobilizar, para libertar. Em sua fala, o verbo se faz corpo, gesto e tambor. Ao mesmo tempo que denuncia, ele convoca: à escuta, ao afeto e à reconstrução do mundo com base na justiça racial.

Nesse sentido, poesia, escola e quilombo não são categorias isoladas constituem expressões complementares de um mesmo projeto emancipatório. O Sarau *Protesto*, ao ser incorporado ao Projeto Político-Pedagógico, ultrapassa os limites da arte e inscreve-se como política simbólica de enfrentamento ao racismo institucional (Nascimento, 2018). Como afirma o próprio Assumpção: o verbo, quando negro, é vivido, encarnado, gritado.

A formação poética de Assumpção remonta à infância, profundamente marcada pela oralidade doméstica e pela influência materna. Mesmo sem livros em casa, Carlos desenvolveu apreço pela leitura e a convicção de que o livro é “a chave do conhecimento”. A poesia surgiu, assim, como herança ancestral e instrumento de dignificação simbólica frente à precariedade material.

Outro momento formativo foi o contato com o poeta repentista Valério Corrêa, cuja força oral e crítica o impactou:

“Valério fazia quadrinhas provocantes... já indicava que era um poeta social.”

A experiência migratória também foi decisiva. Na Alta Mogiana, consolidou-se como educador e militante, inserido em movimentos culturais e projetos de educação antirracista.

“Franca me acolheu muito bem. Me sinto francano.”

“Recebi com orgulho o título de cidadão francano e quero estar sempre à altura dele.”

Ao longo da entrevista, ao “Projeto Vozes Negras” menciona figuras centrais do movimento negro, como Abdias do Nascimento, Solano Trindade e Geraldo Campos de Oliveira, que considera bússolas éticas e intelectuais.

“O Abdias nos serve de bandeira, de inspiração por um Brasil melhor.”

“Solano Trindade também é nossa inspiração.”

Sua poesia é assumidamente uma forma de combate ao racismo, à exclusão e à marginalização:

“A poesia, para mim, é uma arma contra o racismo que nos bota do lado de fora do país. Nós, que ajudamos a construir tudo aqui.”

“A palavra tem muita força. E nós vamos atingir nosso objetivo.”

Ainda que marcada pela denúncia, sua poética também afirma um humanismo radical, baseado no amor, na igualdade e na educação como instrumentos de transformação:

“Nós não temos ódio no coração. Nós falamos de amor, de igualdade, de dias melhores para todas as cores.”

“A educação é bela. Pode transformar o mundo.”

No plano político-pedagógico, defende a implementação plena da Lei 10.639/03 e exalta ações locais como as da Escola Municipal Michel Haber:

“Meninos de seis, sete anos já sabem o que é racismo e convivência social. Isso é muito bonito.”

Entre os projetos mais significativos, destaca o Sarau *Protesto*, iniciativa que leva poesia e debate racial às escolas públicas:

“Nós somos Dom Quixotes em cavalo de sonho, semeando palavras como sementes.”

Assumpção não hesita em apontar a pobreza estrutural como herança de uma abolição inconclusa:

“A princesa Isabel passou cheque sem fundo. A escravidão não acabou. Só não vê quem é cego.”

Recorda ainda um episódio de racismo na infância, quando, apesar de ser o melhor aluno da turma, causou estranhamento ao ocupar o “quadro de honra”:

“Eu, o mais pobre da turma, com a roupa furada..., mas tinha a cultura lá de casa.”

Na fala final, transforma sua trajetória em manifesto. Convoca as novas gerações à ação e à responsabilidade histórica:

“Deitado no sofá ninguém consegue nada.”

“Capacidade nós temos. Está provado. Nós temos voz e vamos ser ouvidos.”

A entrevista revela a profundidade de um intelectual negro, cuja trajetória entrelaça afetividade, engajamento e visão generosa de mundo. Sua obra consolida a literatura negra como território de reexistência e afirma a palavra como gesto de transformação. Em Carlos de Assumpção, o poeta, o professor e o militante convergem num mesmo corpo discursivo, aquele que escreve, fala e vive para que as próximas gerações possam amar, resistir e imaginar novos mundos possíveis.

Por fim, o percurso de Carlos de Assumpção é mais que biografia: é projeto político que ecoa nas vozes infantis, nos aplausos das comunidades e nas escolas que ousam ensinar além do currículo. Sua poesia, viva e insurgente, não apenas denúncia. Porque, quando se grita com beleza, o silêncio se torna impossível.

3.10 A voz que virou legado

A trajetória de Carlos de Assumpção não se encerra em sua vasta produção poética, tampouco nos inúmeros reconhecimentos que acumulou ao longo de quase um século de vida. Sua participação no projeto *Vozes Negras na Cultura Francana* transcende o simbolismo: ela é fundacional. Sua presença evoca origem, continuidade e futuro de uma luta que se desdobra cotidianamente nos territórios da educação, da arte e da política.

Sua obra literária mobiliza a palavra como ferramenta de enfrentamento, convocando à escuta e ao movimento. Ao transformar linguagem em resistência, Assumpção ressignifica a experiência negra e a inscreve no cânone nacional com legitimidade e potência. Mais do que um poeta, ele é arquiteto de uma pedagogia afetiva e insurgente, articulando memória, estética e compromisso político.

Seu legado, ainda em curso, ilumina os caminhos da justiça racial e inspira novas formas de pertencer, narrar e existir. Reconhecer sua trajetória é também reconfigurar os marcos de autoria e representação cultural no Brasil. Carlos de Assumpção permanece como uma voz-fundamento, cuja força poética segue operando rupturas e abrindo horizontes para uma cultura negra viva, plural e inadiável.

CAPÍTULO 4

PRETO CRIA: A VOZ QUE DENUNCIA, REPRESENTA, CURA E LEVANTA

O presente capítulo dedica-se à análise da trajetória artística e política do rapper Preto Cria, figura emblemática da cultura periférica de Franca, cuja produção musical articula denúncia, identidade e resistência. Sua atuação no campo do hip-hop evidencia como a arte marginalizada pode se constituir em um poderoso instrumento de pedagogia social, construção de subjetividades e intervenção crítica no espaço urbano. Ao explorar suas letras, práticas estéticas e ações comunitárias, buscamos compreender como o rap se torna, em sua obra, uma linguagem de reexistência negra, de cura psíquica e de denúncia das múltiplas formas de violência estrutural.

A escolha por Preto Cria, neste trabalho, justifica-se pelo reconhecimento de sua contribuição singular à cena cultural local e nacional, na qual suas composições não apenas narram experiências de exclusão e dor, mas também forjam sentidos de pertencimento, autoestima e emancipação. A análise é orientada por referenciais da análise do discurso, da psicanálise e das epistemologias negras, considerando a palavra poética como um campo de batalha simbólica onde se elaboram traumas, afetos e insurgências.

Ao examinar sua obra sob a perspectiva da psicopoética, o capítulo propõe um mergulho na potência transformadora do rap como linguagem estética e política, evidenciando os impactos subjetivos e coletivos que emergem de sua escuta. A voz de Preto Cria, longe de ser apenas expressão artística, constitui-se como testemunho e convocação, é narrativa de sobrevivência, memória afetiva e horizonte de futuro para a juventude negra periférica.

Luciano Tarcísio Ferreira, conhecido artisticamente como Preto Cria, nasceu em 14 de abril de 1976, na cidade de Franca, interior do estado de São Paulo. Filho de Arcedina Caroba da Silva e Djair Anésio Ferreira, é também técnico em segurança do trabalho, pai de Gabriel e Pietro, e companheiro de Rejane Cristina Pereira.

Criado em um contexto familiar e social marcado pelas profundas desigualdades da periferia de Franca, desde cedo foi influenciado pelas festas de black music organizadas por seus familiares e pela escola de samba Unidos da Cidade Nova. Sua constituição artística teve início na linguagem rítmica do rap, que passou a ser, para ele, um meio de converter sofrimento em fala, dor em narrativa e

invisibilidade em presença. Essa transfiguração da experiência vivida em criação estética manifesta-se como reinvenção simbólica da existência uma poética oriunda do trauma que se expressa como resistência, cuidado e denúncia.

Em 1993, iniciou oficialmente sua trajetória como cantor, compositor, intérprete e escritor. Desde então, consolidou-se como uma das principais referências da cultura hip-hop no interior paulista, destacando-se pela atuação independente, pelo lirismo engajado e pela crítica social aliada ao compromisso comunitário. Sua produção é vasta: lançou dezenas de CDs, DVDs e histórias em quadrinhos, nos quais entrelaça arte, denúncia, afeto e educação popular. Essa prática constitui-se como uma forma de psicopoética linguagem que simboliza o trauma e reinscreve o sujeito na ordem do discurso, nos termos de Freud (1917), Lacan (1998) e Suely Rolnik (2018).

Além de sua carreira solo, foi um dos fundadores do grupo *Visão Consciente*, responsável pelo primeiro CD autoral de rap lançado em Franca, em 2001, de forma totalmente independente. Tal iniciativa marcou a cena cultural da cidade e abriu caminhos para novas gerações de artistas periféricos.

Essa concepção artística se ancora na tradição psicanalítica, em que Freud (1917) afirma que o não simbolizado retorna como sintoma, e Lacan (1998) destaca que o sujeito se constitui na linguagem. No campo estético-político, Rolnik (2018) propõe que a arte que nasce da dor social constitui uma forma de “resistência afetiva”, na qual o sofrimento é ressignificado como potência criativa. Paul Ricoeur (2004) também ressalta que a narrativa oriunda da dor e da memória pode reconfigurar identidades e tornar o trauma comunicável.

Assim, o rap de Preto Cria não apenas denuncia violências sistêmicas, mas funciona como linguagem de cuidado uma clínica simbólica da palavra, onde a dor é compartilhada, escutada e elaborada coletivamente. Essa perspectiva é sustentada por autoras como Grada Kilomba (2019) e Bell Hooks (1994), ao conceberem a arte como território de cura e lugar de fala.

Ao escolher o nome artístico “Preto Cria”, o artista afirma publicamente sua adesão à negritude como projeto político e à periferia como espaço de elaboração estética e ética. “Preto” denota afirmação racial; “Cria” marca o pertencimento a um território que é tanto geográfico quanto simbólico. Trata-se, como defende Stuart Hall (1997), de uma identidade construída nas fraturas da exclusão e da resistência não uma essência imutável, mas uma enunciação histórica. A adoção desse nome é,

portanto, um gesto ontológico: ser cria da cultura preta, ser voz do que foi silenciado, ser palavra do que foi interditado.

Achille Mbembe (2018) interpreta tal gesto como uma “reivindicação de si” diante dos processos históricos de apagamento e silenciamento que atravessam a experiência negra nas sociedades coloniais e pós-coloniais. Para Muniz Sodré (2002), essa performatividade opera na esfera da “reexistência”: práticas culturais contra-hegemônicas que retiram o corpo negro da passividade da representação, colocando-o no centro da enunciação. Preto Cria, portanto, não fala apenas sobre a periferia fala desde a periferia.

Seus trabalhos percorrem palcos, ruas e espaços populares como ferramentas de transformação social que acolhem e convocam. Sua obra não apenas representa a realidade periférica, mas a elabora simbolicamente como espaço de cura e expressão subjetiva. O reconhecimento nacional e internacional como no caso do premiado videoclipe *Toda Tempestade Vira Lição* evidencia a relevância de sua contribuição.

A singularidade de Preto Cria reside na maneira como sua biografia e obra se entrelaçam: ao longo de mais de três décadas, ele reafirma que o rap é mais do que música é linguagem de reinvenção e instrumento de denúncia social.

A trajetória artística de Preto Cria é marcada por uma produção diversa, que integra música, literatura, audiovisual e linguagem gráfica, sempre articulando arte e crítica social. Abaixo, destacam-se algumas de suas obras mais significativas:

- *Uma força a favor do povo* (2001): Álbum de estreia solo, cujas letras abordam desigualdade social, racismo estrutural e afirmação da identidade negra. Representa sua inserção oficial na cena independente do rap nacional;
- *Teoria perfeita* (2002): Coletânea regional que reuniu MCs voltados ao rap consciente. Preto Cria se destacou pelas letras reflexivas e pelo compromisso social em sua lírica;
- *As melhores da Discovery* (2003): Compilação com faixas de artistas emergentes do interior paulista, que ampliou o alcance das composições de Preto Cria para além dos limites da cidade de Franca;
- *A prova de força* (2003): Projeto colaborativo entre rappers de periferias diversas, focado na resistência cultural e na denúncia das estruturas de violência sistêmica;

- *Voz da periferia* (2004): Coletânea que valoriza vivências negras e periféricas, utilizando o rap como ferramenta de conscientização política e cultural;
- *1º Festival de Rap* (2009): DVD que documenta o festival homônimo realizado em Franca, reunindo apresentações ao vivo e evidenciando a relevância regional de Preto Cria;
- *Rabiscos negros num espaço em branco* (2009): Livro e e-book autorais que reúnem crônicas, poemas e reflexões sobre racismo, masculinidade negra, paternidade e cotidiano periférico;
- *Hip-hop Cód. 016* (2012): Documentário em DVD que registra a cultura hip-hop francana por meio de entrevistas, bastidores e apresentações, funcionando como arquivo histórico da cena local;
- *Baú Preto Cria* (2015): Coletânea retrospectiva que revisita composições marcantes da carreira do artista, incluindo faixas inéditas e novas versões. Síntese criativa de duas décadas de produção;
- *Preto Cria – 25 anos* (2020): Álbum comemorativo pelos 25 anos de trajetória artística, composto por músicas inéditas e reinterpretações de clássicos do próprio repertório;
- *Rap na história em quadrinhos – Edição 1* (2021): HQ de autoria própria voltada ao público jovem que entrelaça cultura urbana, ancestralidade negra e linguagem visual, com propósito educativo e lúdico;
- *Rap na história em quadrinhos – Edição 2* (2023): Continuação da HQ, aprofundando temas como educação antirracista, oralidade periférica e herança africana, consolidando sua dimensão pedagógica;
- *Projétil Vol. 1* (2024): Álbum com 21 faixas inéditas que abordam paternidade negra, autismo, espiritualidade e enfrentamento à violência de Estado, reafirmando a maturidade poética e política do artista;
- *Toda tempestade vira lição* (2024): Videoclipe do álbum *Projétil*, que presta homenagem às mães de crianças autistas. Foi premiado como Melhor Obra Brasileira no Festival Cereja, em Portugal, destacando-se pela sensibilidade estética e força simbólica;
- *Vacina com agulha de vinil*: Coletânea Time dos Sonhos (2025). Faixa inédita lançada em uma coletânea nacional prensada em vinil, com

participação de artistas independentes de diferentes regiões do país. A obra reforça o compromisso colaborativo e a circulação nacional do trabalho de Preto Cria.

A produção artística de Preto Cria é marcada por um rap consciente, de elevada densidade poética e forte engajamento social. Suas composições abordam, com criticidade e sensibilidade, questões centrais da contemporaneidade, como violência policial, luto, masculinidades negras, maternidade atípica, autismo, identidade racial e autoestima sempre ancoradas na perspectiva da periferia.

A produção artística de Preto Cria se distingue pela originalidade estética e pela complexidade temática, refletindo o cotidiano das periferias com lirismo e contundência. Seus trabalhos exploram dimensões pouco visibilizadas da experiência negra como a paternidade, o autismo, a dor do luto e os desafios da masculinidade, com narrativas que desafiam estigmas e constroem sentidos novos para corpos historicamente marginalizados.

Mais do que descrever realidades sociais, sua poética tensiona discursos normativos e desloca as fronteiras do possível na arte periférica. Em sua lírica, o que antes era silenciado emerge como linguagem legítima, articulando subjetividade, afeto e crítica em um mesmo gesto criador.

Figura 16: Prêmio Festival Cereja



Fonte: Documento concedido pelo mesmo, 2024

Figura 17: Noticiário sobre o prêmio na cidade de Franca



Rapper francano leva prêmio de “Melhor Obra Brasileira” em festival de Portugal com clipe sobre inclusão

Preto Cria foi premiado no Festival Cereja pelo clipe de sua música "Toda Tempestade Vira Lição"

 Alessandro Macedo  · 22 de setembro de 2024

Última Atualização 22 de setembro de 2024  1 minuto de leitura



Fonte: Reprodução Notícias de Franca, 2024

Figura 18: Repercussão do prêmio na cidade de Franca



Rapper Preto Cria recebe prêmio em Portugal por homenagear mães de crianças autistas

👤 Marcia Souza

📅 Publicado em 22 de setembro de 2024 às 13:00

Artista francano tem carreira consolidada no rap e amplo reconhecimento



O rapper francano Preto Cria conquistou um importante reconhecimento no cenário artístico internacional.

Fonte: Reprodução Jornal da Franca, 2024

Figura 19: Lançamento de clipe virá notícia



Fonte: Reprodução Jornal da Franca, 2024

Figura20: Lançamento de CD solo é matéria de revista



Fonte: Reprodução Enfoque Franca, 2009

Figura 21: Lançamento de livro é matéria de jornal



Fonte: Reprodução Enfoque Franca, 2009

Figura 22: Hip-hop é matéria de jornal



Fonte: Reprodução Enfoque Franca, 2009

Figura 23: Hip-hop é matéria de jornal



Fonte: Reprodução Comércio da Franca, 2015

4.1 Contribuição e reconhecimento

A trajetória de Preto Cria tem sido amplamente reconhecida por sua relevância artística e impacto social. Premiado com o primeiro lugar no Festival Águas de Março (Franca, 2025), o artista também conquistou o Troféu Raridade (2024) e se destacou em diversos festivais nacionais e regionais. No mesmo ano, teve participação de destaque no documentário *Vozes Negras na Cultura Francana*, curta-metragem apoiado pela Lei Paulo Gustavo, que evidenciou a centralidade de artistas negros na ocupação de espaços culturais e políticos da cidade.

Sua inserção na cultura hip-hop se deu em um momento de afirmação do rap nacional, ao lado de nomes como Racionais MC's, GOG e MV Bill, artistas que, nas décadas de 1990 e 2000, transformaram a periferia brasileira em sujeito político e cultural. É nesse contexto que Preto Cria se consolida como agente cultural e griot urbano, resgatando a tradição africana de preservação da memória coletiva por meio da oralidade.

Um marco nesse percurso foi o reconhecimento internacional obtido com o videoclipe: *Toda tempestade vira lição*, premiado no Festival Cereja (Portugal, 2024). A obra, dedicada às mães de crianças autistas, exemplifica o que Muniz Sodré (2017) define como a potência simbólica da palavra poética aquela que, nascida da dor, restaura dignidades e reinscreve subjetividades silenciadas. Nesse sentido, o trabalho de Preto Cria projeta o rap não apenas como arte, mas como prática de cuidado e produção de memória afetiva coletiva.

4.2 O rap como denúncia das dificuldades vividas nas periferias

Desde a década de 1990, o rap brasileiro consolida-se como uma das mais vigorosas linguagens de denúncia social e resistência simbólica das periferias urbanas. Enraizado nas vivências cotidianas das classes populares marcadas por desigualdade estrutural, violência policial e abandono institucional, o rap se apresenta como narrativa legítima de um Brasil profundo, silenciado pelas estruturas hegemônicas de poder e discurso.

Mais do que expressão musical, trata-se de um ato enunciativo e político que transforma vivências em discurso crítico, desvelando injustiças e reconstruindo uma memória coletiva insurgente. Muniz Sodré (2002) define esse processo como “ação política da oralidade”, no qual a palavra flecha e cura articula afeto e enfrentamento.

Acauam Silvério de Oliveira (2016) observa que o rap constitui uma “narrativa do real periférico”, capaz de articular o íntimo com o estrutural, desvelando os mecanismos do racismo institucional, da necropolítica (Mbembe, 2018) e do epistemicídio apagamento sistemático dos saberes oriundos das populações subalternizadas.

Sueli Carneiro (2005) reforça que toda estética negra é também episteme: uma produção de conhecimento que confronta as narrativas hegemônicas. O rap, ao tensionar a suposta neutralidade dos discursos dominantes, afirma-se como tecnologia de insurgência crítica e afetiva.

Nesse horizonte, artistas como Preto Cria produzem o que Grada Kilomba (2019) chama de “estética da dor e da reexistência”: linguagem que transforma trauma em poética, e exclusão em território discursivo. O microfone torna-se ferramenta de ancestralidade e enunciação, devolvendo voz aos que historicamente foram reduzidos ao silêncio.

O rap, portanto, não apenas denuncia as ausências do Estado e os dispositivos de controle social, ele funda novas formas de narrar-se e de existir. Ao conjugar lirismo, denúncia e pedagogia, a linguagem do rap desafia a lógica colonial, capitalista e racista que estrutura a sociedade brasileira, convertendo ausência em presença e dor em potência.

Com estética própria marcada por bases rítmicas densas e letras cortantes, o rap é muito mais do que entretenimento: é poética da ruptura. Produzido coletivamente, profundamente conectado à territorialidade, ele não apenas fala da periferia: ele é a periferia falada e pensada.

Kamille Viola (2020) ressalta que “o rap é um dos poucos espaços onde o jovem negro é sujeito e não objeto da narrativa”. Essa inversão simbólica permite ao morador da favela deixar de ser representação para se tornar agente de sua história afirmando corpo, ancestralidade e origem como elementos de resistência.

4.3 Rap, política e consciência coletiva

Ao converter vivência em enunciação pública, o rap realiza uma operação política potente: não apenas relata, mas questiona, provoca e propõe. Suas letras tensionam as lacunas do Estado e tornam audível o que costuma ser silenciado nos espaços institucionais. Temas como encarceramento em massa, feminicídio, fome, desigualdade educacional e colapso do sistema de saúde são abordados com uma contundência que desafia os discursos oficiais.

Nesse sentido, o rap atua como linguagem de exigência social e instrumento de enfrentamento simbólico. Como propõe Vargas (2008), trata-se de uma “poética da radicalidade periférica”: uma prática discursiva que não apenas denuncia como também reivindica direitos historicamente negados. A letra de rap formula uma demanda concreta por dignidade, moradia, educação, saúde e cultura aquilo que a Constituição promete, porém as políticas públicas frequentemente omitem.

Ao ocupar esse lugar de fala insurgente, o rap torna-se também projeto político. Não apenas se inscreve nas margens do sistema, mas força o centro a escutá-las.

4.4 A pedagogia do rap

O rap constitui-se como prática educativa contra-hegemônica, com linguagem direta e contundente que tensiona saberes oficiais e revela verdades omitidas. Seus versos funcionam como lições de história não documentada, mapas da exclusão social e análises críticas das estruturas de poder no Brasil.

Grupos como Racionais MC's, GOG e Facção Central, assim como artistas contemporâneos como Emicida, Rincon Sapiência e Preto Cria, articulam conhecimentos legitimados pela experiência periférica. Suas composições operam como pedagogia do cotidiano, baseada no vocabulário popular, na realidade concreta e na problematização do vivido em consonância com o princípio de Paulo Freire (1987), segundo o qual “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Essa pedagogia é também um gesto de reintegração simbólica. Como propõe Bell Hooks (1994), educar é um ato de liberdade e descolonização. O rap promove escuta ativa e reconhecimento subjetivo, ampliando a consciência crítica e a autoestima, especialmente entre jovens negros marginalizados.

Cada composição carrega potência formativa ao tematizar desigualdade racial, violência institucional e exclusão histórica, ao mesmo tempo que celebra a oralidade, a ancestralidade e o orgulho negro. Por isso, o rap tem sido cada vez mais incorporado por projetos sociais, escolas públicas e espaços culturais como ferramenta de ensino-aprendizagem e valorização de saberes populares.

Diante do silenciamento secular imposto às periferias, o rap se afirma como território de disputa simbólica, onde falar é resistir, educar é libertar, e rima é gesto de insurgência.

4.5 Análises discursivas e psicanalíticas de músicas de Preto Cria

4.5.1 Toda tempestade vira lição

Toda tempestade vira lição

Ó como Deus é bom.
Após o luto pela perda do filho ideal
toda mãe ganha do céu uma nova vida —
toda tempestade vira lição.

Então ela se doa, se anula, se desdobra
por que descobre a grandeza da sua missão —
cuidar da criança autista —
toda tempestade vira lição.

mãe, não importa o tom de pele ou chão
a vida é complicada pra quem tá na pressão
cê tem oxigênio nesse mundo cão
toda tempestade vira lição

Licença por alguns minutos
Vai vendo o quanto é importante seu papel no mundo
Já se sentiu invisível? Desencana.
Você é a única bússola pro filho
que tá vivo por sua esperança.
Afeto a todo minuto
E graças ao Pai Absoluto

Cada gesto mágico da comunicação autista
Percepção de mãe capta tudo
Estufa o peito, cê abraçou a causa
Esqueceu a vaidade na terra onde a aparência conta
365 dias, nóix ignora sua aula
A fé não desmorona
Tava escrito lá no céu esse projeto
Que deu liga que nem aço e concreto
Seu coração dói
Mas bate forte quando sente
que tá do lado de um super-herói.

Mãe, não importa o tom de pele ou chão
a vida é complicada pra quem tá na pressão
cê tem oxigênio nesse mundo cão
toda tempestade vira lição

Mãe, eu acredito no seu espírito de fortaleza
Eu acredito
E que nenhum vendaval pode ofuscar a sua estrela.

A canção *Toda tempestade vira lição*, de Preto Cria, constitui uma poderosa elaboração estética de experiências silenciadas, especialmente no que tange à maternidade negra e atípica. Com base na Análise do Discurso (AD) de linha francesa e na Psicanálise, particularmente na perspectiva de Frantz Fanon, a obra é examinada como dispositivo de simbolização da dor e reconfiguração subjetiva. Inspirada na escuta atenta à história de uma vizinha mãe de uma criança autista, a música venceu o prêmio de Melhor Obra Brasileira no Festival Cereja (Portugal, 2024), tornando-se referência daquilo que este trabalho denomina como psicopoética do rap.

Do ponto de vista discursivo, seguindo Pêcheux (1988) e Orlandi (2009), entende-se que a linguagem é atravessada por ideologias e posições de sujeito. Preto Cria fala a partir de um lugar social situado: o do homem negro periférico que observa e traduz a experiência do outro em narrativa sensível e crítica. Sua poética rompe invisibilizações ao tornar pública uma subjetividade geralmente omitida: a da mãe negra que cria, acolhe e transforma.

A repetição do verso “toda tempestade vira lição” opera como enunciado de reinscrição simbólica do trauma. A tempestade representa o luto pelo filho idealizado; a lição, a reconstrução de sentido diante do inesperado. A letra realiza, assim, um gesto simbólico de elaboração, alinhado a Freud (1917) e Lacan (1998), para quem a dor que não é simbolizada retorna como sintoma. Nesse contexto, o rap atua como escuta partilhada e narrativa reparadora.

No campo psicanalítico, a letra expressa o deslocamento do eu materno após o abalo de expectativas. A frase “ela se doa, se anula, se desdobra” remete a um reordenamento do desejo o sujeito se recentraliza no cuidado e na presença. Essa entrega não é romantizada, mas afirmada como gesto de potência emocional, onde a fé e a resistência se fundem.

Ao declarar “você é a única bússola pro filho que tá vivo por sua esperança”, o artista legitima o afeto como eixo estruturante da subjetividade. Em contraste ao discurso biomédico patologizante, o rap afirma a maternidade como linguagem de sensibilidade radical. Como observa Bell Hooks (1994), o amor, quando situado na intersecção com a política, torna-se resistência.

A descrição da comunicação autista como “mágica” representa uma virada interpretativa: o silêncio do filho não é ausência, mas outra gramática. A escuta da mãe opera como tradução sensível dessa linguagem não verbal, em consonância com

a afirmação de Lacan (1953) de que “o inconsciente é estruturado como linguagem” inclusive (ou sobretudo) nos registros não falados.

A canção também reposiciona simbolicamente a mulher negra periférica, historicamente marginalizada pela colonialidade. Ao dizer que a mãe “estufa o peito” e “abraça a causa”, Preto Cria a eleva à condição de heroína do cotidiano. Fanon (2008) já afirmava que a descolonização começa com a restituição simbólica da dignidade dos corpos oprimidos. Essa obra musical concretiza esse gesto.

A musicalidade da faixa entre melodia suave e batida firme intensifica a tensão entre vulnerabilidade e força. A performance vocal evita o *pathos* explícito, mas mantém a firmeza discursiva. Essa estética, que acolhe sem ceder à idealização, aproxima-se do que Grada Kilomba (2019) chama de “pedagogia da fala”: uma linguagem que denuncia, escuta e transforma simultaneamente.

Assim, *Toda tempestade vira lição* configura-se como expressão exemplar da psicopoética do rap: um poema social que traduz a dor em dignidade, o silêncio em presença, e o trauma em enunciação. Ao escutar e narrar a experiência da maternidade atípica negra, Preto Cria não apenas canta — ele inscreve existência.

4.5.2 Hoje a casa tá em silêncio

Hj a casa tá em silêncio

Ó, cabeça fica em brasa

O que o mundo espera de um preto depois dos 40? Nada.

Gente de pele escura com CPF cancelado, vala.

O que a polícia espera de um preto que sai no pinote? Mancada.

Se eu tivesse lá, pediria pro Alan Diego não corrê, pô.

Toda vez que um preto corre, aparece nas costas alvo pro caçador.

Oito tiros de ponto 40 perfurou, machucou.

Lágrimas da Dona Euripa ainda não secou.

Gente com raiva, protesto, busão queimou.

Outro neguim a quebrada sepultou, vishiiii...

Na bolinha do zói deu pra ver que era capitão do mato, morô?

Hoje a casa tá em silêncio, quer justiça pra conta que não fechou.

A voz corta o vento igual bala

No mundo que nos avalia não pela riqueza de conteúdo, e sim pela

Mano, cê deixou raiz e pétalas.
Que Deus o tenha, vai ser lembrado nas próximas décadas.

Rap de mensagem acalenta o coração.
Preto Cria: dois olhos, uma visão.
Ó, penso que cada preto tem que ser uma ponte
Não pro zoto pisar, e sim levar gente pra conquistar novos horizontes.

A canção *Hj a casa tá em silêncio*, de Preto Cria, configura-se como um enunciado poético-político de denúncia radical, situado no campo da dor coletiva e da memória periférica. Com estrutura linguística marcada por cortes abruptos, metáforas incisivas e oralidade insurgente, o texto tensiona os discursos institucionais ao expor o funcionamento cotidiano do genocídio da juventude negra nas periferias brasileiras.

Do ponto de vista da Análise do Discurso, como propõe Orlandi (2009), o sujeito que enuncia é atravessado por formações ideológicas e condições históricas. Preto Cria fala a partir de um lugar de pertencimento racializado e periférico, posicionando-se como testemunha e mediador do sofrimento coletivo. A construção “o que o mundo espera de um preto depois dos 40? Nada” explicita, com ironia, a exclusão estrutural do corpo negro maduro. O uso do símbolo invertido “?” reforça a ruptura com a norma gráfica e inscreve a linguagem da quebrada como campo de resistência semântica.

Expressões como “CPF cancelado, vala” condensam a ideologia do Estado penal, no qual a vida negra é desvalorizada antes mesmo da morte. Ao afirmar “toda vez que um preto corre aparece nas costas alvo pro caçadô”, o artista denuncia a lógica racializada da repressão: fugir por medo é lido como justificativa para o extermínio. A metáfora do “capitão do mato” recupera o imaginário colonial que persiste na atuação do aparato policial contemporâneo.

Sob o viés da Psicanálise especialmente na leitura de Fanon (2008), a música revela os efeitos psíquicos do trauma colonial: o corpo negro é construído como ameaça e alteridade radical, resultando em introjeções de medo e silenciamento subjetivo. O verso-título “Hoje a casa tá em silêncio” expressa, simultaneamente, o luto e o silenciamento: ausência que não é paz, mas apagamento.

Freud já apontava que o trauma não é imediatamente simbolizável; sua repetição denuncia o que não pôde ser dito. Nesse sentido, a canção atua como gesto de elaboração, onde a linguagem poética nomeia o que o recálque social tenta suprimir. As imagens recorrentes de dor “8 tiros de ponto 40”, “lágrimas da Dona

Euripa”, “busão queimô” funcionam como marcas de um sintoma social que insiste em se expressar.

O trecho final traz um deslocamento simbólico decisivo: “penso que cada preto tem que ser uma ponte não pro zoto pisar e sim levar gente pra conquistar novos horizontes.” A metáfora da ponte tradicionalmente associada à transição é aqui reapropriada como projeto coletivo de ascensão. O corpo negro não é meio de opressão, mas canal de transformação. Esse gesto se articula à psicopoética presente na obra de Preto Cria: transformar a dor em fala comum, e o luto em base para uma ética de reinvenção.

4.5.3 Quanto custa tá na quebrada

Quanto custa tá na quebrada

Não se apaga um talento como paga um baseado...

Quanto custa tá na quebrada ¿ não tem preço! quanto custa tá na quebrada ¿ não tem preço! quanto custa tá na quebrada ¿ não tem preço! quanto custa tá na quebrada ¿ não tem preço!

Cê tá bitolado com like tô preocupado em viver
A todo momento a vida é um fight respeita ou vai se fuder
Não deixa pé nos canal pra não ter que pagar no sistema penal Toda
quebrada tem um movimento sua conduta pode ser fatal
É coisa de quebrada nossa área tá mudada
Posso ver em muitas caras orgulho nas pegada
Tá no jeito de vestir e pentear
O empoderamento do cabelo crespo viva
Péga a visão são vários parça que decolô no próprio negócio
Vai que vai - h.ão que abandonou o ócio
É bem por aí nascemo pra ser quebradô de tabus
To ligado que os caras da alta quando ve até da chabú
É que nóix é triste que nem a comunidade quilombola
Vamo pra cima chega de migalha vamo da bica até nos pipoca
Já vi muita borboleta de caixão assobiar
Na esquina da quebra o Skank mistura com ar
Protegido com chuva de bênção nóix tamo deixa rolar
Vichiiii já vem com licença pra matar

E traz também à tona uma impressionante estatística brasileira: De cada dez jovens entre 15 e 29 anos de idade assassinados no país 8 são negros (tô tô de blitz no que péga)
a maioria do sexo masculina e da periferia das grandes cidades

O movimento não pára ensinamento cai de tonelada
Embaçado é viver no meio dos fake no fio da navalha
O amor nunca será produzido pelas máquinas
Tome cuidado tem gente com dedo podre tudo que réla estraga esse momento é tipo A – você tá na mira vou recitar
Hey não quer ouvir ok cada um no seu quadrado fica lá fica lá na toca dos arrombados
Não sei que escola eu tô quero que se foda Preto Cria não vô fica na moita
A pior frustração é você desistir
Complexo vai aumentar auto estima vai cair
Ficar a pampa é consequência
Do que se come bebe fala e pensa
Com fé e suor vamo além

Não afina pas treta reza um Pai Nosso com força amém
A cicatriz tá aqui não me pergunte o motivo
Cada um tem sua cruz todo investimento tem um risco
E quem desencapô os fio da cachola a gente não esquece
Virô mimimi na quebrada e letra de rap
Us demônio zuô só que Deus falô ele é um dos nossos
Resgatô um menino que tava feio na foto só destroços
Sô cadeado não vô caguetá os B.O. que o mano afundô
Só conto a grande notícia Tiago Coma voltô!
QUANTO CUSTA TÁ NA QUEBRADA ¿ NÃO TEM PREÇO!

A canção *Quanto custa tá na quebrada*, de Preto Cria, afirma a periferia como território de valor simbólico inegociável. Sua pergunta central “quanto custa tá na quebrada ¿ não tem preço!” ultrapassa a dimensão interrogativa: é uma proclamação de pertencimento. A quebrada, frequentemente lida pela lente hegemônica como ausência, é aqui ressignificada como presença criativa, afetiva e política.

Sob a perspectiva da Análise do Discurso, conforme Orlandi (2009), essa formulação tensiona os sentidos estigmatizantes atribuídos às favelas como criminalidade e carência e reinscreve um novo lugar de fala. A pontuação provocativa

(“¿”) e a repetição enfática do refrão operam como deslocamentos enunciativos que rompem com a norma e instauram uma linguagem insurgente, onde o sujeito periférico, historicamente silenciado, passa a reivindicar centralidade discursiva.

A força simbólica da música também se manifesta no embate com as estruturas de criminalização e exclusão racial. Ao afirmar “não se apaga um talento como paga um baseado”, o artista denuncia a lógica punitivista que associa juventude negra a delito. O “preto na mira” é figura recorrente do dispositivo necropolítico, como analisa Mbembe (2018), e também do corpo-abjeto descrito por Fanon (2008): vidas racializadas marcadas pela deslegitimação e pelo risco constante de eliminação.

No campo psicanalítico, essa produção opera na fronteira entre o trauma e a ressignificação. A metáfora “já vi muita borboleta de caixão assobiar” simboliza o corte abrupto de trajetórias: juventudes interrompidas pela violência estatal. Trata-se de uma imagem em que a beleza e a morte coexistem, reiterando o ciclo de vulnerabilidade a que os corpos negros estão submetidos.

O verso “cê tá bitolado com like, tô preocupado em viver” introduz uma crítica contundente à estetização digital e à alienação contemporânea. Contra a lógica do capital simbólico e da visibilidade virtual, Preto Cria propõe uma ética da sobrevivência concreta onde o reconhecimento não é mercadoria, mas afirmação vital.

A canção também mobiliza a estética como linguagem política. Ao celebrar “o empoderamento do cabelo crespo” e a força nos gestos cotidianos da quebrada, a letra se articula com Sueli Carneiro (2005), para quem a afirmação da identidade negra é uma ação epistemológica e política. A periferia torna-se espaço de reterritorialização subjetiva, onde resistir é criar modos próprios de viver, nomear e significar.

Por fim, ao declarar que “de cada 10 jovens assassinados, 8 são negros”, a música inscreve o dado estatístico como denúncia poética transbordando do número à carne. A quebrada não é cenário, é sujeito coletivo. E sua fala, na voz de Preto Cria, reescreve os sentidos impostos pela exclusão: o que antes era estigma agora se transforma em signo de resistência.

4.6 Comparativo das análises das músicas

A música *Toda tempestade vira lição* aborda como temática central a maternidade negra, o autismo e a resiliência diante da dor. No plano discursivo, apresenta-se como um enunciado lírico que reposiciona a mãe negra como sujeito de

saber, cuidado e resistência. A linguagem utilizada rompe com o apagamento simbólico e inscreve essa figura no campo da fala legítima e sensível, especialmente ao tratar da maternidade atípica. Já sob a perspectiva psicanalítica, a canção elabora o luto simbólico pelo “filho ideal” e propõe uma reconstrução subjetiva mediada pelo amor. A sublimação e a resignificação do trauma estruturam uma fala que cura e reconfigura.

A música *Hj a casa tá em silêncio* tem como foco central a violência policial e o genocídio da juventude negra. Do ponto de vista discursivo, é um texto de denúncia contundente que transforma o trauma coletivo da perda em memória enunciada. O silêncio que marca o fim da música atua simbolicamente como ausência e denúncia simultâneas, intensificando sua potência crítica. No campo psicanalítico, o texto expressa o luto social e a repetição traumática vivida nas periferias. O inconsciente racializado aparece como sintoma coletivo, evidenciando as marcas psíquicas da exclusão e da revolta diante da morte sistemática de jovens negros.

Por fim, a música *Quanto custa tá na quebrada* traz como temática principal a afirmação identitária, a autoestima e a sobrevivência na periferia. A análise discursiva revela o uso da linguagem como estratégia de reconstrução simbólica do cotidiano periférico. A obra rompe com estigmas históricos e afirma a cultura negra como campo de criação e autenticidade. Já sob a ótica psicanalítica, a canção expressa mecanismos de defesa frente à violência estrutural, e a pulsão de vida se manifesta no orgulho do corpo negro, da estética e da territorialidade. Nesse contexto, o sujeito afirma sua existência mesmo em meio ao caos, valorizando sua história e seu pertencimento.

4.7 Psicopoética do rap: narrar para existir, criar para curar

O conceito de psicopoética, embora ainda incipiente na produção acadêmica tradicional, encontra respaldo em trabalhos como os de Raúl Ernesto García, que o relaciona à subjetividade, criatividade e elaboração simbólica da experiência humana. Situado entre a psicologia e a linguagem poética, o termo propõe uma leitura estética dos afetos, traumas e processos de individuação.

Ao aplicá-lo ao contexto do rap das periferias brasileiras, não se trata de criar um neologismo, mas de reconhecer e legitimar uma prática concreta: a transmutação cotidiana da dor em discurso, do trauma em arte, do silêncio em resistência. A

psicopoética do rap nomeia esse gesto múltiplo que transforma vivência marginalizada em enunciação potente uma prática que se desenrola nos becos, nos microfones, nas rodas culturais e nos versos que gritam o que foi historicamente silenciado.

Essa prática opera, primeiramente, como *poiesis* subjetiva. Ao transformar vivências marcadas por exclusão e violência em linguagem estética e politicamente densa, o rap realiza aquilo que Heidegger (1936) definiu como *poiesis*: um “fazer aparecer” que revela o ser e funda mundos. Trata-se de uma criação simbólica que confere existência discursiva àquilo que, nas bordas da cidade, é constantemente invisibilizado.

Além de criação, o rap atua como clínica da palavra. Freud (1917) já afirmava que o que não é simbolizado retorna como sintoma, e Lacan (1953) reforça que o sujeito só se constitui na linguagem. Nesse sentido, o rap não é apenas expressão: é dispositivo de elaboração psíquica. Ao dar forma à dor, possibilita sua metabolização simbólica. A palavra, aqui, cura.

Essa potência se expande quando realizada coletivamente. O gesto que começa como expressão individual torna-se prática comunitária de escuta, cuidado e acolhimento. Como defende Suely Rolnik (2006), essa clínica micropolítica emerge das margens como espaço de reinvenção subjetiva. O rap é, assim, uma tecnologia de cuidado coletivo, uma clínica informal onde ritmo e verso operam como formas de contenção emocional e transformação social.

A quarta dimensão da psicopoética do rap é sua enunciação política. Grada Kilomba (2019) afirma que “falar é um ato político de reivindicação de si”. No rap, essa fala não apenas comunica: ela institui. Quando corpos periféricos narram suas trajetórias, rompem com o silenciamento histórico, inscrevendo-se como sujeitos no campo simbólico transformando exclusão em presença.

Essas quatro camadas, criação subjetiva, elaboração simbólica, prática coletiva e insurgência política, estruturam o que se pode chamar de psicopoética do rap:

- Um processo de subjetivação e resistência simbólica;
- Uma estética da oralidade, da memória e do cotidiano periférico;
- Um método terapêutico informal, no qual a arte é também elaboração e cura;
- Uma epistemologia insurgente, baseada na experiência vivida.

Essa dimensão epistemológica aproxima-se do conceito de epistemologias do Sul, formulado por Boaventura de Sousa Santos (2009), que valoriza os saberes produzidos na dor e na exclusão como legítimas formas de conhecimento. O rap, nesse escopo, é mais do que linguagem de denúncia: é produção de saber e de mundo.

Roberto Camargos de Oliveira (2016), em sua tese *Periferia com o poder da palavra*, sustenta que o rap brasileiro cria um campo discursivo em que palavra e voz são instrumentos centrais para a constituição de identidades, a crítica social e a articulação de pertencimentos. Os rappers tornam-se cronistas do tempo presente, guardiões da memória coletiva e interlocutores políticos de uma comunidade historicamente marginalizada.

Portanto, a psicopoética do rap é também uma prática de reexistência. A linguagem que brota das periferias não apenas denuncia o que falta justiça, saúde, futuro, mas constrói presença simbólica onde havia silenciamento. É uma fala que cura, politiza e afirma: não serão mais silenciados.

4.8 Grupos de escuta e os efeitos psicopoéticos da linguagem

As experiências promovidas por Preto Cria em oficinas, rodas de conversa e encontros comunitários revelam o impacto subjetivo e coletivo da linguagem poética como prática de cuidado, reconhecimento e escuta ativa. Essas vivências ilustram os efeitos psicopoéticos do rap, em que a palavra performada se transforma em gesto simbólico que toca afetos, elabora traumas e reinscreve sujeitos no campo da linguagem.

No caso de mães de crianças atípicas que se identificam com a canção *Toda tempestade vira lição*, observa-se o que Kehl (2009) denomina atravessamento simbólico do trauma: a dor é tocada, nomeada e localizada no discurso. A escuta da música atua como um espelho simbólico, permitindo a elaboração do sofrimento momento inaugural do trabalho de luto e reconstrução subjetiva.

Quando professores utilizam o rap como ferramenta pedagógica, ativam o que Bell Hooks (1994) chama de “educação como prática da liberdade”. Trata-se de romper com modelos verticais e autoritários de ensino para abrir espaço à escuta da experiência vivida. O rap, nesse sentido, torna-se um mediador entre o conteúdo

escolar e a realidade concreta dos alunos, promovendo pertencimento e pensamento crítico.

Jovens que dizem “essa música sou eu” experienciam um processo de identificação simbólica. Eles acessam o que Frantz Fanon (2008) define como reintegração do corpo negro agora reconhecido como sujeito de linguagem, e não mais reduzido à condição de ameaça ou invisibilidade. O rap oferece a esses sujeitos a possibilidade de enunciar-se a partir da própria história, reinscrevendo-se no espaço público como autores de si.

Esses efeitos caracterizam o que este trabalho define como psicopoética do rap, uma concepção teórica inspirada nas formulações de García (2022), que compreende a psicopoética como uma dimensão estética e subjetiva da linguagem voltada à transmutação simbólica do sofrimento. O termo une o prefixo “psico-”, referente à experiência emocional, com a noção de *poiesis*, segundo Heidegger (1936), entendida como o ato de “fazer aparecer” algo no mundo. O rap, assim, torna visível o que foi historicamente silenciado: vidas precárias, marcadas pela necropolítica, exclusão e apagamento.

Na perspectiva da Psicanálise, Freud (1917) enfatiza que toda dor não simbolizada retorna como sintoma. Lacan (1953) aprofunda essa visão ao afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que o sintoma é uma fala cifrada. Nesse contexto, o rap atua como prática de simbolização: ao transformar a dor em rima, o sujeito realiza um gesto de cura simbólica reinscrevendo-se no discurso, resgatando a si mesmo.

Essa escuta, no entanto, não ocorre dentro dos muros da clínica tradicional. Como afirma Roudinesco (2007, p. 149), o sofrimento contemporâneo exige dispositivos alternativos de escuta. Para ela, “o sintoma contemporâneo exige uma escuta fora dos muros da instituição”. É nesse vácuo institucional que o rap opera como clínica pública da palavra: o palco torna-se divã coletivo, o microfone, instrumento de escuta, e os MCs, mediadores entre trauma e reinvenção.

Nesse cenário, a psicopoética do rap não é apenas uma estética da dor, mas uma prática de cuidado, um método de elaboração coletiva e um caminho de reconfiguração identitária. Como observa García (2022), trata-se de uma linguagem que denuncia, mas também acolhe; que cura ao dizer e reinscreve ao cantar. É a potência de existir através da palavra que resiste.

A trajetória de Preto Cria revela o papel central da arte periférica na produção de saberes insurgentes e afetos politicamente mobilizadores. Suas composições operam como dispositivos de denúncia e escuta, atravessando as fronteiras da linguagem para intervir na realidade concreta das quebradas. O rapper transforma vivências marcadas pela dor e pela invisibilidade em narrativas de resistência, transmutando a ferida em força estética e em gesto pedagógico radical.

O rap, em sua obra, emerge como gramática de pertencimento, espaço de elaboração simbólica de experiências coletivas historicamente silenciadas, e ferramenta de reconstrução subjetiva. A psicopoética que atravessa suas músicas revela que cantar, rimar e narrar são também formas de cura e de reconfiguração das identidades fragmentadas por séculos de exclusão e apagamento social.

Preto Cria não apenas canta a vida; ele reconfigura a escuta coletiva das periferias. Sua voz é linguagem de enfrentamento, mas também de cuidado. Por meio dela, articula denúncia e afeto, ferida e cura, dor e potência. Sua arte não pede licença, ela se impõe como presença que tensiona, transforma e ilumina o que foi historicamente marginalizado. Em suas rimas, pulsa o direito à memória, à vida e à dignidade, e isso é, por si, uma forma radical de existência e de reexistência.

CAPÍTULO 5

EDUARDO CARVALHO: ENTRE O TRAÇO REAL E O ANCESTRAL

O presente capítulo se debruça sobre a trajetória e a obra de Eduardo Carvalho, artista visual francano cuja produção hiper-realista reconfigura os códigos visuais da arte contemporânea ao reivindicar, por meio do traço, a centralidade da experiência negra. Seu trabalho convida o olhar a permanecer, a contemplar rostos, gestos e espiritualidades que, ao longo da história da arte brasileira, foram sistematicamente invisibilizados. Representar o corpo negro com detalhamento técnico, cuidado estético e densidade simbólica é, em sua prática, um gesto político, reparador e profundamente afetivo.

A análise aqui proposta parte da interseção entre crítica decolonial, estética afro-brasileira e estudos iconográficos, compreendendo a arte de Eduardo não como simples representação, mas como linguagem de mundo. Seus retratos não apenas expõem rostos, eles evocam linhagens, despertam memórias e instalam presenças. Neles, o passado ancestral e o presente urbano dialogam com intensidade silenciosa, revelando como a arte pode operar como mediadora entre o visível e o invisível, o individual e o coletivo.

Ao estudar sua obra, buscamos compreender como a imagem, em sua potência mais plena, pode ser um ato de resistência. Mais do que desenhar o real, Eduardo revela camadas profundas de subjetividade negra, e o faz a partir de uma perspectiva que conjuga excelência técnica e compromisso político. Sua pintura é, assim, ferramenta de afirmação e encantamento, um convite à reparação visual e à escuta sensível do não-dito.

Carvalho nasceu em 28 de fevereiro de 1992, no interior de Minas Gerais. Filho de uma família negra e humilde, viveu sua infância em meio à vida rural e, aos 11 anos, interrompeu os estudos para ajudar o pai no trabalho no campo. Essa vivência precoce com o trabalho e as responsabilidades moldaria profundamente sua sensibilidade social, o olhar atento ao cotidiano e à dignidade dos sujeitos comuns, elementos que mais tarde viriam a compor o núcleo simbólico de sua produção artística.

Em 2012, transferiu-se para Franca, no interior de São Paulo, em busca de novas possibilidades. Inicialmente atuou como padeiro e montador de móveis, até

reencontrar o caminho da arte, que já o acompanhava desde a infância. Concluiu seus estudos por meio do Encceja e, ainda nessa fase, teve uma de suas obras selecionada como capa de um livro de poemas da rede pública, o que lhe rendeu sua primeira exposição, no Teatro Municipal José Cyrino Goulart.

Sem condições financeiras para frequentar escolas de arte, Eduardo desenvolveu sua técnica de forma autodidata, por meio de prática constante e disciplina. Sua escolha pelo hiper-realismo, técnica que exige atenção extrema ao detalhe, revela também seu desejo de registrar com precisão a beleza, a força e a presença dos corpos negros, indígenas e dos símbolos da cultura afro-brasileira.

A partir de 2016, passou a produzir obras sob encomenda e, em 2019, lançou seu próprio curso de desenho realista. No mesmo ano, foi contemplado com o prêmio da Fundação Nacional das Artes (FUNARTE) com o projeto *A cultura e suas peculiaridades*, que abordava as raízes africanas, os quilombos e a identidade negra brasileira. Sua obra *Olhar africano* foi destaque da premiação, consolidando o reconhecimento do seu trabalho em nível nacional.

Eduardo é licenciado em Artes Visuais pela UNIASSELVI e atua como professor de desenho realista na escola Mundo Lúdico, em Franca. Cristão, compreende sua arte como dom espiritual e acredita que sua missão é refletir a grandeza da criação divina. Sua fé, contudo, não se dissocia de sua vivência racial e social: ao contrário, fortalece a valorização da cultura afro-brasileira, da ancestralidade e da memória coletiva negra, que emergem como temas recorrentes em sua obra.

Suas exposições percorrem espaços públicos, escolas e centros culturais no Brasil e no exterior como Londres, Dubai, Edimburgo, Lisboa, Tirana, entre outros, sempre acompanhadas de workshops com jovens da periferia e de escolas públicas. A dimensão educativa da sua arte reforça seu compromisso com o acesso democrático à cultura e à arte.

Desse modo, o artista representa, assim, uma nova geração de artistas negros brasileiros que unem técnica apurada, consciência social e identidade cultural. Sua trajetória do desenho infantil à projeção internacional evidencia a potência da arte como ferramenta de transformação e afirmação. Em suas palavras e em seus traços estão presentes as memórias da roça mineira, o orgulho negro, a força simbólica da natureza e a espiritualidade como eixo criador.

5.1 Obra *Olhar Africano*: ancestralidade e memória através do traço

A obra *Olhar Africano*, do artista Eduardo Carvalho, representa uma das peças mais significativas de sua trajetória artística e foi reconhecida nacionalmente pela Fundação Nacional das Artes (FUNARTE), no âmbito do projeto A cultura e suas peculiaridades (2019). Trata-se de um retrato hiper-realista, realizado a lápis sobre papel (66 x 96 cm), inspirado em uma fotografia de Leif Steiner, captada junto à tribo Hamar, na Etiópia.

Mais do que um exercício técnico apurado, a obra assume o papel de documento visual simbólico que resgata, ressignifica e reafirma a ancestralidade africana como matriz formadora da identidade brasileira. O olhar direto, frontal e silencioso da figura retratada atravessa o espectador com intensidade e dignidade. Ao reinterpretar esse rosto africano, Eduardo evita o exotismo ou a distância cultural. Em vez disso, apresenta a presença ancestral como viva, latente e partilhada pela memória coletiva da população negra brasileira.

O destaque dado ao olhar da personagem remete ao conceito de “olhar de volta”, desenvolvido por Bell Hooks (1995), que desafia a tradição colonial de retratar pessoas negras como objetos silenciosos. Aqui, a mulher não é observada ela observa. Ela confronta o espectador com sua humanidade, sua história e sua força. Trata-se de um gesto visual que se transforma em ato político e estético de reversão da subalternidade. Como expressa Souza (2025): “Esse rosto não olha para baixo, não se curva; ele olha de frente, com firmeza. É o olhar de quem nunca saiu daqui, mesmo quando tentaram apagá-lo.”

A escolha por retratar uma mulher africana em posição de protagonismo aproxima-se do que Lélia Gonzalez (1984) chamou de “diáspora viva”, na qual a cultura negra resiste ao apagamento por meio da reinterpretação simbólica da ancestralidade. Ao optar pelo hiper-realismo técnica geralmente associada à neutralidade estética, Eduardo rompe com a ideia da arte negra como “folclórica” ou “intuitiva”. Em sua obra, memória e técnica não se opõem, mas se entrelaçam, reafirmando o sujeito negro como autor da própria imagem e da própria história.

Com essa obra, Eduardo Carvalho restitui à figura negra o que a história tentou silenciar: centralidade, humanidade e orgulho.

5.2 Obra *África Origem*: identidade e dignidade como centro do discurso visual

A obra *África Origem*, do artista hiper-realista Eduardo Carvalho, representa uma afirmação poderosa da ancestralidade negra, articulando rigor técnico com densidade simbólica. Executada a lápis sobre papel, com dimensões de 77 x 113 cm, a obra retrata, em perfil, o rosto de uma mulher africana adornada com colares e disco labial, elementos tradicionalmente utilizados por povos como os Mursi, do Vale do Omo, na Etiópia. Sua postura ativa, o olhar firme e os adornos minuciosamente desenhados conferem à imagem uma dimensão de força, espiritualidade e reverência.

Ao centralizar essa figura feminina negra na composição, Eduardo constrói uma estética da resistência, na qual o corpo negro deixa de ser objeto exótico ou marginalizado e se converte em fonte de memória, beleza e soberania cultural. Tal gesto se alinha ao que Achille Mbembe (2018) denomina contravisualidade: imagens que rompem com a iconografia colonial e produzem outras formas de ver e significar os corpos racializados.

O título *África Origem* propõe uma leitura simbólica da África como mais do que um território: ela é apresentada como espaço ancestral, matriz identitária da cultura negra brasileira. Essa perspectiva dialoga com os estudos de Kabengele Munanga (2015), que defende a valorização da herança africana como fundamento da identidade afro-brasileira. O corpo da mulher, adornado e representado com dignidade estética, funciona como suporte visual dessa ancestralidade historicamente silenciada.

As marcas étnicas não são omitidas, diluídas ou estilizadas: são celebradas. Os colares de contas, o disco labial, a textura da pele e os tecidos são representados com precisão extrema o que remete à noção de reparação visual, ou seja, a restituição da imagem negra com dignidade e protagonismo. Para Grada Kilomba (2019), esse tipo de gesto artístico contribui para descolonizar as imagens que por séculos foram forjadas sob o olhar eurocêntrico.

A crítica à marginalização da arte negra também está presente. Denise Ferreira da Silva (2009) afirma que os museus historicamente invisibilizaram ou caricaturaram os corpos negros. Em *África Origem*, essa ausência é revertida: a mulher retratada ocupa o centro da cena com presença monumental, tornando-se sujeito pleno da narrativa visual.

A composição em perfil evoca uma estética de realeza ancestral não no sentido ocidental, mas como forma de soberania simbólica afro-diaspórica. Nesse sentido, a obra se inscreve no conjunto de produções de artistas negros contemporâneos que, segundo Berth (2022), atuam dentro de uma estética da dignidade: não basta representar o negro é preciso fazê-lo com afeto, centralidade e liberdade estética.

Mais do que uma representação, a arte de Eduardo Carvalho reivindica espaço e reconhecimento. O corpo africano é aqui entendido como origem, potência e presença. Em um país marcado por séculos de apagamento visual da negritude, *África Origem* emerge como um instrumento de reconexão com as raízes africanas não como passado distante, mas como presente vivo e dignificado.

5.3 Exposições internacionais

- Exposição em Galeria Kalo – 23 de Maio de 2024, Tirana, Albânia;
- Exposição Sebastian Art Gallery – 24 de Maio de 2024, Croácia, Dubrovnik;
- Exposição Tons de Outono – Arte em Movimento, na Galeria de Artes Sá da Costa, em Lisboa, Portugal – All Visual Arts Community nos dias 05, 06 e 07 de outubro 2023;
- Exposição em The Dundas Street Gallery, em Edimburgo, Escócia – Artcom Expo International no dias 11 de abril a 13 de abril 2023;
- Exposição no Espacio Gallery Londres, Inglaterra – Artcom Expo International nos dias 3 de abril 2023 a 8 de abril 2023;
- Exposição Dubai World Trader Center – Emirados Árabes Unidos – Artcom Expo International Association nos dias 24/05/2022 a 26/05/2022.

5.4 Exposições nacionais

- Exposição de Artes na Faculdade de Direito de Franca – FDF, // *Congresso Internacional de Direito, Políticas Públicas, Tecnologia e Internet 2024*;

- Exposição de Artes de Desenhos realistas na Pestalozzi Franca-SP *Bienal 2024* no dia 21/05/2024;
- Exposição de Artes e Workshop de Desenhos Realistas em Franca-SP no evento *Word Creativity Day* nos dias 19/04/2024 e 20/04/2024 nos Espaços SESI, SENAI, SENAC e Empresa Amazonas;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* de 27/02/2024 a 27/03/2024. Biblioteca Pública do Estado – Porto Alegre – Rio Grande do Sul e realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* de 22/02/2024 a 22/03/2024. Coluna-MG e realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* de 20/02/2024 a 20/03/2024. Materlândia-MG e a realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* de 29/08/2023 a 29/09/2023. Museu de Artes Afro Brasil Rolando o Toro, MUAFRO – Recife – Pernambuco e a realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* de 24/08/2023 a 24/09/2023, no Museu Eugênio Teixeira Leal – Pelourinho – Salvador-Bahia. Realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* de 20/08/2023 a 20/09/2023 no Centro de Artes Calouste Gulbenkian – Rio de Janeiro-RJ. Realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* de 15/08/2023 a 15/09/2023 no Casa de Cultura Vila Guilherme – Casarão – São Paulo-SP. Realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* em Peçanha-MG de 09/08/2023 a 09/09/2023 na Casa de Cultura. Realização do

Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;

- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* em Sabinópolis-MG de 07/08/2023 a 07/09/2023, na Casa de Cultura. Realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* em Belo Oriente-MG de 04/08/2023 a 04/09/2023, no Parque Multifuncional CENIBRA. Realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposições Itinerantes *A cultura e suas peculiaridades* em Antônio Dias-MG de 02/08/2023 a 02/09/2023 na Casa de Cultura. Realização do Workshop de Desenhos realistas para alunos das escolas de rede pública;
- Exposição de Artes e Workshop de Desenhos Realistas na Escola Vila Lobos em Franca-SP 2023;
- Exposição de Artes de Desenhos realistas na Pestalozzi Bienal 2023 e Workshop de Desenhos Realistas;
- Exposição Itinerante Funarte – Casa da Cultura de Franca-SP nos dias 08/12/2021 a 08/01/2022;
- Exposição em Belo Horizonte na Funarte-MG nos dias 04/11/2021 a 04/12/2021;
- Exposição Feira da Lareira em Franca-SP no dia 19/01/2019;
- Exposição Ribeirão Preto-SP Hotel Dan INN no dia 10/11/2018;
- Exposição Teatro Municipal de Franca-SP no dia 12/12/2017.

5.5 Premiações

- Premiação Croácia e Albânia, 23 e 24 de maio de 2024. Recebimento de medalha na categoria de desenhos. A exposição contou com curadores internacionais que escolheram a obra de arte pela qualidade do trabalho apresentado. A obra escolhida foi desenhada a lápis de cor de uma arara representando o nosso Brasil.

- Premiação em Edimburgo – Escócia, em The Dundas Street Gallery no dia 11 de abril de 2023. Com a participação de mais de 70 artistas, Eduardo foi premiado em primeiro lugar na categoria de Artes Visuais medalha de Ouro. A exposição teve curadores internacionais. A obra escolhida foi o desenho a lápis do ator Peter Dinklage, protagonista da série *Game of Thrones* realizada nas cidades da Escócia.
- Premiação Espacio Gallery em Londres – Inglaterra, no dia 03 de abril 2023. The Best Of Show Visual Arts Category. Com a participação de mais de 150 artistas, nesta ocasião Eduardo recebeu o troféu como o melhor artista do salão na categoria de Artes Visuais. A obra escolhida foi de um leão desenhado a lápis representando poder, reinado, autoridade e majestade.
- Premiação INDEX INTERNATIONAL no dia 24/05/2022, na cidade de Dubai, Emirados Árabes Unidos, World Trader Center. Ganhador da medalha de ouro representando o primeiro lugar na categoria de desenhos realistas. A exposição contou com curadores internacionais que avaliaram o seu desenho pela delicadeza e sutileza da ave protagonizada e desenhada com grande perfeição.
- Premiação FUNARTE (Fundação Nacional as Artes). Essa premiação foi feita através da participação de um edital, no ano de 2019, cujo tema era: Diálogo entre o patrimônio histórico da cidade do Rio de Janeiro e o brasileiro presente nas artes visuais, na arquitetura e nos espaços urbanos. Foi elaborado um projeto com o tema *A cultura e suas peculiaridades*, que abordou o contexto histórico sobre os quilombos, favelas e importância do negro na sociedade. Nesse projeto foram realizadas duas exposições (Belo Horizonte-MG e Casa da Cultura de Franca-SP).

Figura 24: Premiação Emirados

Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 25: Premiação Escola de Artes

Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 26: Premiação em Edimburgo



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 27: Águia: Obra premiada em Dubai



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 28: Obra premiada em Londres



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 29: Obra Leão



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 30: Olhar Africano - Obra premiada pela Funarte



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

5.6 Principais Obras

Figura 31: Tigre Solitário (66 x 95 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 32: Efeito rosto molhado (66 x 95 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 33: Olhar Zebra (66 x 95 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 34: Cat (66 x 95 cm)



Figura 35: Marfim



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 36: Lions



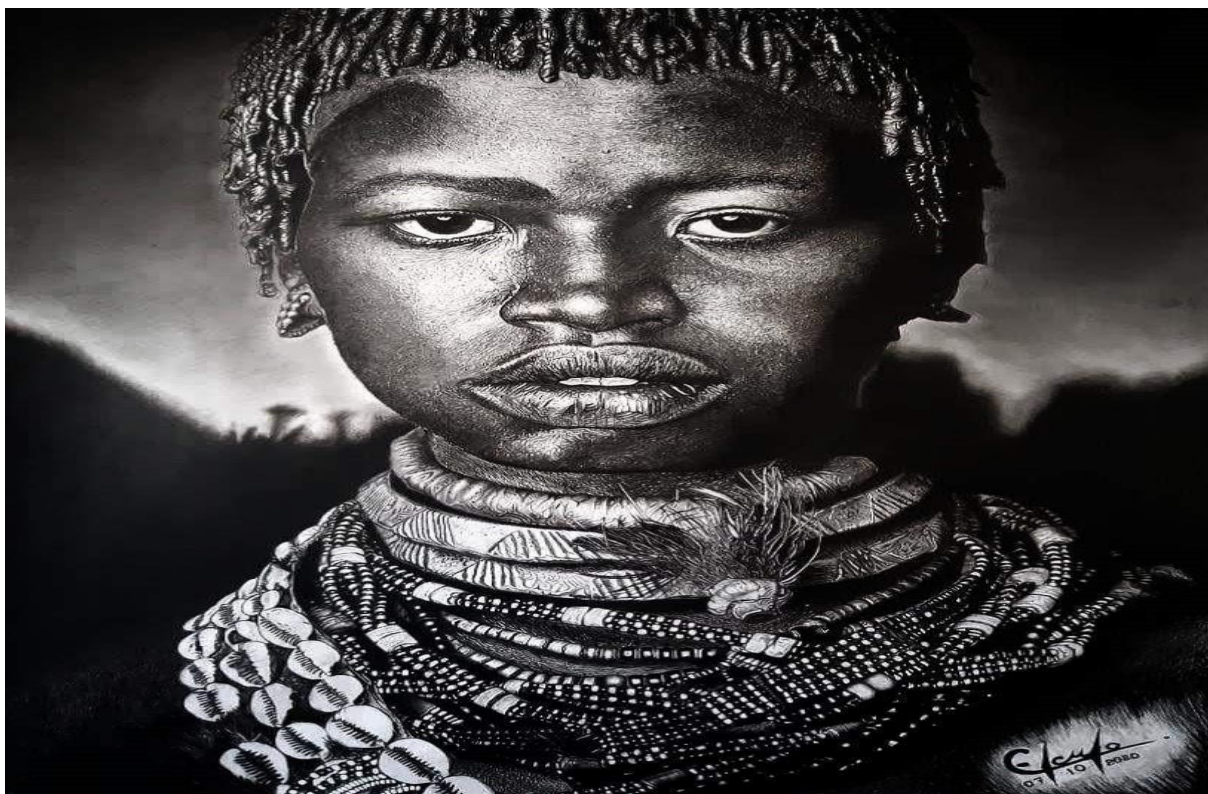
Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 37: O Rinoceronte (66 x 95 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 38: Olhar Africano (66 x 96 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 39: África Origem (77 x 113 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 40: Liberdade (60 x 113 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

5.7 Óleo sobre tela

Figura 41: Galoerense (50 x 75 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 42: O Panda (100 x 160 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 43: Zebra (100 x 160 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

5.8 Desenhos hiper-realistas: técnica lápis de cor sobre papel

Figura 44: O Brumadinho (30 x 40 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

Figura 45: Tucano (30 x 40 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

5. 9 Esculturas

Figura 46: Releitura de Davi de Michelangelo (40 x 70 cm)



Fonte: Imagem concedida pelo artista, 2025

A produção artística de Eduardo Carvalho reconfigura o espaço da arte visual contemporânea ao instaurar, por meio do traço hiper-realista, uma estética de precisão, respeito e transcendência. Sua técnica apurada, aplicada à representação de corpos negros, animais, figuras indígenas e personagens cotidianos, opera como dispositivo de valorização simbólica: o que ele escolhe retratar adquire presença ampliada, reverberando memórias, afetos e narrativas historicamente negligenciadas.

Longe de se limitar à evocação da ancestralidade africana, sua obra amplia repertórios visuais e desestabiliza hierarquias da representação. Cada desenho emerge como um gesto de reorientação do olhar: há beleza, mas também responsabilidade estética; há realismo, mas também memória. O grafite em sua mão transforma a folha em território e o retrato em presença discursiva não como enfeite, mas como afirmação.

Ao transitar por temas diversos, Eduardo produz uma iconografia que interpela o espectador e desloca o lugar da imagem negra, animal ou indígena dentro da tradição hegemônica da arte. Sua visualidade, silenciosa mas contundente, exige

escuta atenta: é uma pedagogia visual que recusa o apagamento e convoca à dignidade. Seus traços não apenas reproduzem: eles consagram.

Eduardo Carvalho, assim, não apenas retrata o mundo, ele o reorganiza simbolicamente. E, ao fazê-lo, redefine os contornos do visível: aquilo que foi marginalizado, minimizado ou desumanizado ganha, em sua obra, a chance de ser lembrado, valorizado e celebrado com rigor, afeto e profundidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa *Vozes Negras na Cultura Francana* demonstrou que a cultura afro-brasileira, longe de ser apenas herança, constitui-se como potência viva, em constante reinvenção e resistência. O estudo revelou como iniciativas culturais enraizadas nos territórios, quando impulsionadas por políticas públicas afirmativas como a Lei Paulo Gustavo, são capazes de democratizar o acesso, valorizar identidades e tensionar estruturas raciais excludentes que historicamente moldaram a sociedade brasileira.

Mais do que objeto de análise, o projeto se inscreve como prática crítica em si mesmo. Ao reunir sujeitos historicamente marginalizados, linguagens artísticas diversas e espaços institucionais, *Vozes Negras* instaurou uma nova gramática de presença: a que emerge das margens, mas se recusa à invisibilidade. A linguagem audiovisual foi apropriada não apenas como técnica, mas como estratégia de reconhecimento, pedagogia afetiva e mediação social.

A originalidade desta dissertação reside em articular memória local, políticas públicas e práticas artísticas negras em um mesmo eixo, construindo um diálogo entre teoria e empiria ainda pouco explorado no campo acadêmico. Essa fusão entre elaboração estética e análise institucional reposiciona as vozes negras de Franca como fontes legítimas de produção de conhecimento, deslocando a centralidade da análise e reconhecendo as epistemologias negras como projeto de futuro.

O legado científico e social do trabalho manifesta-se em múltiplas dimensões. Para o campo das políticas públicas, aponta que a cultura, quando orientada pela equidade racial, deixa de ser setor acessório e torna-se dimensão estratégica da cidadania. Para gestores culturais, oferece um modelo prático de ação descentralizada e inclusiva, que pode inspirar outras cidades a adotar políticas de reparação simbólica. Para a academia, abre possibilidades de aprofundar comparações com outros contextos, acompanhar trajetórias de artistas e avaliar o impacto longitudinal de iniciativas afirmativas.

O impacto gerado, contudo, não se restringe ao plano simbólico. Ele se expressa em gestos cotidianos de apropriação do documentário por escolas, famílias e juventudes periféricas, revelando a potência política da cultura quando esta se afirma como direito e não como privilégio. Como sustentam Frantz Fanon e Sueli Carneiro, o reconhecimento das expressões culturais negras é inseparável do

reconhecimento humano. Escutar essas vozes não é apenas ato acadêmico: é gesto de reparação, compromisso democrático e prática de justiça racial.

Por fim, esta pesquisa reafirma que a cultura negra em Franca não é memória imobilizada, mas força criadora de futuros. Suas vozes, outrora silenciadas, agora ecoam como patrimônios vivos, capazes de inspirar novas práticas de resistência, reconhecimento e transformação social. Como lembra Fanon, “cada geração deve, em relativa opacidade, descobrir sua missão, cumpri-la ou trai-la”. Que a missão desta geração seja sustentar a escuta, ampliar a participação e garantir que a cor da pele jamais seja barreira para criar, decidir e permanecer.

REFERÊNCIAS

A GUERRA contra a Lei Rouanet. **Revista Piauí**, 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-guerra-contra-a-lei-rouanet/>. Acesso em: 13 maio 2025.

ARRETCHE, Marta. **Estado federativo e políticas sociais: determinantes da descentralização**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

ARRETCHE, Marta. Federalismo e políticas sociais no Brasil: problemas de coordenação e autonomia. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 2, p. 17-26, 2004.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Não pararei de gritar**: poemas reunidos. Organização de Alberto Pucheu. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Artefato Edições, 2017.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Protesto e outros poemas**. Ribeirão Preto: Ribeirão Gráfica e Editora, 2015.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Protesto**: poemas. São Paulo: Edição do Autor, 1982.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Quilombo**. Franca: Edição do Autor, 2000.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Tambores da noite**. São Paulo: Coletivo Cultural Poesia na Brasa, 2009.

ASSUMPÇÃO, Carlos. **Literafro**, 5 nov. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/180-carlos-de-assumpcao>. Acesso em: 28 maio 2025.

BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BENTO, M. A. S.; SILVA JÚNIOR, H. **O crepúsculo das políticas de promoção da igualdade racial no Brasil**. [S. l.]: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2002.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** São Paulo: Letramento, 2022.

BONI, E. Homenagens pelo Dia da Consciência Negra. **Notícias de Franca, a sua Folha**, 18 nov. 2023. Disponível em: <https://noticiasdefranca.com.br/secoes/colunas/e-homenagens-pelo-dia-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 13 maio 2025.

BOTELHO, Isaura. **Cultura e literatura afro-brasileira**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2004.

BOTELHO, Isaura. Políticas públicas e cultura: o Instituto Nacional do Livro e o Ministério da Educação e Saúde Pública (1937-1945). In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). **Políticas culturais no Brasil: dos anos 1930 aos anos 2000**. Salvador: EDUFBA, 2006.

BRASIL, Fernanda G.; CAPELLA, Ana Claudia N. O campo de estudos de políticas públicas no Brasil: características, influências e perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 31, n. 92, p. 1-20, 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 13 maio 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 28 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010**. Institui o Plano Nacional de Cultura – PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais – SNIIC e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm. Acesso em: 13 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020**. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l14017.htm. Acesso em: 25 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **RMS, 26.071/DF**. Rel. Min. Carlos Britto, 13/11/2007.

BRASIL. Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jul. 2014.

BRASIL. Lei nº 13.844, de 18 de junho de 2019. Estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 jun. 2019.

BRASIL. Decreto nº 11.336, de 1º de janeiro de 2023. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Cultura. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 jan. 2023.

CAPELLA, Ana Claudia N; BRASIL, Fernanda G.; GUIMARÃES, Danielle. Mapeando o campo de políticas públicas no Brasil: teorias, objetos e métodos. In: SOUZA, Celina (Org.). **Políticas públicas: uma revisão da literatura**. Salvador: EDUFBA, 2014.

CARLEY, M. **Indicadores sociais: teoria e prática**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

CARLOS de Assumpção. Doutor “Honoris Causa”. **Unesp**, Franca, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/#!/noticias/v/id::431/carlos-de-assumpcao-doutor-honoris-causa/>. Acesso em: 28 maio 2025.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: CARNEIRO, S. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano. 2003. p. 49-58.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

JESUS, CAROLINA, Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2015.

CARVALHO, E. Vozes Negras na Cultura Francana. Entrevista concedida ao projeto. Direção de Denir Alves. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s3lil6v_5gQ. Acesso em: 16 jun. 2025.

CASCUDO, L. da C. **Locuções tradicionais no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

CASTRO, C. M. **Educação na era da informação**. São Paulo, Cortez: 2001.

CELENTE, S. J. **O rap como instrumento pedagógico para o ensino de história afro-brasileira**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CHUVA, Márcia. **Os nomes do patrimônio: uma genealogia dos discursos de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COM DUAS DÉCADAS NO RAP, PRETO CRIA LANÇA NOVO VÍDEO; veja. **GCN**, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://sampi.net.br/franca/noticias/1643600/artes/2017/11/com-duas-decadas-no-rap-preto-cria-lanca-novo-video-veja>. Acesso em: 13 maio 2025.

COMISSÃO DE CULTURA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Relatório de execução da Lei Aldir Blanc: balanço e desafios**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em: 02 de jul. 2025.

DAVIS, Â. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DIJK, T. A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

D. J. ABRAÃO. Guind'art 121 Part. Nego Thaide e Preto Cria – Domine A Máquina [Video]. **Zona Suburbana**, 12 nov. 2013. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/guindart-121-part-nego-thaide-e-preto-cria-domine-a-maquina-video/>. Acesso em: 13 maio 2025.

DOCA. #42 – Racionais MC's – Negro Drama (2002). **Brazil 70 Translation Project**, 2 maio 2014. Disponível em: <https://brazil70translationproject.wordpress.com/2014/05/02/42-rationais-mcs-negro-drama-2002/>. Acesso em: 13 maio 2025.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 21, p. 100-122, 2007.

DUARTE, E. de A. (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 1.

EDUARDO Carvalho. **LinkedIn**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/eduardo-carvalho-3a2b04273/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 13 maio 2025.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Editora da UnB, 2001.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. Estudos de políticas públicas: entre a abordagem analítica e o desenvolvimento institucional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 35—52, 2003.

FERNANDES, Carlos Augusto. Políticas culturais no Brasil: descentralização ou concentração? **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 45–62,

2015. Disponível em: <https://observatorio.itaucultural.org.br>. Acesso em: 22 de jun. 2025.

FERREIRA, L. R. **Estéticas da resistência**: tranças afro como patrimônio cultural. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

FESTIVAL Águas de Março tem 42 participantes confirmados; evento começa no dia 22. **Portal Hertz Notícias**, 10 abr. 2025. Disponível em: <https://hertznoticias.com.br/festival-aguas-de-marco-tem-42-participantes-confirmados-evento-comeca-no-dia-22/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

FLEURY, M. T. L. Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 40, n. 3, jul./set., p. 18-25, 2000.

FRANÇA, V. Carlos de Assumpção agora é doutor honoris causa pela UFRJ. **Conexão UFRJ**, Rio de Janeiro, 18 fev. 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/02/carlos-de-assumpcao-agora-e-doutor-honoris-causa-pela-ufrj>. Acesso em: 28 maio 2025.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista. In: SOUZA, Jessé (org.). **Democracia hoje**: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001. p. 245-282.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Luto e melancolia**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 41-87.

GARCÍA, R. E. **Psicopoética**. São Paulo: Ed. Multifoco, 2022.

GILROY, P. **O Atlântico negro**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GINZBURG, C. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, C. Escola de qualidade para todos revisitada: desfolhando as camadas da cebola. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 109, p. 843-862, out./dez. 2020.

GOMES, I.; FERREIRA, I. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **Agência de Notícias IBGE**, 7 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-caim>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, DF: SECAD, 2005.

GONZALES, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, v. 20, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/10316/1/06_GONZALES__L%c3%a9lia_Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_1.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

GRAMSCI, A. **Intelectuais e organização da cultura**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GREER, S. L. How does decentralization affect the welfare state? Territorial politics and the welfare State in the UK and US. **Journal of Social Policy**, v. 39, n. 2, p. 181-201, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAUPT, A.; KANE, T. T. **Population handbook**: international edition. Washington, D.C.: Pop Reference Bureau, 2000.

HEIDEGGER, M. A origem da obra de arte. In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDEMANN, F. G. Do sonho do progresso às políticas de desenvolvimento. In: HEIDEMANN, F. G.; SALM, J. F. (org.). **Políticas públicas e desenvolvimento: bases epistemológicas e modelos de análise**. Brasília, DF: Editora UnB, 2009. p. 23-39.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom**. New York: Routledge, 1994.

HOOKS, Bell. **Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

ÍCONE da luta pela igualdade racial, poeta Carlos Assumpção é homenageado na Alesp. **Alesp**, 28 maio 2024. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?28/05/2024/icone-da-luta-pela-igualdade-racial--poeta-carlos-assumpcao-e-homenageado-na-alesp=>. Acesso em: 28 maio 2025.

ILUMINAÇÃO do Congresso integra ações pelo Dia de Conscientização do Autismo; artista francano grava clipe de homenagem às mães. **Notícias de Franca, a sua Folha**, 3 abr. 2024. Disponível em: <https://noticiasdefranca.com.br/e-de-lei/iluminacao-azul-do-congresso-integra-acoes-pelo-dia-mundial-de-conscientizacao-do-autismo/>. Acesso em: 13 maio 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JANNUZZI, P. M. **Indicadores sociais no Brasil**: conceitos, fonte de dados e aplicações. Campinas: Alínea, 2001.

JANNUZZI, P. M.; PASQUALI, F. A. Estimação de demandas sociais para fins de formulação de políticas públicas municipais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 75-94, 1999.

JESUS, CAROLINA, Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2015.

JUNIOR, J. (Org.). **Poesia Literatura Cultura Afro-Brasileiro Cultura Popular**. Embu das Artes: Instituto de Estudos Afro-Brasileiro Manuel Querino, 2016.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. Prefácio: Fanon, existência, ausência. In: Fanon, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: UBU Editora, 2020.

KOTZ, M. O protesto poético de Carlos de Assumpção. In: PUCHEU, A. (Org.). **Poesia, política e periferia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.

KRELL, A. J. Realização dos direitos fundamentais sociais mediante controle judicial da prestação dos serviços públicos básicos (uma visão comparativa). **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 36, n. 144, p. 239-260, out./dez. 1999.

LACAN, J. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LARISSA Alves é a campeã do concurso “A Mais Bela Voz de Franca”. **Notícias de Franca, a sua Folha**, 27 abr. 2022. Disponível em: <https://noticiasdefranca.com.br/local/larissa-alves-se-consagra-campea-do-concurso-a-mais-bela-voz-de-franca/>. Acesso em: 13 maio 2025.

LEITÃO, Cláudia. **Gestão cultural**: de Gilberto Gil à Cultura Viva como política de Estado. Salvador: EDUFBA, 2016.

LEITÃO, Cláudia. Cultura Viva e o direito à cultura: uma política de base comunitária. **Revista de Políticas Culturais, Salvador**: Fundação Gregório de Mattos, 2016.

LEITÃO, Cláudia. **A Cultura Viva e o novo paradigma da política cultural brasileira**. Fortaleza: Observatório da Diversidade Cultural, 2016.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, E. Pedagogia periférica e hip-hop como ferramenta educativa. **Revista Vozes e Diálogos**, v. 7, n. 2, p. 41-56, 2020.

LINDOMAR 3L lança novo álbum, “Renascido”. **Zona Suburbana**, 9 jan. 2024. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/lindomar-3l-lanca-novo-album-renascido/>. Acesso em: 13 maio 2025.

LUTA, suor e renúncia’ rapper Preto Cria comemora 20 anos de carreira. **GCN**, 30 ago. 2015. Disponível em: <https://sampi.net.br/franca/noticias/1577337/franca-e-regiao/2015/08/luta-suor-e-renuncia-rapper-preto-cria-comemora-20-anos-de-carreira>. Acesso em: 13 maio 2025.

MACEDO, A. Rapper francano leva prêmio de “Melhor Obra Brasileira” em festival de Portugal com clipe sobre inclusão. **Notícias de Franca, a sua Folha**, 22 set. 2024. Disponível em: <https://noticiasdefranca.com.br/sem-categoria/rapper-francano-leva-premio-de-melhor-obra-brasileira-em-festival-de-portugal-com-clipe-sobre-inclusao/>. Acesso em: 13 maio 2025.

MACHADO, Patrícia. A Lei do Audiovisual e a profissionalização do cinema brasileiro. In: **Revista Cultura & Política**, São Paulo, ed. especial, 2021.

MARYZANDRA, L. **Tranças no mapa**: reconhecimento das trancistas como agentes culturais. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2021.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MEIRA, M.; GAZZINELLI, G. O Sistema Nacional de Cultura. In: **Oficinas do Sistema Nacional de Cultura (OSNC)**. Brasília: Ministério da Cultura, 2006. p. 11-26.

MIGNOLO, W. A desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2007.

MILES, I. **Social indicators for human development**. New York: St. Martin's Press, 1985.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 56-63, 1996.

MUNUNGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MUNUNGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MUNUNGA, Kabengele. **Reflexões sobre a identidade negra brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2015.

NASCIMENTO, A. do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NASCIMENTO, D. G. do. **A Lei 10.639/03 entre a teoria e a prática escolar: história e cultura afro-brasileira e africana em uma escola no município de Franca/SP**. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2018.

NASCIMENTO, E. L. **A identidade negra no Brasil**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2003.

OBINGER, H.; LEIBFRIED, S.; CASTLES, F G. (Ed.). **Federalism and the Welfare State: New World and European experiences**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

OLIVEIRA, A. S. de. **Racionais MC's: vozes poéticas da periferia**. São Paulo: Alameda, 2016.

OLIVEIRA, L. C. de. **A caminhada do poeta**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

OLIVEIRA, R. C. de. **Periferia com o poder da palavra: a poética dos rappers brasileiros**. 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16334>. Acesso em: 9 jun. 2025.

OLIVIERI, C. G. **Cultura neoliberal: leis de incentivo como política pública de cultura**. São Paulo: Escrituras, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PETERSON, P. E. **The price of federalism**. Washington, D.C.: The Brookings Institution, 1995.

PIAUI. **A nova guerra da Lei Rouanet**. *Revista Piauí*, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br>. Acesso em: 02 de jul. 2025..

PINHEIRO, A. Preto Cria Lança seu novo álbum de rap “Projétil Vol.1” com 21 faixas. **Portal Estilo AP**, 14 maio 2024. Disponível em: <https://estiloap.com.br/preto-cria-lanca-seu-novo-album-de-rap-projetil-vol-1-com-21-faixas/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

PODCAST Podedê com Preto Cria – “Vozes Negras Na Cultura Francana” – 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=54OSXVM2Xzc&t=1456s>. Acesso em: 3 jul. 2025.

PRANDI, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, São Paulo, n. 46, p. 52-65, jun./ago. 2000.

PRETO Cria – Facebook. Disponível em: <https://web.facebook.com/pretocriaoficial/>. Acesso em: 7 mar. 2025.

PRETO Cria. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/pretocriaoficial/>. Acesso em: 7 mar. 2025.

PRETO Cria. Plataformas Digitais – CD Projétil Vol. 1. Disponível em: <https://onerpm.link/970739641219>. Acesso em: 7 mar. 2025.

PRETO Cria. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@preto.cria>. Acesso em: 7 mar. 2025.

PRETO Cria. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@PretoCria>. Acesso em: 7 mar. 2025.

PRETO Cria chega a 200 mil plays no Spotify. **Zona Suburbana**, 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/preto-cria-chega-a-200-mil-plays-no-spotify/>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRETO Cria conquista 1º lugar em festival de Hip-hop. **Zona Suburbana**, 2 maio 2025. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/preto-cria-conquista-1o-lugar-em-festival-de-hip-hop/>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRETO Cria divulga vídeo ao vivo de “Minha Vó Mãe Luz” com participação de Sissa Vifel. **Zona Suburbana**, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/preto-cria-divulga-video-ao-vivo-de-minha-vo-mae-luz-com-participacao-de-sissa-vifel/>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRETO Cria eleito uma das 3 mais belas vozes da cidade de Franca/SP em 2022. **Zona Suburbana**, 2 maio 2022. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/preto-cria-eleito-uma-das-3-mais-belas-vozes-da-cidade-de-franca-sp-em-2022/>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRETO Cria faz homenagem a 2Pac, 20 anos após a morte do rapper. **GCN**, 10 maio 2016. Disponível em: <https://sampi.net.br/franca/noticias/1599985/artes/2016/05/preto-cria-faz-homenagem-a-2pac-20-anos-apos-a-morte-do-rapper>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRETO Cria lança novo álbum, “Projétil Vol. 1”, com clipe de “TRETA AFRO”. **Zona Suburbana**, 21 fev. 2024. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/preto-cria-lanca-novo-album-projetil-vol-1-com-clipe-de-treta-afro/>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRETO Cria lança versão ao vivo da música “Quanto custa tá na quebrada?”. **Zona Suburbana**, 7 jul. 2023. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/preto-cria-lanca-versao-ao-vivo-da-musica-quanto-custa-ta-na-quebrada/>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRETO Cria: na batida do hip-hop. **GCN**, 4 ago. 2013. Disponível em: <https://sampi.net.br/franca/noticias/1501261/franca-e-regiao/2013/08/preto-cria-na-batida-do-hip-hop>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRETO Cria. Portal Rap Nacional, 2016. Disponível em: <https://www.rapnacional.com.br/?s=preto+cria>. Acesso em: 3 jul. 2025.

PUCHEU, A. (Org.). **Poesia, política e periferia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A gramática do tempo**. Porto: Afrontamento, 2006.

QUILOMB HOJE LITERATURA. **Cadernos Negros**. Disponível em: <https://cadernosnegros.webnode.com.br>. Acesso em: 28 maio 2025.

RAMOS, L. **Medida Provisória**. Lereby Produções, Lata Filmes, Globo Filmes Melanina Acentuada. Brasil: Elo Company, H20. 2022. (94 min.).

RAPPER de Franca acumula mais de 650 mil visualizações no Youtube. **Notícias de Franca, a sua Folha de Franca**, 3 set. 2021. Disponível em: <https://noticiasdefranca.com.br/variedades/rapper-de-franca-acumula-mais-de-650-mil-visualizacoes-no-youtube/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

RAPPER francano Preto Cria lança clipe para marcar mês do autismo. **GCN Net**, 11 abr. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5oINf8OvgH/>. Acesso em: 20 maio 2024.

RAPPER francano lança música em homenagem a mães com filhos autistas. **Portal Hertz Notícias**, 6 abr. 2024. Disponível em: <https://hertznoticias.com.br/rapper->

francano-lanca-musica-em-homenagem-a-maes-com-filhos-autistas/. Acesso em: 13 maio 2025.

RAPPER francano leva prêmio de ‘Melhor Obra Brasileira’ em festival de Portugal com clipe sobre inclusão. Notícias de Franca, 22 set. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DAOU48pudRm/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 out. 2024.

RESUMÃO da semana ‘LAZINHO com Você’. **Gshow**, 20 ago. 2017. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tv/playlist/58-segundos-com-lazinho.ghtml>. Acesso em: 13 maio 2025.

RESUMÃO “12”. **Programa Lázinho Com Você**, 5 nov. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1572929092746224>. Acesso em: 3 jul. 2025.

RESUMÃO “14”. **Programa Lázinho Com Você**, 19 nov. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1586560021383131>. Acesso em: 3 jul. 2025.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, M. M. A. **Políticas públicas**. São Paulo: Publifolha, 2010.

ROLIM, M. R. Estéticas de resistência: gênero, raça e trançados afro-brasileiros. **Revista Gênero & Direito**, v. 8, n. 1, p. 211-230, 2019.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Cultura Viva: avaliação e perspectivas de uma política cultural inovadora. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 25–41, 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/politicasculturais>. Acesso em: 03 de jul. 2025.

SANCHES, N. Minidocumentário “Sarau Protesto: Quilombo Poético” será mostrado neste domingo. **Jornal da Franca**, 9 nov. 2024. Disponível em: <https://www.jornaldafranca.com.br/minidocumentario-sarau-protesto-quilombo-poetico-sera-mostrado-neste-domingo/>. Acesso em: 04 jun. 2025.

SANTOS, B. de S. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Gustavo; CUNHA, Vanessa. Indicadores culturais e justiça racial. **Revista Cultura & Democracia**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 77–92, 2020. Disponível em: <https://revistaculturaedemocracia.org>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

SECCHI, L. **Políticas públicas**: conceitos, categorias de análise, casos práticos. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SHOW de lançamento do álbum no Teatro Sesi Franca. **SESI**, 2024
<https://www.sesisp.org.br/evento/5b3c572f-300a-4e2d-8ce9-5f11c4c0aedd/preto-cria>

SILVA, A. dos S. da. **O pensamento de Beatriz Nascimento**: análise do longa-metragem *Ôrí* (1989). 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SILVA, D. F. A dívida impagável. **Revista Cult**, São Paulo, n. 141, 2009. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-divida-impagavel/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SILVA, D. N. Luís Gama. **Brasil Escola**, [c2025]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/luis-gama.htm>. Acesso em: 13 maio 2025.

SJÖBLOM, G. Problemi e soluzioni in politica. **Rivista Italiana de Scienza Politica**, v. 14, n. 1, p. 41-85, 1984.

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. São Paulo: Vozes, 2017.

SOUZA, C. Estado da arte da pesquisa em políticas públicas. In: HOCHMAN, G.; ARRETCHE, M.; MARQUES, E. (Org.). **Políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 65-86.

SOUZA, C. Federalismo e gasto social no Brasil: tensões e tendências. **Lua Nova**, n. 52, p. 5-28, 2001.

SOUZA, M. Rapper Preto Cria recebe prêmio em Portugal por homenagear mães de crianças autistas. **Jornal da Franca**, 22 set. 2024. Disponível em: <https://www.jornaldafranca.com.br/rapper-preto-cria-recebe-premio-em-portugal-por-homenagear-maes-de-criancas-autistas/>. Acesso em: 13 maio 2025.

SPOSITO, M. P., CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-37, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

STEPAN, A. Para uma nova análise comparativa do federalismo e da democracia: federações que restringem ou ampliam o poder da Demos. **Dados**, v. 42, n. 2, p. 197-251, 1999.

STILL, C. Preto Cria: artista independente no Vitamina Podcast – Celebrando o RAP Consciente. **Portal FNT**, 6 out. 2023. Disponível em: <https://portalfnt.com.br/preto-cria-artista-independente-no-vitamina-podcast-celebrando-o-rap-consciente/>. Acesso em: 13 maio 2025.

SWANK, D. Political institutions and welfare state restructuring. In: PIERSON, P. (Org.). **The new politics of the Welfare State**. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 197-237.

TALLES, H. Rapper francano Preto Cria lança clipe para marcar mês do autismo. **GCN**, 11 abr. 2024. Disponível em: <https://sampi.net.br/franca/noticias/2826447/franca-e-regiao/2024/04/rapper-francano-preto-cria-lanca-clipe-para-marcar-mes-do-autismo->. Acesso em: 13 maio 2025.

TAVEIRA, H. Clipe de rapper francano bate 500 mil visualizações: ‘Um feito inédito’. **GCN**, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://sampi.net.br/franca/noticias/1695632/celebs/2021/03/clipe-de-rapper-francano-bate-500-mil-visualizacoes-um-feito-inedito>. Acesso em: 13 maio 2025.

TAVEIRA, H. ‘Esse vazio’ é novo clipe de rapper francano. **GCN**, 7 jul. 2021. Disponível em: <https://sampi.net.br/franca/noticias/1699663/celebs/2021/07/esse-vazio-e-novo-clipe-de-rapper-francano>. Acesso em: 13 maio 2025.

TEATRO Municipal recebe a final de ‘A Mais Bela Voz – Adulto’, neste domingo. **Notícias de Franca, a sua Folha**, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://noticiasdefranca.com.br/local/teatro-municipal-recebe-a-final-de-a-mais-bela-voz-adulto-neste-domingo/>. Acesso em: 13 maio 2025.

TIETÊ. **Semana Cornélio Pires**: histórico e homenagens. Arquivo Cultural Municipal: Tietê, 1996.

VARGAS, J. H. C. **Cidadãos de segunda classe**: raça, criminalização e hierarquias sociais no Brasil contemporâneo. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

VENCEDORES Festival Cereja Portugal – 2024. **Galleriespt**, 2024. Disponível em: <https://festivalcereja.com/f/vencedores-do-festival-cereja-em-portugal-com-a-galleriesptGCN>. Acesso em: 15 fev. 2025.

VIDEOCLÍPE de rapper francano que homenageia mães de autistas ganha prêmio em Portugal. **Portal Hertz Notícias**, 20 set. 2024. Disponível em: <https://hertznoticias.com.br/videoclipe-de-rapper-francano-que-homenageia-maes-de-autistas-ganha-premio-em-portugal/>. Acesso em: 13 maio 2025.

VIOLA, K. **A cultura do rap e as narrativas do subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Título: Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais

Descrição do projeto

O projeto *Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais* visa a criar um curta-metragem que explore momentos importantes de personalidades negras que se destacaram na história cultural de Franca, e que também tiveram protagonismo em espaços educativos e políticos que, direta e indiretamente, têm influência no desenvolvimento cultural e na oferta de possibilidades de inclusão cultural aos diversos grupos sociais.

A ideia central do curta-metragem, pois, é contar esses momentos, destaques e situações de protagonismo que as diversas personalidades negras que se fizeram e se fazem presentes na história de Franca atuaram, com depoimentos dessas próprias pessoas, quando possível, e de relatos que permitam compreender ou revisitar seus feitos e suas conquistas.

Em uma rápida pesquisa e revisada no estado da arte das pessoas negras em Franca que contribuíram para a cultura, educação e política, e que podem participar da produção do curta-metragem, encontramos várias personalidades, algumas notórias, outras fundamentais em seus núcleos, cujas histórias merecem registro em um projeto como o aqui proposto.

Apenas em caráter ilustrativo, podemos destacar o poeta Carlos de Assumpção e a professora universitária Marley Borges; o presidente da Escola de Samba Ases do Ritmo, Regis Augusto Rosa; o Mestre da Bateria da Escola de Samba Pique Brasileiro Leões da Zona Norte Carlos Alberto Souza; o cantor de RAP Preto Cria, o músico e artista plástico Elias BlackLus, a produtora cultural Eliara Alves, a professora, ex-Secretária de Educação e uma das primeira militantes do movimento negro em Franca, Mariana Rosa, a radialista Rose Moraes, a trancista e uma das idealizados do Espaço Creoulla, Luciana Cunha; o promotor aposentado, escritor e membro da Academia de Letras Francana, José Lourenço; o artista plástico premiado internacionalmente Eduardo Carvalho; o cantor Diego Figueiredo; o principal expoente

da cultura hip hop de Franca e membro do Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Franca, Carlos Eduardo da Silva; dentre outros.

Todos esses nomes tem em comum a presença, o pioneirismo e o protagonismo negro, caso a caso, em suas áreas de atuação, que vão do fornecimento de espaços de serviço de beleza para a mulher negra ao posicionamento em conselhos diretamente envolvidos com políticas públicas; de atuação acadêmica à música e à cultura do samba e do RAP.

Dessa forma, o curta-metragem a ser produzido pretende contar histórias de protagonismo negro por meio de breves entrevistas, que terão como parte lideranças e personalidades negras que aceitem participar do projeto, além de relatos de pessoas negras que fazem parte de espaços culturais e políticos de Franca como pontos de cultura, COMDECON, grupos culturais do hip hop, das escolas de samba, etc.

Tudo isso com o objetivo de discutir sobre a cultura local e os espaços ocupados no cenário cultural pelos negros ao longo das últimas décadas e também os desafios que isso representa na atualidade, especialmente na necessidade de maior desenvolvimento de políticas públicas culturais voltadas para o reconhecimento, preservação e promoção da cultura afrodescendente e o combate ao racismo e desigualdade racial.

O projeto entende que esse material não somente contribuirá no sentido de agregar histórias da atuação e do protagonismo negro em Franca, mas também que o desenvolvimento desse produto audiovisual contribuirá para a promoção da diversidade cultural e valorização das contribuições dos negros para a cultura francana, que pode, inclusive, motivar pessoas negras e jovens negros ao envolvimento com cultura, educação e atividades que contribuem para a inclusão e o desenvolvimento da sociedade francana.

O objetivo principal do projeto é destacar a contribuição dessas pessoas na compreensão das questões da cultura e diversidade racial e apresentar sua importância na história cultural de Franca. Ao destacar as realizações de personalidades negras em Franca, reconhecemos a diversidade cultural e étnica da cidade.

Isso ajuda a quebrar estereótipos e demonstrar que a história e a cultura de Franca foram enriquecidas pela contribuição de diferentes grupos étnicos, incluindo a comunidade negra, o que pode motivar pessoas e jovens negros a se envolverem na

cultura, na educação e em atividades que contribuem para o desenvolvimento da sociedade.

Registrar e compartilhar a trajetória, a importância e os feitos de personalidades negras é fundamental para a preservação da história local. Esses relatos muitas vezes não são devidamente documentados, e seu registro, como pretendido no projeto, ajuda a garantir que essas contribuições não se percam no tempo.

Em suma, contar histórias de personalidades negras de Franca que desempenharam papéis importantes na difusão cultural e na luta contra o racismo é essencial para promover a igualdade, celebrar a diversidade e inspirar as futuras gerações. Essas histórias têm poder de educar, conscientizar e criar impacto duradouro na comunidade.

Objetivos do projeto

- Produzir um curta-metragem de entrevistas e relatos com personalidades negras de Franca que contribuam para o entendimento e discussão da cultura local e dos espaços ocupados pela comunidade negra no cenário cultural ao longo das últimas décadas;
- Refletir sobre a contribuição dos negros nas diversas áreas da cultura, tais como literatura, música, artes plásticas, e também nas áreas de educação, ensino e política, discutindo a relação entre a cultura e as políticas culturais voltadas para o reconhecimento, preservação e promoção da cultura afrodescendente e o combate ao racismo e desigualdade racial em Franca;
- Desenvolver material audiovisual que contribua para a promoção da diversidade cultural e a valorização das contribuições dos negros para a cultura francana e que possa motivar pessoas e jovens negros a se envolverem na cultura, na educação e em atividades que contribuem para o desenvolvimento da sociedade francana.

Metas

- Meta 1 – PESQUISA: realizar estudo, pesquisa e levantamento de dados de personalidades negras de Franca e formalizar convite para participação no curta-metragem.

- Meta 2 – PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM: produzir 01 curta-metragem de 28 a 30 minutos sobre a participação dos negros na cultura francana por meio de entrevistas, relatos e inserção de algumas fotografias.
- Meta 3 – GARANTIA DE ACESSIBILIDADE: inserir no curta-metragem legenda e tradução em LIBRAS feita com profissional habilitado para assegurar às pessoas com deficiência acesso à cultura e inclusão social.
- Meta 4 – DISTRIBUIÇÃO, DEMOCRATIZAÇÃO DE ACESSO E CONTRAPARTIDA: distribuir o curta-metragem gratuitamente por meio da internet (canais do Youtube e redes sociais), televisão (Canal 3 Net Franca); 30 DVDs destinados à órgãos culturais e 500 panfletos enviados às escolas do ensino fundamental e médio de Franca, informando sobre o conteúdo e produção do curta-metragem e indicando os locais físicos e links da internet onde o mesmo encontra-se disponível, inclusive com inserção de QR Code que já redirecione para o site de acesso ao produto audiovisual.

Perfil do público a ser atingido pelo projeto

O público alvo do projeto são as pessoas negras de diferentes faixas etárias, escolaridade e classes sociais de Franca, por tratar-se de temática com foco na valorização da participação dos negros na cultura francana. Entretanto, toda a população do Município de Franca será direta ou indiretamente beneficiada, uma vez que o conteúdo do curta-metragem é de interesse comum e pode ser utilizado para diferentes finalidades por parte da população e até mesmo do poder público no desenvolvimento de políticas culturais que valorizem a diversidade dos grupos sociais.

Medidas de acessibilidade empregadas no projeto

- Intérprete de libras
- Legendas
- Linguagem simples

Informe como essas medidas de acessibilidade serão implementadas ou disponibilizadas de acordo com o projeto proposto.

Como se trata de um produto audiovisual, as medidas de acessibilidade propostas, compatíveis ao valor solicitado para o custeio de todo o desenvolvimento do projeto, são a inserção de legendas e a interpretação em LIBRAS.

Local onde o projeto será executado

O projeto será executado no Município de Franca, Estado de São Paulo. As entrevistas e depoimentos serão gravados em estúdio da empresa de produção audiovisual GRS Comercial de Franca LTDA que faz parte da equipe técnica do projeto e será responsável pela edição do material

Previsão do período de execução do projeto

Data de início: 10/01/2024

Data final: 30/09/2024

Equipe

Informe quais são os profissionais que atuarão no projeto, conforme quadro a seguir:

Nome do profissional / Empresa	Função no projeto	CPF/ CNPJ	Pessoa negra?	Pessoa indígena?	Pessoa com deficiência?
Denir Alves de Souza – Proponente	Coordenação geral, realização de pesquisa sobre personalidades negras de Franca que contribuíram para a história e cultura local, realização das entrevistas em estúdio, coleta de depoimentos diversos, acompanhamento de todas as fases de produção do curta-metragem, elaboração	056.119.296-05	Sim	Não	Não

	e coordenação de estratégias de publicidade, propaganda e distribuição do curta-metragem, incluindo as questões referentes ao manual de aplicação de marcas do MinC, Prefeitura de Franca e FEAC				
Ana Paula da Silva	Pesquisa histórica sobre a participação dos negros na cultura, educação e política do Município de Franca, com produção de conteúdo que direcione as entrevistas e eixo central do curta-metragem	075.826.246-96	Não	Não	Não
André Brunetti Suzuki	Elaboração de roteiro, direção geral e acompanhamento de todas as fases de produção do curta-metragem, incluindo edição final		Não	Não	Não
Jorge Brunetti Suzuki	Assessoria e consultoria jurídica na escrita de cartas de aceite, questões de direitos autorais e marcas, exposição de imagens e demais assuntos jurídicos correlacionados ao projeto	303.933.798-09	Não	Não	Não
GRS Comercial de Franca LTDA	Captação de imagens em estúdio e gravações diversas, edição completa do produto audiovisual com inserção das medidas de acessibilidade propostas, gravação do curta-metragem	10.272.906/0001-19	Não	Não	Não

	em DVDs e recorte de trecho de 2 minutos para divulgação em redes sociais				
--	---	--	--	--	--

Cronograma de Execução

Atividade Geral	Etapas	Descrição	Início	Fim
Levantamento de dados	Pré-Produção	Realização de pesquisa sobre personalidades negras de Franca que contribuíram para a história e cultura local e de pessoas da comunidade para pequenos depoimentos, formalizando os convites para participação no curta-metragem	10/01/2024	29/02/2024
Pesquisa	Pré-Produção	Pesquisa histórica sobre a participação dos negros na cultura, educação e política do Município de Franca, com produção de conteúdo que direcione as	10/01/2024	10/02/2024

		entrevistas e eixo central do curta-metragem		
Trabalho em equipe	Pré-Produção	Reuniões periódicas com toda a equipe do projeto para discussões sobre os levantamentos realizados e seleção de materiais que possam servir à realização do curta-metragem	20/01/2024	29/02/2024
Elaboração de roteiro	Produção	Elaboração de um roteiro coerente, adequado ao tempo do curta-metragem e ao conteúdo a ser produzido, incluindo a ordem das gravações e depoimentos de acordo com o eixo central do curta-metragem	01/03/2024	15/03/2024
Elaboração de documentos jurídicos	Produção	Preparação de todos os documentos legais	01/03/2024	15/03/2024

		necessários para a realização das entrevistas e depoimentos		
Realização das entrevistas e depoimentos diversos	Produção	Realização das filmagens em estúdio e captação de depoimentos	16/03/2024	30/04/2024
Edição preliminar	Produção	Edição parcial do curta-metragem realizada pela empresa de produção audiovisual a partir do previsto no roteiro e material produzido	01/05/2024	31/05/2024
Revisão da edição preliminar feita pela proponente e pelo roteirista/diretor geral	Produção	Revisão e edição da produção audiovisual, sugerindo adequações, cortes ou acréscimos de cenas, imagens ou outros materiais e quaisquer	01/06/2024	15/06/2024

		outras correções		
Gravação da interpretação em LIBRAS	Produção	Gravação em estúdio da interpretação em LIBRAS realizada por profissional habilitado	16/06/2024	30/06/2024
Medidas de acessibilidade	Produção	Inserção das medidas de acessibilidade no curta-metragem: legendas e interpretação em LIBRAS	01/07/2024	15/07/2024
Edição final	Produção	Revisão e edição final do curta-metragem feita em conjunto por toda a equipe	16/07/2024	31/07/2024
Produção do material de divulgação e distribuição	Produção	Gravação do curta-metragem em 30 DVDs, recorte de 2 minutos do curta-metragem para publicação em redes sociais, elaboração e impressão de	01/08/2024	15/08/2024

		folder a ser impresso		
Distribuição, democratização de acesso e contrapartida	Pós-Produção	Distribuição do curta-metragem na internet (canais do Youtube e redes sociais), rede de televisão (Canal 3 da Net Franca), site do Grupo RS Brasil, 30 DVDs enviados a instituições culturais diversas e 500 folders direcionados a escolas e outras instituições indicando os locais físicos, QR Code e links de onde estão disponibilizados integralmente o curta-metragem	16/08/2024	15/09/2024
Prestação de contas	Pós-Produção	Elaboração do Relatório de Execução do Objeto e prestação de contas junto à FEAC	16/08/2024	30/09/2024

Estratégia de divulgação

Estratégia 1: Disponibilização do curta-metragem de forma integral nos canais do youtube da equipe do projeto e especialmente no “Franca Canal 3” (<https://www.youtube.com/@francacanal3729>), canal de propriedade intelectual da empresa GRS Comercial de Franca Ltda (integrante da equipe técnica do projeto), que foi criado desde julho de 2015, possui mais de 1.500 inscritos e conta com vídeos que já atingiram mais de 7 mil visualizações.

Estratégia 2: Exibição do curta-metragem em rede de televisão por meio do Canal 3 da NET Franca, único canal local de notícias e conteúdos e que foi criado há mais de 15 anos. O conteúdo disponibilizado no canal é de responsabilidade da empresa GRS Comercial de Franca Ltda, cuja carta de anuência para referida exibição encontra-se anexada aos documentos do projeto.

Estratégia 3: Disponibilização integral do curta-metragem no site do Grupo RS, cuja empresa GRS Comercial de Franca Ltda faz parte, sendo o Grupo RS considerado um dos melhores e maiores produtores de vídeos do Brasil, contando com filiais em São Paulo, Brasília, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e a matriz de Franca. O site conta com mais de 200 vídeos disponibilizados e milhares de acessos de toda a região.

Estratégia 4: recorte de 2 minutos do curta-metragem para divulgação no Reels do Instagram e Timeline do Facebook de todos os integrantes da equipe, com indicação do link do canal Franca Canal 3 no Youtube onde o curta-metragem estará disponível integralmente.

Estratégia 5: ainda que, atualmente, a mídia digital venha se sobrepondo à mídia física, acreditamos ser importante dar suporte material ao curta-metragem para que ele fique disponibilizado a diferentes públicos e formas de exibição e se perpetue no tempo. Assim, serão produzidas no mínimo 30 cópias em DVD a serem distribuídas em variadas instituições de cultura: bibliotecas públicas, faculdades, Fundação Esporte, Arte e Cultura de Franca (FEAC), Secretaria de Cultura, pontos de cultura, etc.

Estratégia 6: produção de no mínimo 500 folders informativos sobre o conteúdo e produção do curta-metragem, com indicação dos locais físicos, QR Code e links da internet onde o mesmo pode ser assistido integralmente. Esse material será distribuído em todas as escolas do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de Franca e instituições culturais diversas.

Contrapartida

A contrapartida social da produção do curta-metragem sobre a contribuição dos negros nas diversas áreas da cultura, educação e política de Franca trarão contrapartidas sociais importantes tanto para a comunidade negra quanto para a sociedade em geral, dentre as quais podemos citar:

- Promoção da diversidade cultural por meio da demonstração de como os negros ocuparam espaços importantes da cultura francana e trouxeram influências significativas, contribuindo dessa forma para a conscientização das pessoas sobre a importância da diversidade dos grupos étnicos para a história local;
- Combate ao preconceito e discriminação por meio da desconstrução de estereótipos que desvalorizam os negros, demonstrando como o grupo social tem influência positiva nas artes, cultura, educação e política francana;
- Fortalecimento da identidade e cultura negra realizada por meio da documentação das entrevistas e depoimentos que são representações positivas de histórias e superações e que promovem o sentimento de pertencimento e fortaleçam a autoestima e identidade cultural de crianças, jovens e adultos negros.
- Valorização da diversidade cultural francana por meio da documentação de entrevistas e relatos de pessoas influentes na cultura local com democratização de acesso será feita com a promoção de medidas de acessibilidade e distribuição do material na TV, internet e material informativo sobre diversas formas de acesso.

APÊNDICE B

RELATÓRIO DE EXECUÇÃO DO OBJETO

**RELATÓRIO DE EXECUÇÃO DO OBJETO – LEI COMPLEMENTAR
195/2022 – PAULO GUSTAVO
EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 12/2023 – PROCESSO Nº 59/2023**

FUNDAÇÃO ESPORTE, ARTE E CULTURA DE FRANCA – FEAC

1. DADOS DO PROJETO

Nome do projeto: Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais.

Nome do agente cultural proponente: Denir Alves de Souza

Nº do Termo de Execução Cultural: 21/23.

Vigência do projeto: 28 de fevereiro de 2024.

Valor repassado para o projeto: R\$20.000,00 (vinte mil reais).

Data de entrega desse relatório: 31 de março de 2025.

2. RESULTADOS DO PROJETO

2.1. Resumo:

A produção do curta-metragem “Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais” foi desenvolvido entre fevereiro de 2024 a fevereiro de 2025 e contou sobretudo com a realização de entrevistas com personalidades negras de Franca que falaram sobre assuntos diversos, cultura, política, trajetória cultural e expectativas em relação ao cenário cultural francano. As gravações ocorreram nos estúdios da empresa Dialeitou (Val Guedes Comunicação e Marketing Ltda.) e os entrevistados foram:

- Professor Carlos de Assumpção: dia 13 de junho de 2024;
- Professora Marley de Fátima Moraes Borges: dia 20 de junho de 2024;
- Artista Plástico Eduardo Carvalho: dia 04 de julho de 2024;
- Rapper Preto Cria (Luciano Tarcísio Ferreira): dia 15 de junho de 2024;
- B-Boy e arte-educador Carlos Eduardo da Silva: dia 13 de julho de 2024;
- Presidente da Escola de Samba Ases do Ritmo Régis Augusto Rosa: dia 29 de junho de 2024;

- Maquiadora e megahista Luciana dos Santos Cunha: dia 11 de julho de 2024. As entrevistas seguiram um roteiro realizado com antecedência de acordo com a trajetória de vida, trabalho e interação cultural de cada convidado. Após as gravações o material foi organizado, editado e distribuído conforme previsto no projeto aprovado. Os objetivos e metas do projeto foram cumpridos, como será demonstrado neste relatório, e o principal resultado foi a discussão sobre a cultura local e os espaços ocupados no cenário cultural pelos negros ao longo das últimas décadas e também os desafios que isso representa na atualidade, especialmente na necessidade de maior desenvolvimento de políticas públicas culturais voltadas para o reconhecimento, preservação e promoção da cultura afrodescendente e o combate ao racismo e desigualdade racial.

2.2. As ações planejadas para o projeto foram realizadas?

- (X) Sim, todas as ações foram feitas conforme o planejado.
- () Sim, todas as ações foram feitas, mas com adaptações e/ou alterações.
- () Uma parte das ações planejadas não foi feita.
- () As ações não foram feitas conforme o planejado.

2.3. Ações desenvolvidas

Todas as ações previstas no projeto foram desenvolvidas e seguiram as seguintes etapas de desenvolvimento:

2.3.1_Planejamento e Pré-Produção:

Definição dos entrevistados e locais de gravações – Etapa realizada pela equipe do projeto no mês de fevereiro de 2024 após pesquisas sobre personalidades negras de Franca, convites e aceites. Para a definição dos entrevistados foram consideradas especialmente a sua trajetória cultural e relação com Franca.

Pesquisa, levantamento de dados e informações e escrita de roteiro e estrutura narrativa – Etapa realizada pela historiadora Ana Paula da Silva no período de fevereiro e março de 2024. Foram consideradas as informações sobre os entrevistados, a trajetória cultural de cada um, sua relação com o Município de Franca, os objetivos, metas e público alvo do projeto.

* *Escrita do roteiro das entrevistas* – Etapa realizada pela historiadora Ana Paula da Silva e pela publicitária Denir Alves de Souza no período de abril de 2024. Considerando o roteiro geral as profissionais elaboram as perguntas que as entrevistas realizadas.

* *Planejamento técnico* – Etapa realizada pela equipe de filmagens da Dialeitou e a publicitária Denir Alves de Souza no mês de maio de 2024. A etapa envolveu a escolha das datas, locais e definição dos equipamentos necessários para as gravações (câmeras, microfones, iluminação, etc.).

* *Verificação e produção das permissões de uso de som e imagem necessárias* – Etapa realizada pelo advogado Jorge Brunetti Suzuki no mês de maio de 2024.

2.3.2 Produção

* *Gravação das entrevistas em estúdio de acordo com o roteiro elaborado* – Etapa realizada pelos profissionais da Dialeitou e pela proponente nos meses de junho e julho de 2024.

* *Transcrição das entrevistas realizadas* – Etapa realizada pela equipe da Dialeitou, pela historiadora Ana Paula da Silva e pela proponente no mês de setembro de 2024. O objetivo foi facilitar a edição e posterior inserção de legendas.

* *Captação audiovisual da narração que antecede cada entrevista* – Etapa realizada pela equipe da Dialeitou no mês de outubro de 2024.

2.3.3 Pós-Produção

* *Organização do material* – Etapa realizada pela equipe da Dialeitou nos meses de agosto a outubro de 2024. Seleção das melhores tomadas e entrevistas.

* *Edição de vídeo* – Etapa realizada pela equipe da Dialeitou nos meses de outubro e novembro de 2024. Montagem preliminar do curta-metragem seguindo o roteiro prédefinido.

* *Revisão conjunta da equipe* – Etapa realizada junto com toda a equipe técnica no mês de novembro de 2024. O objetivo foi a realização de ajustes necessários.

* *Inserção de medidas de acessibilidade* – Etapa realizada pela equipe da Dialeitou no mês de novembro de 2024. Foi realizada gravação em estúdio da tradução em libras e inserção da mesma no curta-metragem, juntamente com a legenda.

2.3.4. Finalização e distribuição

* *Renderização* – Etapa realizada pela equipe da Dialeitou no mês de dezembro de 2024. Realização do tratamento digital da imagem e som do curta-metragem e exportação do vídeo nos formatos adequados para exibição na internet e TV.

* *Revisão final* – Etapa realizada por toda a equipe do projeto em dezembro de 2024.

Verificação pela equipe se todos os elementos ficaram sincronizados e sem erros.

* *Produção de material de divulgação* – Etapa realizada pela equipe da Dialeitou no mês de dezembro de 2024. Corte de 3m21s para divulgação do curta-metragem em redes sociais (Instagram, Facebook e Whatsapp).

* *Gravação de DVDs* – Etapa realizada por profissional terceirizado no mês de dezembro de 2024. Foram produzidas 30 cópias de DVDs enviadas para instituições culturais e educativas diversas.

* *Produção de panfletos* – Etapa realizada por gráfica terceirizada em dezembro de 2024. Foram impressos 500 panfletos de divulgação com QR-Code que redireciona para endereço do Youtube onde o curta-metragem está disponibilizado integralmente.

* *Distribuição* – Etapa realizada pela proponente e toda a equipe entre os meses de dezembro de 2024 e fevereiro de 2025. Essa parte do projeto envolveu o upload do curtametragem no canal de Youtube da Dialeitou, divulgação via redes sociais (Instagram, Facebook e Whatsapp) do corte de 3m21s do curta-metragem, transmissão integral do curta-metragem na TV Franca Canal 23, distribuição dos panfletos e DVDs produzidos.

2.4. Cumprimento das Metas

Todas as metas do projeto foram executadas e o cronograma de execução cumprido, ainda que com alterações nos prazos inicialmente previstos no projeto, mas dentro do prazo geral de execução previsto pela FEAC.

- Meta 1 – PESQUISA: realizar estudo, pesquisa e levantamento de dados de personalidades negras de Franca e formalizar convite para participação no curtametragem.

Observação da meta 1: integralmente cumprida, conforme descrito anteriormente no detalhamento do item “2.3 Ações desenvolvidas” deste relatório.

- Meta 2 – PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM: produzir 01 curta-metragem de 28 a 30 minutos sobre a participação dos negros na cultura francana por meio de entrevistas, relatos e inserção de algumas fotografias.

Observação da meta 2: integralmente cumprida, conforme descrito anteriormente no detalhamento do item “2.3 Ações desenvolvidas” deste relatório. O curta-metragem produzido teve duração de 52m25s a fim de melhor alcançar os objetivos e metas do projeto e explorar as falas de todos os participantes.

- Meta 3 – GARANTIA DE ACESSIBILIDADE: inserir no curta-metragem legenda e tradução em LIBRAS feita com profissional habilitado para assegurar às pessoas com deficiência acesso à cultura e inclusão social.

Observação da meta 3: integralmente cumprida, conforme descrito anteriormente no detalhamento do item “2.3 Ações desenvolvidas” deste relatório.

- Meta 4 – DISTRIBUIÇÃO, DEMOCRATIZAÇÃO DE ACESSO E CONTRAPARTIDA: distribuir o curta-metragem gratuitamente por meio da internet (canais do Youtube e redes sociais), televisão (Canal 3 Net Franca); 30 DVDs destinados à órgãos culturais e 500 panfletos enviados às escolas do ensino fundamental e médio de Franca, informando sobre o conteúdo e produção do curta-metragem e indicando os locais físicos e links da internet onde o mesmo encontra-se disponível, inclusive com inserção de QR Code que já redirecione para o site de acesso ao produto audiovisual.

Observação da meta 4: integralmente cumprida, conforme descrito anteriormente no detalhamento do item “2.3 Ações desenvolvidas” deste relatório.

3. PRODUTOS GERADOS

3.1. A execução do projeto gerou algum produto?

(X) Sim () Não

3.1.1. Quais produtos culturais foram gerados?

(X) Publicação: 500 panfletos informativos sobre o curta-metragem produzido.

(X) Vídeo: 1 vídeo curto de 3m21s.

(X) Filme: 1 curta-metragem de 52m25s.

3.1.2. Como os produtos desenvolvidos ficaram disponíveis para o público após o fim do projeto?

Os panfletos foram distribuídos para 100 instituições culturais e de ensino diversas e para os 6 entrevistados; o vídeo curto de divulgação, de 3m21s, foi utilizado para divulgação em redes sociais como Whatsapp, Instagram e Facebook pelos membros da equipe; o filme do curta-metragem foi disponibilizado integralmente no canal da Dialeitou no Youtube, exibido duas vezes no dia 07 de janeiro de 2025 no TV Franca – Canal 23 e as 30 cópias de DVDs gravadas foram distribuídas em instituições culturais como bibliotecas públicas, faculdades, Secretaria de Cultura), pontos de cultura, etc. Além disso o curta-metragem também está disponibilizado no canal de Youtube da TV Franca – Canal 23 e replicado no canal de Youtube da Prefeitura de Franca.

3.2. Quais foram os resultados gerados pelo projeto?

- Produção de um curta-metragem de entrevistas e relatos com personalidades negras de Franca que contribuem para o entendimento e discussão da cultura local e dos espaços ocupados pela comunidade negra no cenário cultural ao longo das últimas décadas;
- Reflexão sobre a contribuição dos negros nas diversas áreas da cultura, tais como literatura, música, artes plásticas, e também nas áreas de educação, ensino e política, discutindo a relação entre a cultura e as políticas culturais voltadas para o reconhecimento, preservação e promoção da cultura afrodescendente e o combate ao racismo e desigualdade racial em Franca;
- Desenvolvimento de material audiovisual que contribui para a promoção da diversidade cultural e a valorização das contribuições dos negros para a cultura francana e motiva pessoas e jovens negros a se envolverem na cultura, na educação e em atividades que contribuem para o desenvolvimento da sociedade francana.
- Visibilidade para a produção audiovisual local, cumprindo a função essencial da Lei Paulo Gustavo e demonstrando que empresas de produção audiovisual como a Dialeitou possuem qualificação técnica e recursos humanos para a produção de materiais diversificados, atrativos e inéditos.

3.2.1 Pensando nos resultados finais gerados pelo projeto, você considera que ele

- (X) Desenvolveu processos de criação, de investigação ou de pesquisa.
- (X) Desenvolveu estudos, pesquisas e análises sobre o contexto de atuação.
- (X) Colaborou para manter as atividades culturais do coletivo.
- (X) Fortaleceu a identidade cultural do coletivo.
- () Promoveu as práticas culturais do coletivo no espaço em que foi desenvolvido.
- () Promoveu a formação em linguagens, técnicas e práticas artísticas e culturais.
- () Ofereceu programações artísticas e culturais para a comunidade do entorno. (X) Atuou na preservação, na proteção e na salvaguarda de bens e manifestações culturais.

4. PÚBLICO ALCANÇADO

No canal do Youtube da Dialeto o curta-metragem teve, até a data de elaboração deste relatório, 65 visualizações. Já no período de exibição no TV Franca Canal 23 estima-se que houve cerca de 400 telespectadores. Fora isso, os panfletos de divulgação do curtametragem foram entregues em todas as escolas do ensino fundamental e médio de Franca, com potencial para atingir milhares de alunos e professores, além daqueles que foram distribuídos em instituições culturais diversas. Finalmente, o curta-metragem foi compartilhado recentemente no canal de Youtube da Prefeitura de Franca e teve 14 visualizações. No canal da TV Franca – Canal 23 o curta-metragem teve 82 visualizações.

5. EQUIPE DO PROJETO

5.1 Quantas pessoas fizeram parte da equipe do projeto?

Diretamente foram 04 pessoas que fizeram parte da equipe, além da Dialeto que se trata de pessoa jurídica.

5.2 Houve mudanças na equipe ao longo da execução do projeto?

- () Sim (X) Não

Observação: o roteirista André Brunetti Susuki, previsto na equipe técnica do projeto aprovado, afastou-se (por motivos pessoais) da execução do projeto aprovado antes mesmo dele começar a ser executado. Suas atribuições foram incorporadas pelo

restante da equipe. A empresa GRS Comercial de Franca LTDA, prevista na equipe técnica do projeto aprovado, também não chegou a iniciar sua participação no projeto por incompatibilidade de agendas, sendo substituída sem prejuízos pela empresa Val Guedes Comunicação e Marketing Ltda (Dialeitou).

5.3 Informe os profissionais que participaram da execução do projeto

Nome do Profissional / empresa	Função no projeto	CPF/CNPJ	Pessoa negra?	Pessoa indígena?	PCD?
Denir Alves de Souza	Proponente; coordenação geral; escrita de roteiro; realização de entrevistas presentes no curtametragem; responsável pela elaboração e coordenação de estratégias de publicidade, propaganda e distribuição, incluindo aplicação de marcas do MinC, Prefeitura de Franca e FEAC; intermediação com profissionais terceirizados para gravação dos DVDs, impressão dos panfletos, exibição em canal de TV e acompanhamento e revisão de todas as etapas do projeto	056.119.296-05	Sim	Não	Não
Val Guedes Comunicação e Marketing Ltda (Dialeitou)	Gravação das entrevistas em estúdio próprio, seleção de material, edição e revisão do curta-metragem, inserção das medidas de acessibilidade propostas, renderização, recorte de trecho de 3m21 para divulgação em redes sociais, acompanhamento e revisão de todas as etapas do projeto	50.688.148/0001-72	Não	Não	Não

Ana Paula da Silva (Sempre-Viva Assessoria)	Assistente geral, realização de pesquisa sobre os entrevistas e sua relação com o objeto do projeto, elaboração de roteiro, intermediação com profissionais terceirizados para produção de artes diversas e elaboração dos panfletos, acompanhamento	075.826.246-96	Não	Não	Não
	e revisão de todas as etapas do projeto				
Jorge Brunetti Suzuki (Sempre-Viva Assessoria)	Assessoria e consultoria jurídica na escrita de cartas de aceite, questões de direitos autorais e marcas, exposição de imagens e demais assuntos jurídicos correlacionados ao projeto, acompanhamento e revisão de todas as etapas do projeto	303.933.798-09	Não	Não	Não

6. LOCAIS DE REALIZAÇÃO

6.1 De que modo o público acessou a ação ou o produto cultural do projeto?

- () 1. Presencial.
 (X) 2. Virtual.
 () 3. Híbrido (presencial e virtual).

6.2 Quais plataformas virtuais foram usadas?

(X) Youtube

6.3 Informe aqui os links dessas plataformas:

<https://www.youtube.com/watch?v=W7R7uRmgutw> (canal da Dialeitou, com mais de 16 mil inscritos);

<https://www.youtube.com/watch?v=HFwITz43J0M> (Canal da TV Franca – Canal 23, com mais de 13 mil inscritos);

<https://www.youtube.com/watch?v=JstGzNjba1U> (replicado no canal da Prefeitura de Franca, com mais de 700 inscritos).

6.4 De que forma aconteceram as ações e atividades presenciais do projeto?

- (X) 1. Fixas, sempre no mesmo local.
- () 2. Itinerantes, em diferentes locais.
- () 3. Principalmente em um local base, mas com ações também em outros locais.

6.5 Em quais municípios o projeto aconteceu?

Franca-SP.

6.6 Em que área do município o projeto foi realizado?

- (X) Zona urbana central.

6.7 Onde o projeto foi realizado?

- (X) Outros – ESTÚDIO DE GRAVAÇÕES.

7. DIVULGAÇÃO DO PROJETO

- disponibilização integral do curta-metragem canal de Youtube da Dialeitou e da TV Franca – Canal 23;
- Exibição do curta-metragem em rede de televisão por meio da TV Franca Canal 23, em dois horários distintos, no dia 07 de janeiro de 2025;
- Divulgação do corte de 3m21s do curta-metragem em redes sociais como Whatsapp, Instagram e Facebbok da equipe, com indicação do link do canal da Dialeitou no Youtube onde o curta-metragem está disponível integralmente;
- Produção e distribuição de 30 cópias em DVD em variadas instituições de cultura: bibliotecas públicas, faculdades, conselhos municipais, responsáveis dos eventos e atrativos culturais filmados, Secretaria de Cultura, pontos de cultura, etc.
- Produção de 500 folders informativos sobre o conteúdo e produção do curtametragem, com indicação do QRCode e link da internet onde o mesmo pode ser assistido integralmente. O material foi distribuído em todas as escolas

do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de Franca e instituições culturais diversas.

8. CONTRAPARTIDA

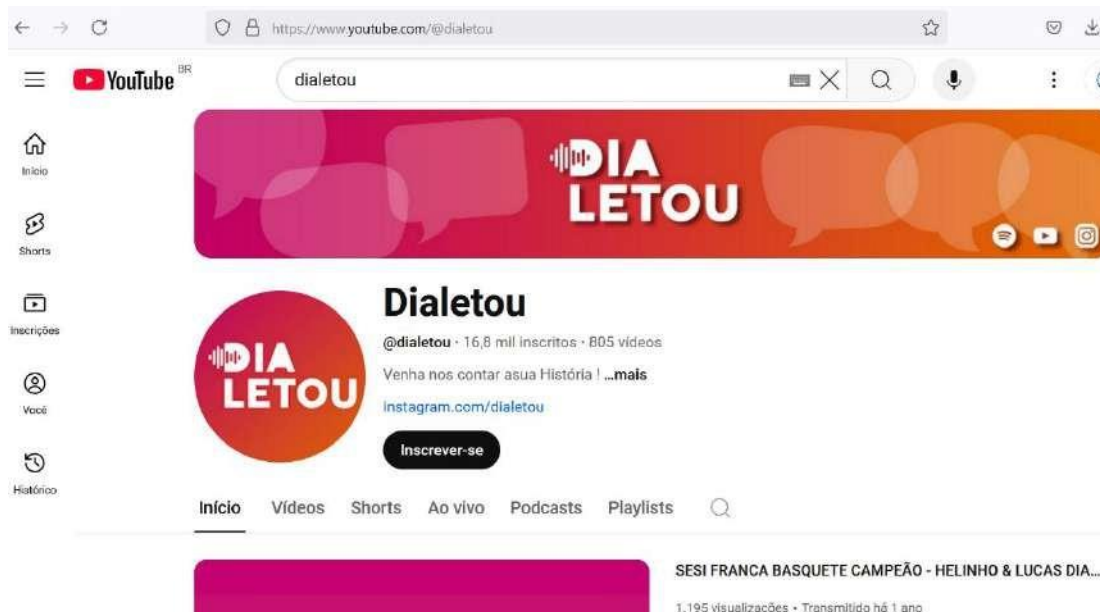
- Promoção da diversidade cultural por meio da demonstração de como os negros ocuparam espaços importantes da cultura francana e trouxeram influências significativas, contribuindo dessa forma para a conscientização das pessoas sobre a importância da diversidade dos grupos étnicos para a história local;
- Combate ao preconceito e discriminação por meio da desconstrução de estereótipos que desvalorizam os negros, demonstrando como o grupo social tem influência positiva nas artes, cultura, educação e política francana;
- Fortalecimento da identidade e cultura negra realizada por meio da documentação das entrevistas e depoimentos que são representações positivas de histórias e superações e que promovem o sentimento de pertencimento e fortaleçam a autoestima e identidade cultural de crianças, jovens e adultos negros;
- Valorização da diversidade cultural francana por meio da documentação de entrevistas e relatos de pessoas influentes na cultura local com democratização de acesso será feita com a promoção de medidas de acessibilidade e distribuição do material na TV, internet e material informativo sobre diversas formas de acesso.

9. TÓPICOS ADICIONAIS

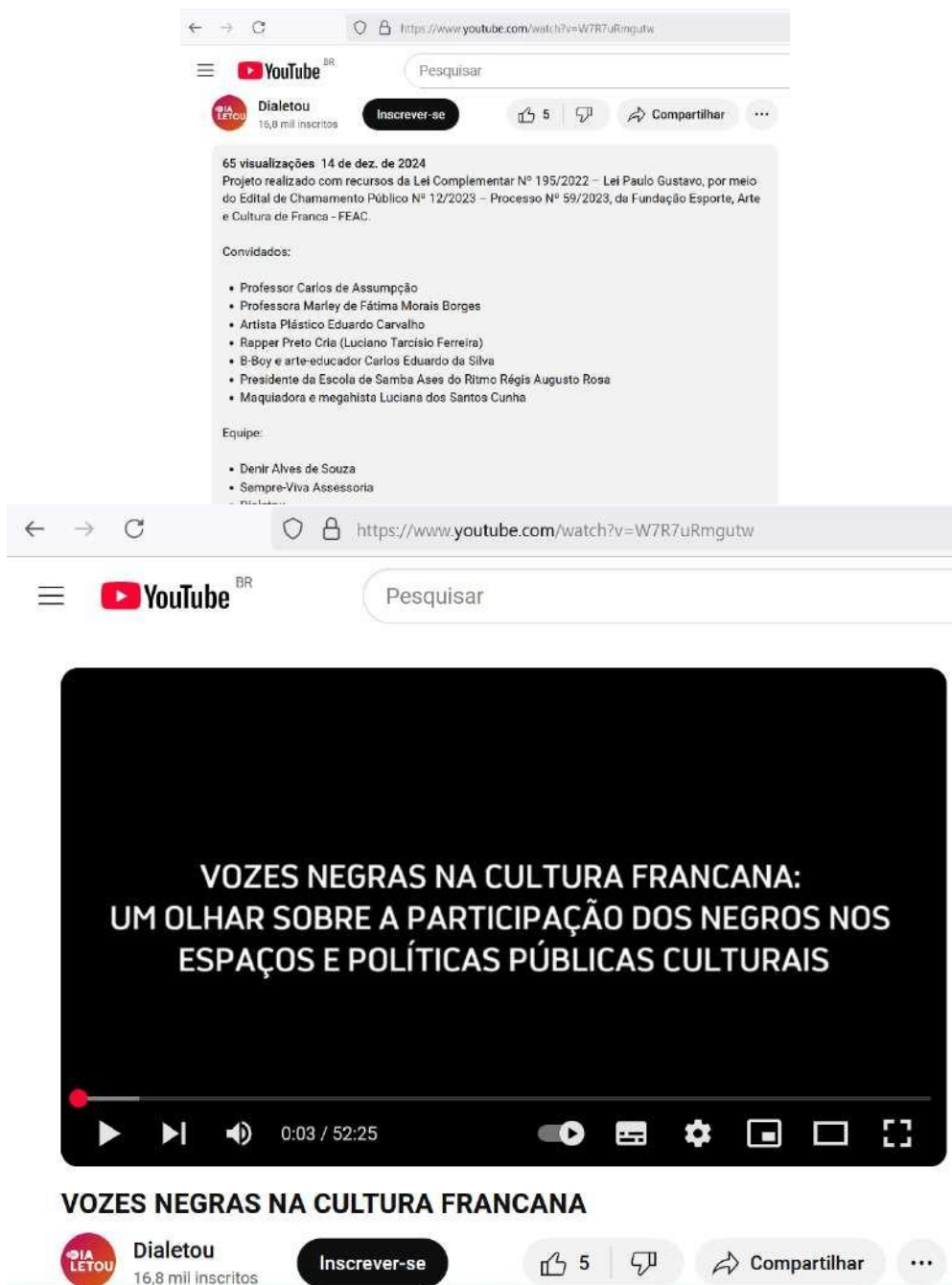
Sem informações adicionais a serem informadas.

COMPROVAÇÃO DE PRODUÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DO CURTAMETRAGEM

Canal da Dialeitou onde o curta-metragem *Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais* foi disponibilizado: <https://www.youtube.com/@dialeitou>



Link específico onde o curta-metragem *Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais* foi disponibilizado desde 14 de dezembro de 2024: <https://www.youtube.com/watch?v=W7R7uRmqutw>



The screenshot displays a YouTube video player interface. At the top, the browser address bar shows the URL <https://www.youtube.com/watch?v=W7R7uRmgutw>. The YouTube header includes the logo, a search bar, and navigation icons. The video player itself has a black background with white text that reads: "VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NOS ESPAÇOS E POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS". Below the video, the channel name "DialetoU" is visible, along with its subscriber count "16,8 mil inscritos" and a button to "Inscrever-se". The video's engagement metrics show 5 likes and a "Compartilhar" (Share) button. The video player controls at the bottom indicate a duration of 0:03 / 52:25.

65 visualizações · 14 de dez. de 2024

Projeto realizado com recursos da Lei Complementar Nº 195/2022 – Lei Paulo Gustavo, por meio do Edital de Chamamento Público Nº 12/2023 – Processo Nº 59/2023, da Fundação Esporte, Arte e Cultura de Franca - FEAC.

Convidados:

- Professor Carlos de Assumpção
- Professora Marley de Fátima Moraes Borges
- Artista Plástico Eduardo Carvalho
- Rapper Preto Cria (Luciano Tarcísio Ferreira)
- B-Boy e arte-educador Carlos Eduardo da Silva
- Presidente da Escola de Samba Ases do Ritmo Régis Augusto Rosa
- Maquiadora e megahista Luciana dos Santos Cunha

Equipe:

- Denir Alves de Souza
- Sempre-Viva Assessoria

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA:
UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NOS
ESPAÇOS E POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA

DialetoU
 16,8 mil inscritos

Inscrever-se

5

Compartilhar

Curta-metragem com total de 52m25s

← → ↺ <https://www.youtube.com/watch?v=W7R7uRmgutw>

☰ YouTube ^{BR} Pesquisar

FEAC Fundação Esporte, Arte e Cultura

BRASIL

LEI PAULO GUSTAVO

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

0:21 / 52:25

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA

Dialetou
16,8 mil inscritos

Inscriver-se

5

Compartilhar

Régua de marcas obrigatórias

← → ↺ <https://www.youtube.com/watch?v=W7R7uRmgutw>

☰ YouTube ^{BR} Pesquisar

a gente não tinha livro em casa.

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA

Dialetou
16,8 mil inscritos

Inscriver-se

5

Compartilhar

Trecho com entrevista com Professor Carlos de Assumpção

← → ↻ <https://www.youtube.com/watch?v=W7R7uRmgutw>

☰ YouTube ^{BR} Pesquisar



VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA

 **DialetoU**
16,8 mil inscritos

[Inscrever-se](#)  5  [Compartilhar](#) 

Trecho com entrevista com Professora Marley de Fátima Moraes Borges

← → ↻ <https://www.youtube.com/watch?v=W7R7uRmgutw>

☰ YouTube ^{BR} Pesquisar

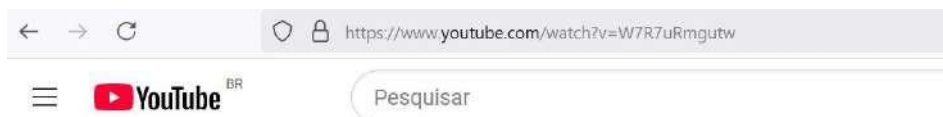


VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA

 **DialetoU**
16,8 mil inscritos

[Inscrever-se](#)  5  [Compartilhar](#) 

Trecho com entrevista do Artista Plástico Eduardo Carvalho



VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA



DialetoU

16,8 mil inscritos

Inscriver-se

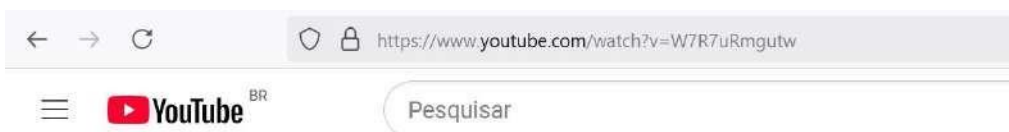
5



Compartilhar



Trecho com entrevista do Rapper Preto Cria (Luciano Tarcísio Ferreira)



VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA



DialetoU

16,8 mil inscritos

Inscriver-se

5



Compartilhar



Trecho com entrevista do B-Boy e arte-educador Carlos Eduardo da Silva



Trecho com entrevista do Presidente da Escola de Samba Ases do Ritmo Régis Augusto Rosa

← → ↻ https://www.youtube.com/watch?v=W7R7uRmgutw

☰ YouTube^{BR} Pesquisar



e ela já tinha levado a menina em alguns lugares

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA

 **DialetoU**
16,8 mil inscritos

Inscriver-se

 5 

 **Compartilhar** ...

Trecho com entrevista com maquiadora e megahista Luciana dos Santos Cunha

DECLARAÇÃO DE EXIBIÇÃO DO CURTA-METRAGEM NO TV FRANCA CANAL 23



DECLARAÇÃO DE EXECUÇÃO

Franca, 26 de fevereiro de 2025

Declaramos para os devidos fins que se fizerem necessários, sob as penas do art. 299 do Código Penal Brasileiro, que esta empresa, VIDEO PRODUÇÕES LIPORONI LTDA, inscrita no CNPJ 21.698.080/0001-70, prestou os seguintes serviços de veiculação de programa audiovisual durante as datas e horários a seguir descritos, no Canal 23 da TV Franca, ficando ainda disponível no canal de Youtube, no seguinte link:

<<https://www.youtube.com/watch?v=HFwITz43J0M>>.

Data da Veiculação	Horário	Programa
07 de janeiro de 2025	10:00 – inédito 19:30 – reprise	Vozes negras na cultura francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais

Por ser verdade o descrito acima, firmo o presente.

21.698.080/0001-70

**Video Produções Liporoni
LTDA - ME**

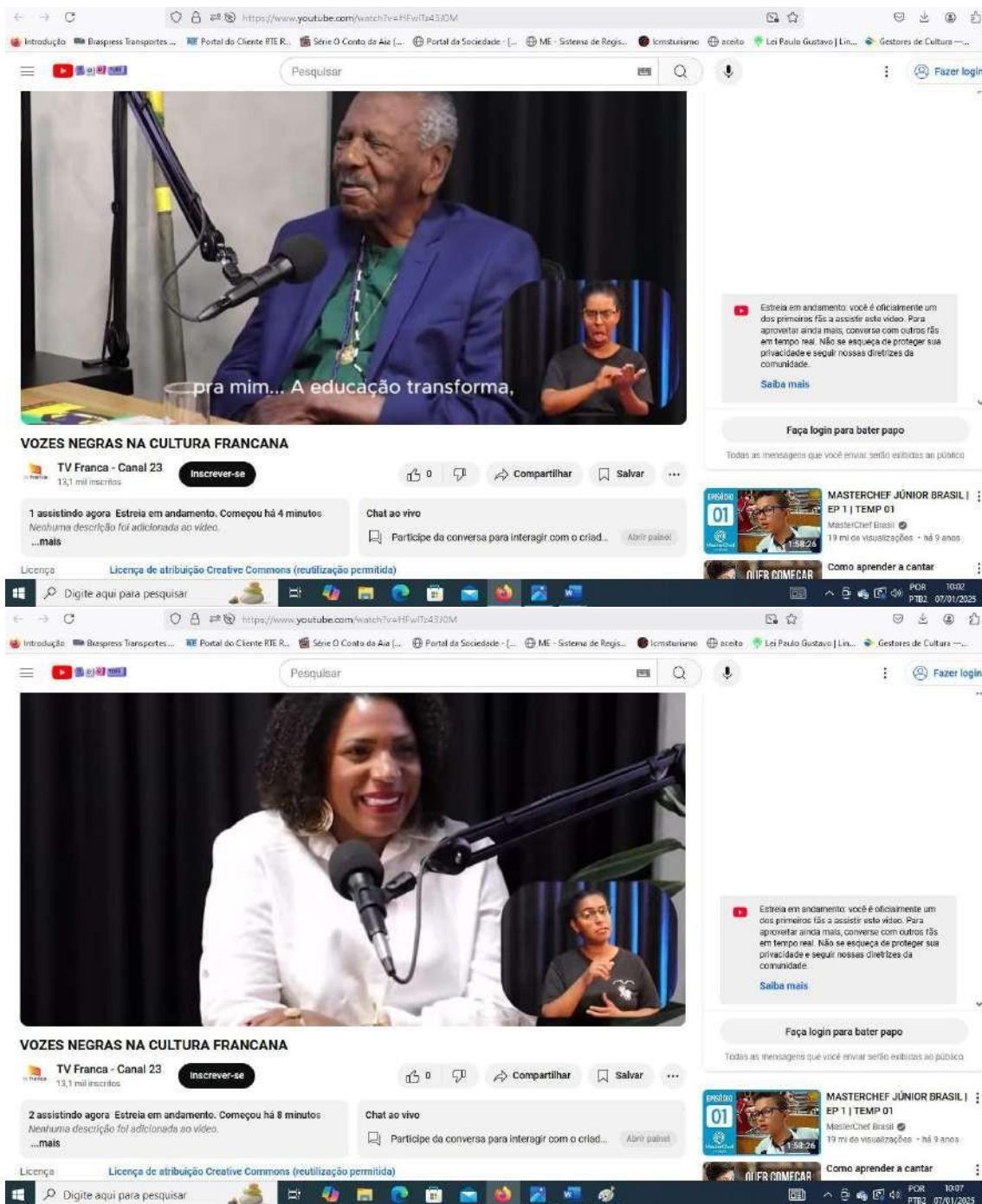
Ressiany Ruy J. Cintra
Av. Major Nicácio nº 1700 Sala 02
Centro CEP 14.400-850
Franca - SP

A TV QUE MOSTRA VOCÊ!

24h NO AR

www.tvfranca23.com.br

O CURTA-METRAGEM FOI EXIBIDO NA TV E, SIMULTANEAMENTE, NO CANAL DE YOUTUBE DA TV FRANCA – CANAL 23



The image displays two screenshots of a YouTube video player interface, showing a podcast episode from TV Franca - Canal 23. The video is titled "VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA" and features an older man and a woman speaking into microphones. The interface includes the video player, channel information, and a chat window.

Top Screenshot:

- Video Player:** Shows a man speaking into a microphone. The video title is "VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA". The channel is "TV Franca - Canal 23" with 13,1 mil inscritos.
- Channel Info:** "TV Franca - Canal 23" with 13,1 mil inscritos. A button "Inscrever-se" is visible.
- Chat Window:** Shows a live chat with the text "1 assistindo agora Estreia em andamento. Começou há 4 minutos. Nenhuma descrição foi adicionada ao vídeo. ...mais".
- Right Side:** A notification banner says "Estreia em andamento: você é oficialmente um dos primeiros fãs a assistir este vídeo. Para aproveitar ainda mais, converse com outros fãs em tempo real. Não se esqueça de proteger sua privacidade e seguir nossas diretrizes da comunidade. Saiba mais". Below it is a button "Faça login para bater papo".

Bottom Screenshot:

- Video Player:** Shows a woman speaking into a microphone. The video title is "VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA". The channel is "TV Franca - Canal 23" with 13,1 mil inscritos.
- Channel Info:** "TV Franca - Canal 23" with 13,1 mil inscritos. A button "Inscrever-se" is visible.
- Chat Window:** Shows a live chat with the text "2 assistindo agora Estreia em andamento. Começou há 8 minutos. Nenhuma descrição foi adicionada ao vídeo. ...mais".
- Right Side:** A notification banner says "Estreia em andamento: você é oficialmente um dos primeiros fãs a assistir este vídeo. Para aproveitar ainda mais, converse com outros fãs em tempo real. Não se esqueça de proteger sua privacidade e seguir nossas diretrizes da comunidade. Saiba mais". Below it is a button "Faça login para bater papo".

https://www.youtube.com/watch?v=HFWt243J0M

Introdução Braspress Transportes ... Portal do Cliente RTE R... Série O Conto da Alá ... Portal da Sociedade - L... ME - Sistema de Regis... kmstruismo aceito Lei Paulo Gustavo | Lin... Gestores de Cultura ...

Pesquisar

Fazer login



do rap do interior paulista...

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA

TV Franca - Canal 23 13,1 mil inscritos Inscrever-se

2 assistindo agora Estreia em andamento. Começou há 29 minutos. Nenhuma descrição foi adicionada ao vídeo. ...mais

Chat ao vivo

Participe da conversa para interagir com o criad... Abrir painel

Licença Licença de atribuição Creative Commons (reutilização permitida)

Digite aqui para pesquisar

https://www.youtube.com/watch?v=HFWt243J0M

Introdução Braspress Transportes ... Portal do Cliente RTE R... Série O Conto da Alá ... Portal da Sociedade - L... ME - Sistema de Regis... kmstruismo aceito Lei Paulo Gustavo | Lin... Gestores de Cultura ...

Pesquisar

Fazer login



e nos traz importantes questionamentos

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA

TV Franca - Canal 23 13,1 mil inscritos Inscrever-se

2 assistindo agora Estreia em andamento. Começou há 31 minutos. Nenhuma descrição foi adicionada ao vídeo. ...mais

Chat ao vivo

Participe da conversa para interagir com o criad... Abrir painel

Licença Licença de atribuição Creative Commons (reutilização permitida)

Digite aqui para pesquisar

https://www.youtube.com/watch?v=HFWt243J0M

Introdução Braspress Transportes ... Portal do Cliente RTE R... Série O Conto da Alá ... Portal da Sociedade - L... ME - Sistema de Regis... kmstruismo aceito Lei Paulo Gustavo | Lin... Gestores de Cultura ...

Pesquisar

Fazer login

Estreia em andamento: você é oficialmente um dos primeiros fãs a assistir este vídeo. Para aproveitar ainda mais, converse com outros fãs em tempo real. Não se esqueça de proteger sua privacidade e seguir nossas diretrizes da comunidade. Saiba mais

Faça login para bater papo

Todas as mensagens que você enviar serão exibidas ao público

MASTERCHEF JÚNIOR BRASIL | EP 1 | TEMP 01

MasterChef Brasil 19 mil de visualizações · há 9 anos

Como aprender a cantar

10:27

PTB2 07/01/2025

https://www.youtube.com/watch?v=HFwITs3J0M

Introdução | Braspress Transportes... | Portal do Cliente RTE R... | Série O Conto da Aia... | Portal da Sociedade - L... | ME - Sistema de Regis... | Iconsturismo | aceito | Lei Paulo Gustavo | Lin... | Gestores de Cultura...

Pesquisar

Fazer login



não é, mas porque a mãe dela não tem noção do que

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA

TV Franca - Canal 23 13,1 mil inscritos [inscrever-se](#)

3 assistindo agora Estreia em andamento. Começou há 53 minutos
Nenhuma descrição foi adicionada ao vídeo.
[...mais](#)

Chat ao vivo
Participe da conversa para interagir com o criad... [Abrir painel](#)

Licença Licença de atribuição Creative Commons (reutilização permitida)

Digite aqui para pesquisar

https://www.youtube.com/watch?v=HFwITs3J0M

Introdução | Braspress Transportes... | Portal do Cliente RTE R... | Série O Conto da Aia... | Portal da Sociedade - L... | ME - Sistema de Regis... | Iconsturismo | aceito | Lei Paulo Gustavo | Lin... | Gestores de Cultura...

Pesquisar

Fazer login



mas o protagonismo de toda uma comunidade

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA

TV Franca - Canal 23 13,1 mil inscritos [inscrever-se](#)

3 assistindo agora Estreia em andamento. Começou há 53 minutos
Nenhuma descrição foi adicionada ao vídeo.
[...mais](#)

Chat ao vivo
Participe da conversa para interagir com o criad... [Abrir painel](#)

Licença Licença de atribuição Creative Commons (reutilização permitida)

Digite aqui para pesquisar

https://www.youtube.com/watch?v=HFwITs3J0M

Introdução | Braspress Transportes... | Portal do Cliente RTE R... | Série O Conto da Aia... | Portal da Sociedade - L... | ME - Sistema de Regis... | Iconsturismo | aceito | Lei Paulo Gustavo | Lin... | Gestores de Cultura...

Pesquisar

Fazer login

Estreia em andamento: você é oficialmente um dos primeiros fãs a assistir este vídeo. Para aproveitar ainda mais, converse com outros fãs em tempo real. Não se esqueça de proteger sua privacidade e seguir nossas diretrizes da comunidade.

[Saiba mais](#)

Marley Moraes Bom dia! Que maravilha de documentário.

Faça login para bater papo

Todas as mensagens que você enviar serão exibidas ao público

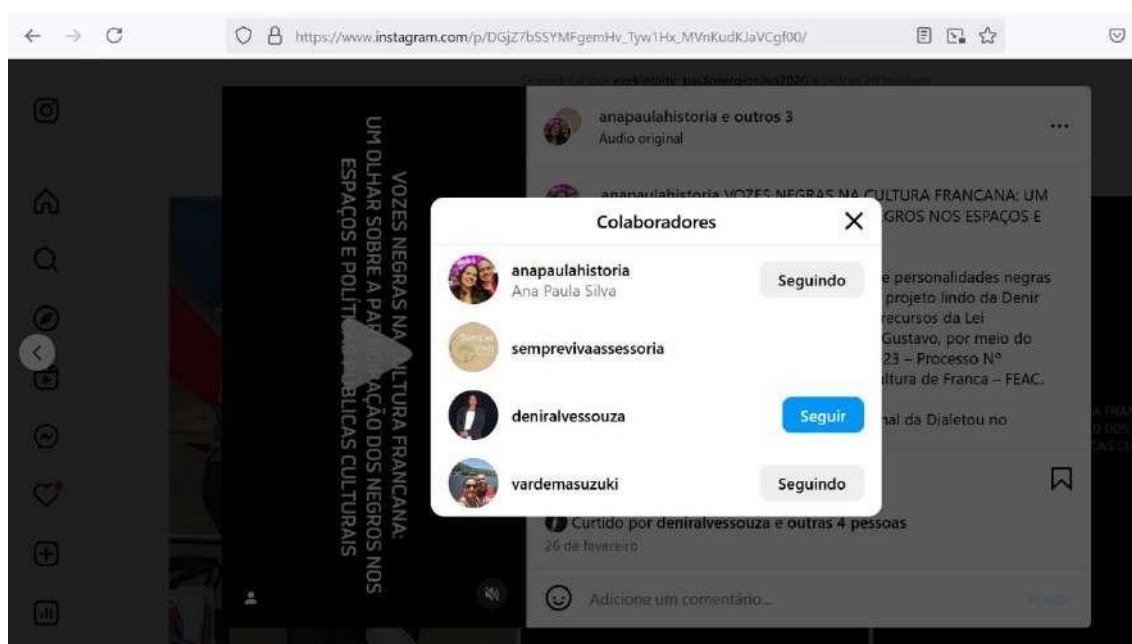
EPISÓDIO 01 MASTERCHEF JÚNIOR BRASIL | EP 1 | TEMP 01
MasterChef Brasil 19 mil de visualizações · há 9 anos

Como aprender a cantar

FOTOS DIVERSAS DA DIVULGAÇÃO DO RECORTE DE 3M21S E DA EXIBIÇÃO DO CURTA-METRAGEM NO TV FRANCA CANAL 23 E NO YOUTUBE REALIZADA PELOS MEMBROS DA EQUIPE TÉCNICA DO PROJETO



Instagram de Ana Paula, Jorge Suzuki e Denir



Instagram de Ana Paula, Jorge Suzuki e Denir

12:51  

< Ana Paula Silva  Q

Posts Fotos Vídeos



Ana Paula Silva está com Jorge Suzuki e Denir Alves.

26 de fev. · 

VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NOS ESPAÇOS E POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS

Quer ouvir histórias de vida e trabalho de personalidades negras da cultura francana? Então assista a este projeto lindo da Denir Alves de Souza, realizado em 2024 com recursos da Lei Complementar Nº 195/2022 – Lei Paulo Gustavo, por meio do Edital de Chamamento Público Nº 12/2023 – Processo Nº 59/2023, da Fundação Esporte, Arte e Cultura de Franca – FEAC.

A íntegra do filme está disponível no Canal da Dialeto no Youtube:

https://youtu.be/W7R7uRmgutw?si=wrdfU9_Rzbi_qtlp

Facebook de Ana Paula, Jorge Suzuki e Denir

Posts Sobre Vídeos Fotos Eventos

https://youtu.be/W7R7uRmgutw?si=wrdfU9_Rzbi_qtlp



  2

1 comentário 90 visualizações



Curtir



Comentar



Enviar

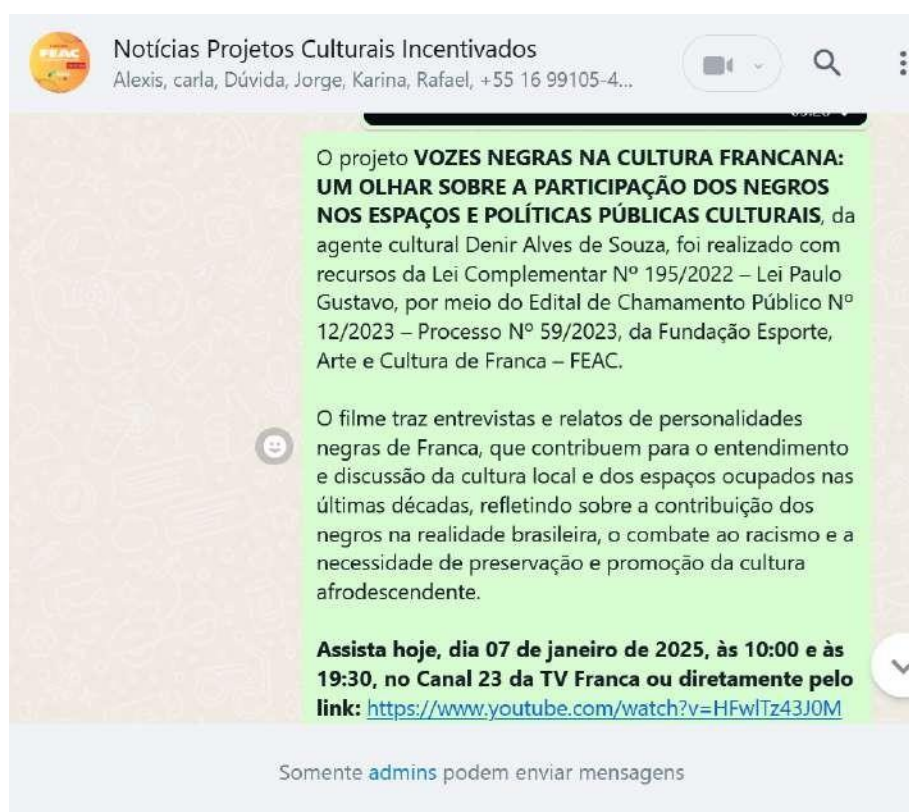


Compartilhar

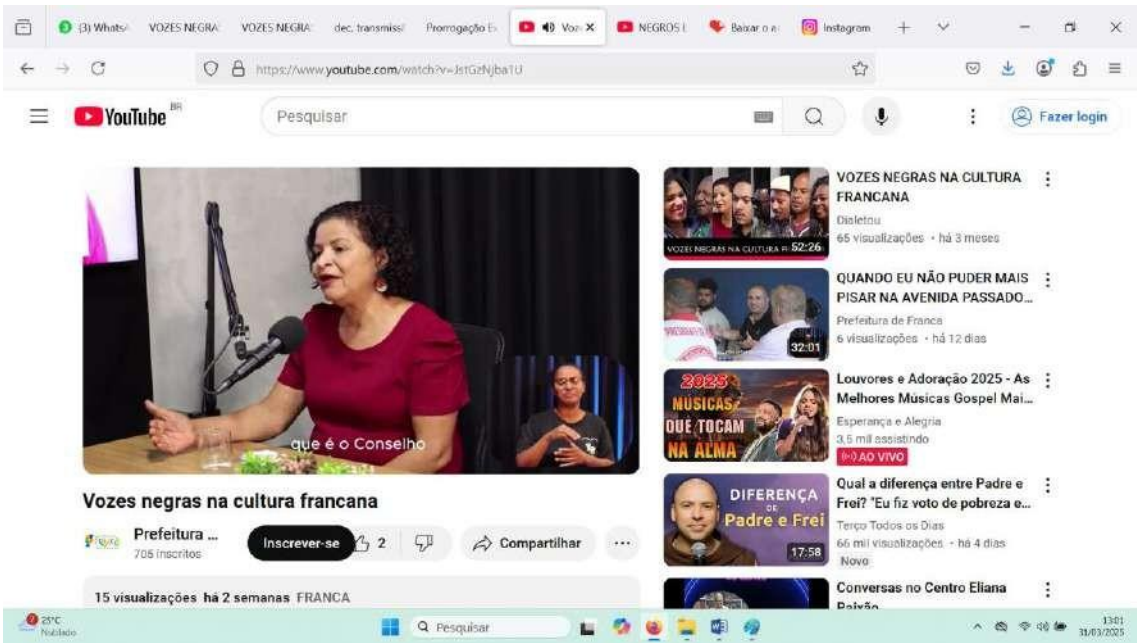
Facebook de Ana Paula, Jorge Suzuki e Denir



Divulgação em grupos de Whatapp



REPLICAÇÃO DO CURTA-METRAGEM NO CANAL DE YOUTUBE DA PREFEITURA DE FRANCA

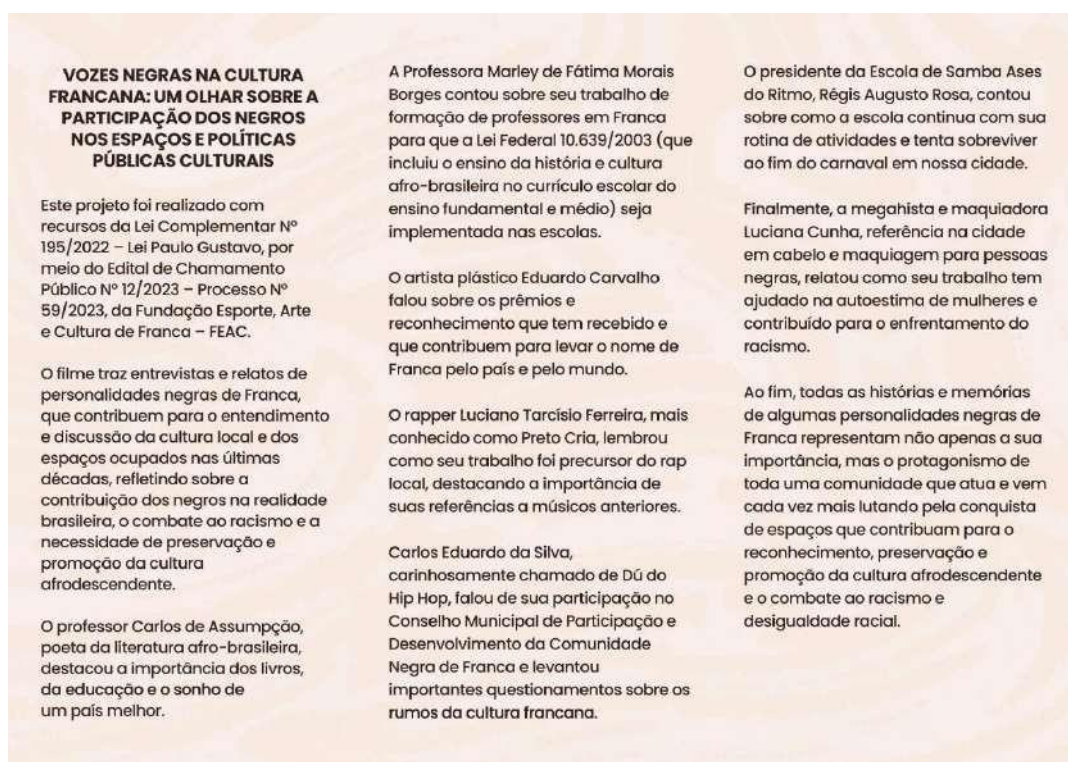


The screenshot displays a YouTube video player interface. The main video shows a woman with dark curly hair, wearing a red top, speaking into a professional microphone. The video title is "Vozes negras na cultura francana". Below the video, the channel name "Prefeitura de Franca" is visible, along with "705 inscritos" (705 subscribers). The video has "15 visualizações" (15 views) and was uploaded "há 2 semanas" (2 weeks ago). The video player includes standard YouTube controls like "Inscrever-se" (Subscribe), "2" likes, and "Compartilhar" (Share). To the right of the main video, a list of recommended videos is shown, including "VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCANA", "QUANDO EU NÃO PUDE MAIS PISAR NA AVENIDA PASSADO...", "Louvores e Adoração 2025 - As Melhores Músicas Gospel Mai...", "Qual a diferença entre Padre e Frei? 'Eu fiz voto de pobreza e...'", and "Conversas no Centro Eliana". The browser's address bar shows the URL "https://www.youtube.com/watch?v=JstGzNjbaTU". The Windows taskbar at the bottom indicates the date as 11/03/2025 and the time as 13:01.

FOTOS DOS PANFLETOS E DVDs PRODUZIDOS



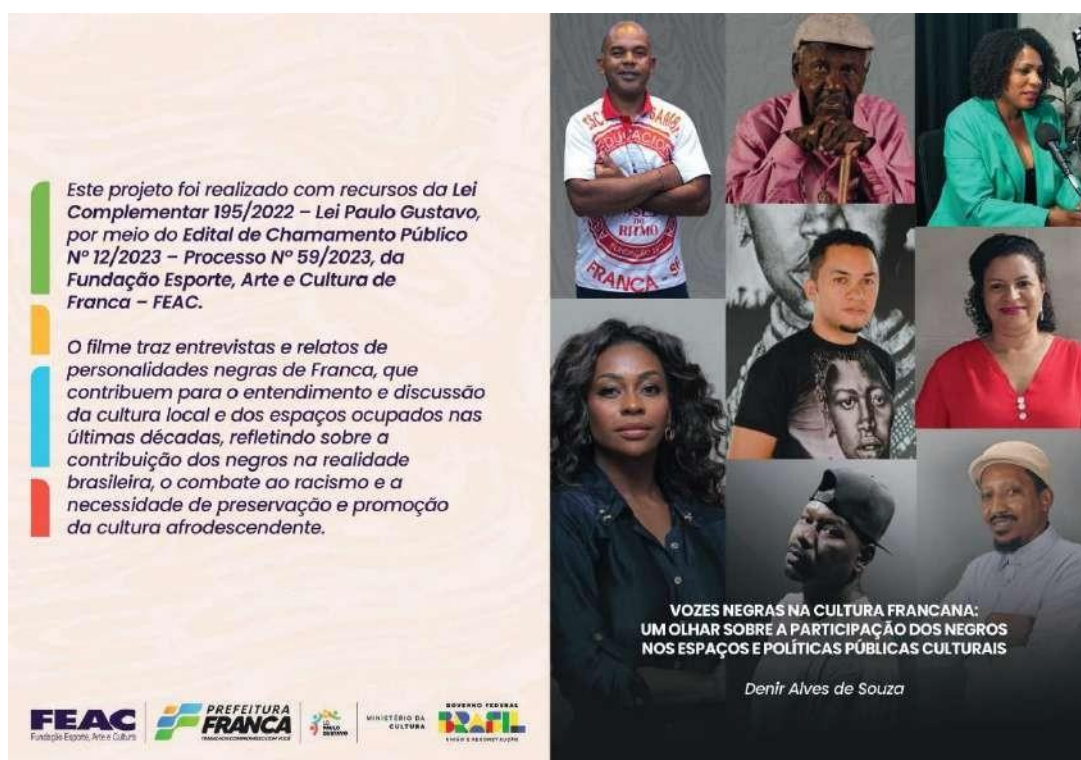
Arte do panfleto – frente



Arte do panfleto – interno



Arte do DVD



Arte da capa do DVD

COMPROVANTE DE ENTREGA DE MATERIAL PARA A SECRETARIA DE CULTURA E ENTREGA DE PANFLETOS E DVDs POR MEIO DE SERVIÇO TERCEIRIZADO

Franca, 24 de fevereiro de 2025

Prezados,

Vimos por meio deste enviar material de divulgação do curta-metragem **VOZES NEGRAS NA CULTURA FRANCA: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NOS ESPAÇOS E POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS**, realizado no ano de 2024 por meio dos recursos da Lei Complementar Nº 195/2022 – Lei Paulo Gustavo, Edital 12/2023, Processo 59/2023 da Fundação Esporte, Arte e Cultura de Franca – FEAC.

A entrega deste material faz parte do cumprimento da “Meta 4 – Distribuição, Democratização de Acesso e Contrapartida” do projeto, que prevê a entrega de folders e DVD do curta-metragem a instituições culturais diversas.

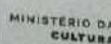
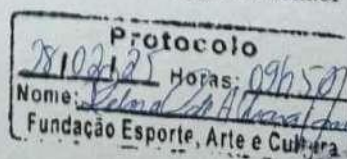
Por se tratar de poucas cópias de cada folder informativo, solicitamos vossa colaboração para que sejam disponibilizados de forma que o maior número de pessoas tenha acesso às informações e ao QR-Code que direciona para o link do Youtube onde o curta-metragem está disponível integralmente. O DVD deve compor o acervo audiovisual da instituição.

Caso seja de vosso interesse, nos colocamos à disposição para quaisquer dúvidas, esclarecimentos ou atividades relacionadas ao projeto desenvolvido. Para isso deixamos registrado o contato da equipe principal do projeto:

- Denir Alves de Souza (responsável do projeto): (34) 9 9925-8242 / dealves101@hotmail.com
- Jorge Brunetti Suzuki (responsável do projeto): (17) 9 8168-8522 / suzukiambiental@yahoo.com
- Ana Paula da Silva: (35) 9 9973-1988 / anapaulahistoria@yahoo.com.br

Atenciosamente,

Denir Alves de Souza



DECLARAÇÃO DE ENTREGA DE PANFLETOS E DVDS

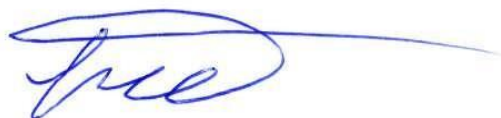
Eu, LEANDRO DANIEL MARQUES, portador do RG 32.374.643-3, CPF 297.052.388-47, residente e domiciliado na Rua Homero Pacheco Alves, 2129, Centro, na qualidade de prestador de serviço autônomo de moto boy, DECLARO para os devidos fins que se fizerem necessários que realizei, no período de 25 a 28 de fevereiro de 2025 a entrega de panfletos e DVDS referentes ao projeto **Vozes Negras na Cultura Francana: um olhar sobre a participação dos negros nos espaços e políticas públicas culturais**, de responsabilidade de **Denir Alves de Souza**, cuja relação de data e horário de entrega e recebedor encontram-se discriminadas abaixo:

Local e endereço	Data/horário da entrega Nome do recebedor
E.E. ADELINA PASQUINO CASSIS R. FRANCISCO PROCÓPIO DE OLIVEIRA, 2860, JARDIM ÉDEN	28/02 – 10:41 João Paulo
COLÉGIO MONTEIRO LOBATO R. EUSEBIO CASSIANO COSTA, 2050, JD. EDEN	18/02 – 10:35 Rodrigo
E.E. ADELMO FRANCISCO DA SILVA R. ZULEIKA LIMA PUCCI, 820, RESIDENCIAL SÃO DOMINGOS	27/02 – 15:51 José Renato
E.E. AGOSTINHO DE LIMA VILHENA R. LUIZ RODRIGUES PEREIRA, 5446, JARDIM NOÊMIA	27/02 – 12:03 Lilian
E.E. ANA MARIA JUNQUEIRA R. DA LIBERDADE, 985, VILA RAYCOS	25/02 – 15:20 Emilli
E.E. ÂNGELO GOSUEN R. FORTALEZA, 1270, JARDIM BRASILÂNDIA	28/02 – 11:40 Carla
E.E. SUELY MACHADO DA SILVA R. PORTO VELHO, 1851, JARDIM BRASILÂNDIA	18/02 – 11:32 Keila
E.E. ÂNGELO SCARABUCCI R. ROSA DEL MONTE, 2941, VILA SCARABUCCI	27/02 – 12:17 Walter
E.E. ANTÔNIO FACHADA R. URSULA POUSA ARAUJO TORRES, 740, PQ. VICENTE LEPORACE I	25/02 – 11:02 Elaine
E.E. SUDÁRIO FERREIRA R. CLOVIS VIEIRA DE ANDRADE, 915, PQ VICENTE LEPORACE II	25/02 – 11:09 Isabel
E.E. ASSUERO QUADRI PRESTES AV. JOSÉ LOPES RIBEIRO, 3960, JARDIM LUIZA II	25/02 – 12:19 Cleide
E.E. CARMEM MUNHOZ COELHO R. DOUTOR WASHINGTON LUIS, 1944, JARDIM BOA ESPERANÇA	26/02 – 13:14 Rita

E.E. CELSO TOLEDO R. ANTÔNIO CONSTANTINO, 814, JARDIM GUANABARA	27/02 – 14:56 Ana Flavia
E.E. DANTE GUEDINE FILHO R. DIONIZIO FACIOLI, 1272, VILA FRANÇA	27/02 – 12:43 – Daniela
E.E. DAVID CARNEIRO EWBANK R. ALBERTO DE AZEVEDO, 1279, VILA SANTOS DUMONT	25/02 – 15:43 Adriana Correa
EJA E.M. NAIR MARTINS ROCHA R. PADRE CONRADO, 1900, VILA SANTOS DUMONT	25/02 – 15:35 Amanda
E.E. EVARISTO FABRÍCIO R. ALÍPIO RESENDE DE ARAUJO, 1000, PROL. JD. AEROPORTO I	27/02 – 11:16 Marcio
E.E. SÉRGIO LEÇA TEIXEIRA R. LEANDRO FERNANDES MARTINS, 1879, JD. AEROPORTO III	27/02 – 11:26 Carla
E.E. HELENA CURY DE TACCA R. DOMINGOS JARDINI, 2321, JARDIM TROPICAL II	25/02 – 11:38 Cinthia
E.E. HÉLIO PALERMO R. ALFREDO CASALE, 1090, JARDIM DERMÍNIO	27/02 – 16:17 Michele
E.E. HOMERO ALVES R. VOLUNTARIOS DA FRANCA, 2127, CENTRO	26/02 – 11:35 Marilda
E.E. TORQUATO CALEIRO R. LIBERO BADARÓ, 1150, CENTRO	26/02 – 10:15 Nayara
COLÉGIO WILIAM CAREY R. ESTEVÃO LEÃO BOURROUL, 2069, CENTRO	26/02 – 11:47 Felipe
COLÉGIO FRANCANO DOM BOSCO R. COUTO MAGALHÃES, 2313, CENTRO	26/02 – 10:25 Stefani
COLÉGIO JEAN PIAGET R. CAMPOS SALES, 1289, CENTRO	26/02 – 12:09 Sinaria
CASA DA CULTURA E DO ARTISTA FRANCANO “ABDIAS DO NASCIMENTO” R. DR. ALCINDO RIBEIRO CONRADO, 1516, CENTRO	26/02 – 9:50 Josefina
CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICAS CULTURAIS DE FRANÇA R. DR. ALCINDO RIBEIRO CONRADO, 1516, CENTRO	26/02 – 9:50 Josefina
FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA – BIBLIOTECA AV. MAJOR NICÁCIO, 2377, CENTRO	26/02 – 11:03 Ptrícia
BIBLIOTECA MUN. DR. AMÉRICO MACIEL DE CASTRO JR. AV. CHAMPAGNAT, 1808, CENTRO	26/02 – 10:01 Leda

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL JOSÉ CHIACHIRI R. CAMPOS SALLES, 210, CENTRO	26/02 – 9:36 Eduardo
MARIA MARGARIDA BORGES – DIRETORA DO MUSEU HISTÓRICO R. CAMPOS SALLES, 210, CENTRO	26/02 – 9:36 Eduardo
COMDECON AV. CHAMPAGNAT, 1740, CENTRO	26/02 – 9:40 Dandara
SECRETARIA DE AÇÃO SOCIAL AV. CHAMPAGNAT, 1740, CENTRO	26/02 – 9:40 Dandara
ETEC DR. JÚLIO CARDOSO R. GENERAL CARNEIRO, 1675, CENTRO	26/02 – 12:02 Gersino
GRUPO MULHERES DO BRASIL FRANCA R. CAPITÃO ZECA DE PAULA, 510	26/2 – 17:30 Selma
E.E. ISRAEL NICEUS MOREIRA R. LUIZ TARDIVO, 511, JARDIM SANTA EFIGÊNIA	27/02 – 16:25 Eledinei
E.E. JERÔNIMO BARBOSA SANDOVAL R. DOUTOR MANOEL NICACIO, 425, VILA NICÁCIO	25/02 – 15:06 Jane Mello
E.E. JOÃO MARCIANO DE ALMEIDA R. ESPIRITO SANTO, SN, VILA APARECIDA	28/02 – 16:42 Amin
COLÉGIO SOBERANO R. RIO GRANDE DO SUL, 867, VILA APARECIDA	28/02 – 16:28 Antônio
E.E. CAPITÃO JOSÉ PINHEIRO DE LACERDA R. PROF. LAERTE BARBOSA CINTRA, 929, RESID. BALDASSARI	27/02 – 12:32 Ana Cláudia
EJA E.M. ANTONIO SICCHIEROLI R. PROFESSOR LAERTE BARBOSA CINTRA, 929, RES. BALDASSARI	27/02 – 12:32 Ana Cláudia
E.E. JÚLIO CÉSAR D'ELIA R. MONSENHOR JOAQUIM CORREA LEANDRO, 2120, JD ALVORADA	27/02 – 11:07 Margarete
E.E. LAURA DE MELLO FRANCO R. JOAO FRANCISCO MURZI, 5210, JARDIM REDENTOR	25/02 – 10:51 Ruth
EJA E.M. MARIA HELENA ROSA BARBOSA R. JOÃO FRANCISCO MURZI, 5210, JARDIM REDENTOR	25/02 – 10:51 Ruth
INSTITUTO SAMARITANO DE ENSINO AV. PROFESSOR MOACIR VIEIRA COELHO, 3125, JD. REDENTOR	25/02 – 11:26 Osmair de Souza
E.E. LUIZ PÁRIDE SINELLI R.DOS GUARANIS, 1181, JARDIM MARTINS	27/02 – 16:33 Liliane
E.E. LYDIA ROCHA ALVES R. DENIZAR TREVIZANI, 2020, JARDIM SANTA BARBARA	27/02 – 11:32 Gislaine

E.E. MARIA CINTRA NUNES ROCHA R. ANA MARIA BONETI, 1461 - JARDIM CAMBUÍ	25/02 – 12:35 Amanda
E.E. MARIA DO CARMO SILVA FERREIRA R. ALCEU PEDIGONI, 250 - JARDIM SIMÕES	27/02 – 16:57 Ana Carolina
E.E. MARIA PIA SILVA CASTRO R. ANTÔNIO BRENTINI, 851 - PARQUE DO HORTO	25/02 – 12:05 Regina
E.E. MÁRIO D'ELIA R. COUTO MAGALHÃES, 777, JARDIM CONSOLACAO	26/02 – 12:33 Alexandra
LICEU FRANCANO DE ENSINO R. HOMERO PACHECO ALVES, 555, JARDIM CONSOLAÇÃO	26/02 – 12:19 Carlos
LABORATÓRIO DAS ARTES R. CUBA, 1099, JD. CONSOLAÇÃO	26/02 – 15:13 Atalie Ferreira
E.E. MICHEL HABER R. JOÃO FERREIRA DOS SANTOS, 561, JARDIM PAULISTANO	28/02 – 11:50 Cléber
E.E. ODETE BUENO RIBEIRO R. CAPITÃO OSÓRIO DE PAULA MARQUES, 1940, RESIDENCIAL MOREIRA JÚNIOR	25/02 – 11:54 Ulisses
ETEC PROF. CARMELINO CORRÊA JÚNIOR RODOVIA CÂNDIDO PORTINARI, KM 405 - CITY PETRÓPOLIS	25/02 – 12:54 – Oswaldo
E.E. ORLIK LUZ AV. COELHO NETTO, 201, CITY PETROPOLIS	25/03 – 12:43 Baltazar
CDP DE FRANCA AV. DR. SIDNEY ROMEU DE ANDRADE, SN, CITY PETROPOLIS	25/02 – 13:09 Eduardo
FUNDAÇÃO CASA AV. DR. SIDNEY ROMEU DE ANDRADE, SN, CITY PETROPOLIS	25/02 – 13:09 Thaís
E.E. OTÁVIO MARTINS DE SOUZA R. JOÃO FERREIRA FONTELAS, 225, VILA CHICO JÚLIO	25/02 – 14:47 Maicon
E.E. PEDRO NUNES ROCHA R. JOVIANO SOARES, 2650, VILA EUROPA	27/02 – 13:01 - Marina
COLÉGIO MUNDO DO SABER AV. PAULO ROBERTO CAVALHEIRO COELHO, 1301, VILA EUROPA	27/02 – 13:07 Rafaela
E.E. ROBERTO SCARABUCCI R. JOSÉ DE ANDRADE PINTO, 6325, RESIDENCIAL ANA DOROTHEA	28/02 – 16:04 Erica
E.E. STELLA DA MATTA AMBRÓSIO R. ANICETO DEODATO DINIZ E SILVA, 2600, JARDIM PULICANO	27/02 – 16:42 Hermes



E.E. VICENTE MINICUCCI R. JOSÉ ANTÔNIO DOS SANTOS, 1722, RECANTO ELIMAR	27/02 – 11:49 Érica
ESCOLA AFETO & CIA AV. JAIME TELLINI, 4507, BELVEDERE BANDEIRANTE	28/02 – 15:51 Renato
COLÉGIO AGUILAR R. OSÓRIO ARANTES, 530, VILA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	26/02 – 12:53 Micaela
NOVO COLÉGIO R. FRANCISCO PESCE, 310, VILA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	26/02 – 12:57 Júlia Ferreira
COLÉGIO CONQUISTA AV. DR. HÉLIO PALERMO, 3612, PROLONGAMENTO VILA DUQUE DE CAXIAS	26/02 – 12:44 Thaís
COLÉGIO ALTO PADRÃO AV. DR. ARMANDO SALES DE OLIVEIRA, 201, PQ. UNIVERSITÁRIO	27/02 – 10:55 Emília
ESCOLA VIVENDA AV. DR. ARMANDO SALES DE OLIVEIRA, 380, PQ. UNIVERSITÁRIO	27/02 – 10:40 Isadora
UNIFRAN – BIBLIOTECA AV. DR. ARMANDO SALLES DE OLIVEIRA, 201, PQ. UNIVERSITÁRIO	27/02 – 10:45 Noel
CENTRO EDUCACIONAL AVIV R. JEREZ BENEDITO DE SOUZA, 1860, JD. PETRÁGLIA	28/02 – 11:17 Aline
UNESP – BIBLIOTECA AV. EUFRÁSIA MONTEIRO PETRÁGLIA, SN, JD. PETRÁGLIA	28/02 – 10:58 Miguel
UNESP – LABORATÓRIO DE ANÁLISE DE POLÍTICA AV. EUFRÁSIA MONTEIRO PETRÁGLIA, SN, JD. PETRÁGLIA	28/02 – 11:05 Gibson
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E APOIO À PESQUISA HISTÓRICA – CEDAPH AV. EUFRÁSIA MONTEIRO PETRÁGLIA, SN, JD. PETRÁGLIA	28/02 – 11:05 Gibson
PONTO DE CULTURA ESPAÇO NULO R. MARIA CANDIDA DE VILHENA, 530, JD. PETRÁGLIA	28/02 – 10:50 Vitor Hugo
COLÉGIO CAETANO CAPRICIO R. MANOEL VALIM, 639, JD. AMÉRICA	28/02 – 16:35 Marcia
ESCOLA CAMINHO SUAVE R. EURIPEDES BARSANULFO, 1101, VILA FORMOSA	27/02 – 17:19 Livia
ESCOLA LUZ MONTESSORI R. PEDRO BERDU DIAS, 3373, VILA FORMOSA	25/02 – 14:41 Taís
COLÉGIO PORTINARI R. CAVALHEIRO ANGELO PRESOTTO, 297, SÃO JOSÉ	27/02 – 12:24 Daiane

UNI-FACEF – BIBLIOTECA AV. ALONSO Y ALONSO, 2400, SÃO JOSÉ	26/02 – 11:15 Tiago Batista
COLÉGIO COPÉRNICO AV. ISMAEL ALONSO Y ALONSO, 1826, JARDIM VENEZA	26/02 – 11:24 Ana Elisa
COLÉGIO INFACAPE RUA DO COMÉRCIO, 1482, CENTRO	26/02 – 9:55 Fátima
FAMEF – BIBLIOTECA AV. ALONSO Y ALONSO, 1826, JD. VENEZA	26/02 – 11:24 Ana Elisa
COLÉGIO GANDOLFI R. DIONISIO FACIOLI, 1654, VILA INDUSTRIAL	27/02 – 12:50 Mariana
COLÉGIO JESUS MARIA JOSÉ R. FRANCISCO TÁRSIA, 733, JD. CALIFORNIA	25/02 – 15:30 Lucas
COLÉGIO DA VINCI R. AFONSO PENA, 856, CIDADE NOVA	26/02 – 10:32 Keila
COLÉGIO PESSOA R. AFONSO PENA, 856, CIDADE NOVA	26/02 – 10:32 Keila
ESCOLA PESTALOZZI R. JOSÉ MARQUES GARCIA, 197, CIDADE NOVA	26/02 – 10:43 Rafael Lucas
INSTITUTO ARTE E VIDA R. JOSÉ MARQUES GARCIA, 395, CIDADE NOVA	26/02 – 10:35 Gabriela
COLÉGIO MUNDO DO SABER R. ALICE NAVES DE OLIVEIRA, 730, RES. NOSSO LAR	25/02 – 11:20 Meire
COLÉGIO PESSOA AV. DR. HÉLIO PALERMO, 4062, JD. SAMELLO	26/02 – 13:09 Ana Beatriz
SESI AV. SANTA CRUZ, 2870, JD. CENTENÁRIO	27/02 – 12:12 Sirlei
ESCOLA TOLOUSE-LAUTREC R. ALFREDO TOSI, 1300, NÚCLEO AGRÍCOLA ALPHA	27/02 – 10:34 Michele
COLÉGIO VILLA LOBOS AV. DR. HÉLIO PALERMO, 3582, PARQUE TRES COLINAS	26/02 – 12:47 Luís Guilherme
SENAC – BIBLIOTECA R. ALFREDO LOPES PINTO, 1345, VILA TEIXEIRA	28/02 – 16:45 Heron
SESC – DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO CULTURAL AV. ALONSO Y ALONSO, 3071, PROL. JD. PAULISTA	28/02 – 16:20 Yuri
FATEC – BIBLIOTECA R. IRENIO GRECCO, 4580, VILA IMPERADOR	25/02 – 14:30 Thales



CONDEPHAT

R. FREDERICO MOURA, 1517, CIDADE NOVA

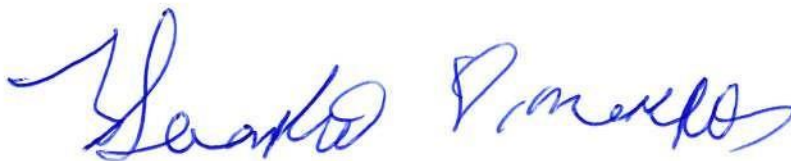
26/02 – 14:51

Marcela

Por ser verdade a presente declaração firmo a presente.

Franca, 28 de fevereiro de 2025

LEANDRO DANIEL MARQUES



EXTRATO DA CONTA CORRENTE DO PROJETO COM SALDO ZERADO

		Extrato de Conta Corrente	
Cliente:		DENIR ALVES DE SOUZA	
		Agência: 53-1 Conta: 103627-0	
Lançamentos			
Dia	Histórico	Valor	
18/10/2024	Saldo Anterior	0,00 (+)	
28/02/2025	S A L D O	0,00 (+)	
Total Aplicações Financeiras		0,00	
* Saldos por dia Base			
Sujeitos a confirmação no momento da contratação			

Franca, 31 de março de 2025

gov.br Documento assinado digitalmente
DENIR ALVES DE SOUZA
Data: 31/03/2025 22:22:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Denir Alves de Souza